

theresa catharina de góes campos

O progresso das comunicações diminui a solidão humana?

Uma interpretação histórica das comunicações gráficas e
áudio visuais desde a pré-história até o Intelsat

O PROGRESSO DAS COMUNICAÇÕES DIMINUI A SOLIDÃO HUMANA?

THERESA CATHARINA

A Comunicação abrange hoje uma vasta faixa da área do conhecimento e do ensino. Cada momento de nossa era é marcado violentamente por um novo meio, um novo processo, uma nova descoberta, que alteram de imediato, uma série de atitudes e de condicionamentos entre o viver e o sentir. Aparentemente simples, o estudo e a interpretação desses fenômenos, são na verdade transcendentais e complexos, necessitando aqueles que se iniciam nesse aprendizado, de um meio simples, direto, e, que contenha uma visão global do fenômeno.

Este livro se propõe atingir esse objetivo.

Despretensioso, relatando de forma sucinta e encadeada, as fases, as descobertas, os eventos, que realmente marcaram em definitivo as mutações da sociedade humana, propõe uma indagação até certo ponto metafísica, pois considera a Comunicação como um dado não apenas científico, mas também, de caráter subjetivo espiritual.

Como toda ciência, a Comunicação é universal, e seu estudo, inerente à condição humana, não importando quadrante, condição social, estágio cultural.

A bibliografia existente em português esta afeta aos livros traduzidos de autores renomados, mas que nem sempre satisfazem a certas conceituações de ordem local. O livro de Theresa Catharina coloca o assunto em termos brasileiros e de forma curricular. Atenderá perfeitamente ao ensino da matéria dentro da realidade brasileira, citando, interpretando, dando luzes aqueles que desejam se ilustrar, sem o enfado e a dissonância de nomes e de experimentações, nem sempre familiares, aos nossos ouvidos e a nossa sensibilidade.

Roteiro seguro para o estudo da matéria tanto importará na estante do professor como do aluno. Com essa intenção, trazemos essa publicação a apreciação de todos que se interessam pelo mais vibrante e imprescindível estudo da nossa era, a Comunicação.

THERESA CATHARINA DE GÓES CAMPOS

O progresso das comunicações diminui a solidão humana?

Uma interpretação histórica das comunicações gráficas e áudio visuais desde a pré-história até o Intelsat

Lidador

Primeira edição: Fevereiro de 1970

Copyright © 1970 by THERESA CATARINA DE GÓES CAMPOS

Capa de ISABELLA

Contratados todos os direitos de publicação total ou parcial pela EDITÔRA LIDADOR LTDA. —
Rua Aires Saldanha, 98-A, Rio de Janeiro — BRASIL.

A MEUS PAIS – num preito de amor e gratidão

APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Theresa Catharina de Góes Campos é potiguar, formada em Jornalismo pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, tradutora para Inglês e Francês do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, foi produtora radiofônica na Rádio Planalto de Brasília e na TV Nacional Canal 13, de programas educativos e culturais. Foi também Professora de História da Comunicação e de Ética e Legislação da Imprensa e Radiofusão na Universidade de Brasília, bem como, Professora da Faculdade de Educação, para assuntos de jornais, rádios e TV. Trabalhou na Fundação Brasil Central. Atualmente é Redatora e Produtora da Rádio Tamandaré e da Televisão Rádio Clube, Canal 6. Além dessas funções, é Diretora da Rádio Universitária e Professora de Televisão do Centro Educativo de Comunicações Sociais do Nordeste (CECOSNE), todas essas funções exercidas na cidade de Recife, onde reside. Tem quase pronto um livro sobre Televisão, que deverá ser publicado brevemente.

Os editores

SUMÁRIO

PREFÁCIO

1 - PRIMÓRDIOS DA COMUNICAÇÃO HUMANA

Introdução

A Comunicação do Homem das Cavernas

Comunicação Sonora

Sinalização

Outros Meios Primitivos de Comunicação

Informações Registradas em Monumentos

Os Pombas

Os Atletas de Maratona

As Narrativas dos Profetas Hebreus

Os Documentos Mais Antigos

Os Historiógrafos Babilônios

Fragments Arqueológicos Não Decifrados

A Comunicação Através do Desenho

As Pinturas de Altamira

Desenhos Como Instrumento de Crítica

Os Mártires da Caricatura

Manifestações Sistemáticas

Diário Oficial no Egito

Os Anais dos Pontífices Romanos

As "Acta Diurna"

2 - OS PRIMEIROS REPÓRTERES

Jornal Falado na Grécia e em Roma

No Império de Alexandre Magno

O Pregoeiro

Antecedentes da Imprensa Clandestina

As Cartas

Epístolas de São Paulo

Notícias Manuscritas

Trovadores e Jograis

Marco Polo

3 - DO PAPIRO AO PAPEL ATÉ A QUIROXILOGRAFIA

Antecedentes do Papel

Substituição do Papiro pelo Pergaminho

O Papel de Trapo e as Primeiras Fábricas

A Gravura

Gravadores Famosos

A Xilografia

Do Manuscrito aos Caracteres Móveis - a Quiroxilografia

4 - A IMPRENSA

Gutenberg e os Incunábulos

Utilização e Contrôles das Informações

5 - A IMPRENSA NO VELHO MUNDO

Notícia do Brasil na Alemanha
Os Primeiros Periódicos
A Imprensa no Japão

6 - A IMPRENSA NO NOVO MUNDO

O Primeiro Jornal dos Estados Unidos
A Liberdade de Imprensa
Imprensa e Reforma Social
O Primeiro Diário dos Estados Unidos
A Atuação de Tom Paine
Garrison e o "Liberator"
Um Mártir da Imprensa

7 - A IMPRENSA NO BRASIL

Primeiras Tipografias
A Imprensa Régia
A "Gazeta do Rio de Janeiro"
Hipólito da Costa e o "Correio Braziliense"
Imprensa e Liberdade no Brasil
Os Primeiros Periódicos
"O Farol Paulistano"
A Primeira Mulher no Jornalismo Brasileiro
A Caricatura nos Primórdios da Imprensa Brasileira

8 - O JORNALISMO BRASILEIRO NAS LUTAS POLÍTICAS

João Soares Lisboa
A Causa da Independência e a Imprensa Baiana
O "Diário de Pernambuco" e o "Jornal do Comércio"
Na Regência e no Primeiro Reinado
Evaristo da Veiga
Liberio Badaró
Cipriano Barata
Frei Caneca
Joaquim Serra
O Valor da Imprensa

9 - A INDUSTRIALIZAÇÃO DOS MEIOS DE INFORMAÇÃO NO BRASIL

A Publicidade nos Primeiros Tempos do Jornalismo Brasileiro
O Primeiro Anúncio a Côres
Da Imprensa Escrita à Sonora

10 - A TECNOLOGIA MODERNA A SERVIÇO DA COMUNICAÇÃO

O Telégrafo e Morse
As Grandes Invenções no Final do Século XIX
O Telefone e Bell
O Linotipo e Mergenthaler
A Telecomunicação
Os Satélites e Sua Utilidade
Gravuras Sonoras
A Revolução da Cibernética

11 - A DRAMATIZAÇÃO COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO: TEATRO E CINEMA

O Teatro na Antiguidade
O Teatro na Idade Média
O Teatro na Idade Moderna: Shakespeare, Corneille, Racine e Molière
As Óperas de Wagner
O Teatro Contemporâneo (Ibsen, Bernard Shaw, Tchekov, Jean Cocteau, Garcia Lorca, Pirandello, Tennessee Williams, Faulkner e Sartre, Sartre e Paul Claudel, Eliot, Edward Albee e a Incomunicabilidade)
Antecedentes do Cinema
O Cinematógrafo e os Irmãos Lumière
George Méliès, o "Mágico da Tela"
James Williamson
Alfred Collins
A Primeira Atriz Cinematográfica
O Cinema Atual e Sua Importância
O cineasta Federico Fellini

12 - O TEATRO NO BRASIL

O Teatro e a Catequese
José de Anchieta
O Primeiro Comediógrafo Brasileiro
O Século XVII e a Ausência de Teatro
Os Inconfidentes de Vila Rica
Gonçalves de Magalhães e a Primeira Tragédia Brasileira
Martins Pena e a Primeira Comédia Brasileira
O Teatro de Gonçalves Dias
Joaquim Manoel de Macedo
José de Alencar
Álvares de Azevedo
Castro Alves
Machado de Assis
França Júnior, o Continuador de Martins Pena
Artur de Azevedo e sua Atuação no Teatro da Época
Coelho Neto
O Teatro Contemporâneo
O Teatronco do CECOSNE

13 - O DOMÍNIO DA COMUNICAÇÃO NO MUNDO ATUAL

APÊNDICES

I - Estatística da UNESCO sobre os Leitores de Jornais
II - Programação de uma Emissora do Nordeste brasileiro: a Rádio Universitária, do Recife
III - Cinema e Educação - adaptação do livro de Irene Tavares de Sá
IV - A Mensagem de Cada Filme

BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

Este livro foi escrito com um único objetivo: despertar o leitor comum para a leitura de obras mais completas sobre as Comunicações, a sua evolução histórica e o seu profundo significado para a vida humana. Não é um livro completo porque se destina especialmente aos que consideram o assunto um tanto maçante; aos que não gostam de ler folhas e mais folhas repletas de nomes e datas; aos que ficam aborrecidos, se obrigados a esgotar a matéria exaustiva e cronologicamente; aos que não têm tempo para ler, página por página, as obras completas.

Façam de conta que este livro é uma conversa informal sobre Comunicações. Neste bate-papo, procurei chamar a atenção para os fatos mais interessantes ou originais, sempre buscando atrair o espírito do leitor cansado após um exaustivo dia de trabalho, em nossa vida cotidiana repleta de compromissos profissionais e familiares. Como ocorre num bate-papo, alguns temas foram apenas citados ou pouco desenvolvidos; outros, ficaram relegados ao esquecimento, ou melhor, deixados à mercê do interesse do leitor, que deverá procurá-los em outras obras, como o caso do cinema no Brasil.

Desejando oferecer ao leitor um panorama geral da evolução histórica das Comunicações, fiz questão de destacar aspectos humanos e até mesmo sentimentais. Assim, Alexander Bell e Ottmar Mergenthaler são apresentados ao leitor juntamente com as suas respectivas esposas, mostrando a influência que exerceram na vida e realizações dos respectivos marido. A cada fato histórico, segue-se a interpretação e o significado do mesmo para a humanidade. Isso porque a matéria, longe de ser impessoal, fria, simplesmente técnica, é profundamente humana, com ressonâncias pessoais, familiares, sociais, nacionais e internacionais.

Na escolha dos temas, o critério foi o seguinte: importância histórica do fato; originalidade; se exerceria ou não um poder de atração sobre o interesse do leitor; se exemplificaria claramente o significado das Comunicações nas relações humanas; seu aspecto construtivo; se conduziria o leitor a comprovar, por ele mesmo, que o progresso das Comunicações diminui a solidão humana.

T.C.G.C.

1 - PRIMÓRDIOS DA COMUNICAÇÃO HUMANA

Introdução

À medida que os anos passam, aumentam os meios de comunicação de que dispomos. Constitui um grande desafio para a nossa civilização utilizar êsse desenvolvimento dos meios de comunicação para diminuir a solidão humana, para aproximar os sêres humanos, cada vez mais, uns dos outros.

Todo homem necessita comunicar-se com alguém. Quando não consegue compreender, nem ser compreendido, sente-se infeliz. Cada um de nós traz dentro de si uma mensagem que precisa ser transmitida, independentemente de períodos históricos ou de níveis sócio-econômicos.

A comunicação do homem das cavernas

Desde a época em que os sêres humanos viviam em cavernas, desejaram estabelecer um elo entre êles e o mundo a seu redor, entre êles e as gerações futuras. Os arqueologistas encontraram numerosas pinturas nas paredes das primitivas cavernas: reproduções de cenas comuns da existência, desenhos de caçadores e dos animais conhecidos, atividades diversas. Os estudiosos declararam que as figuras parecem "vivas", tal a fôrça dos traços e a fidelidade aos modelos reais.

Comunicação sonora

Nenhuma sociedade ou grupo humano prescindiu da informação. O homem primitivo, o homem das cavernas ou o selvagem, que não conhecia a escrita, que apenas iniciava a vida em comum, fazia jornalismo. Transmitem aos seus semelhantes, à sua tribo, com regularidade e freqüência, interpretando-os, os fatos de interesse: o resultado da caça ou da pesca, a aproximação de inimigos. Com êsses informes, feitos oralmente ou por sinais e sons convencionados, a tribo tomava essas ou aquelas providências.

Diversos instrumentos foram meios de comunicação sonora: a trombeta, o tambor, a inúbia.

Sinalização

Nos primórdios da comunicação entre os homens, encontramos a sinalização, utilizando fanais e fogueiras. Os gregos empregavam a conjugação de sinais luminosos para se informarem de fatos ocorridos a uma distância de três ou quatro dias. Através da narrativa sobre a Primeira Guerra Macedônica, sabemos que as tropas de Felipe se orientavam por fanais, colocados no Monte Tisé.

Os archotes, dissipando a escuridão, anunciaram ordens às legiões romanas.

Outros meios primitivos de comunicação

As cordas de nós coloridos dos peruanos, as cintas de conchas variadas dos iroqueses, os hieróglifos, os sinais assírios, persas e astecas, são exemplos de instrumento de comunicação. O diversos símbolos conservaram a informação rudimentar de acontecimentos contemporâneos — em pedra, pau, barro, metal, conchas, fibra, pele — antes do aparecimento do papel.

Informações registradas em monumentos

Não se constituindo matéria histórica, seriam divulgadas em qualquer jornal as vinte curas milagrosas gravadas nas estelas do oráculo de Esculápio, em Epidauro; entre elas, a de um coitado

que engolira sanguessugas por artes da sogra e a de um teful a quem o deus fizera nascer cabelos, esfregando-lhe a calva com certo unguento.

Os pombos

Os pombos transportaram sob as asas mensagens urgentes; voavam silenciosamente para comunicar alguma coisa a alguém ou a determinado grupo.

Os atletas de maratona

Se os soldados de Roma dispunham de seus próprios meios de comunicação, os atletas da Antiguidade transformaram a famosa Corrida de Maratona numa oportunidade de encontro com desportistas de diferentes origens.

As narrativas dos profetas hebreus

Notícias e informações nos foram divulgadas pelos profetas hebreus e upanichades hindus. As narrativas dos profetas hebreus: Isaías, Ezequiel, Elias, Jonas, Daniel, são bem variadas. Tomemos um trecho de Daniel, capítulo 3, versículos 1 a 24. Suas palavras não têm apenas um valor religioso. O profeta registra comunicações valiosas sobre: organização governamental, totalitarismo, preconceito racial dos caldeus com relação aos judeus, a firmeza e fé destes últimos, instrumentos musicais, etc. Vejamos o texto:

"Naqueles dias, o rei Nabucodonosor mandou fazer uma estátua de ouro de sessenta côvados de altura e seis de largura, e colocou-a na planície de Dura, na província de Babilônia. O rei Nabucodonosor mandou depois convocar os sátrapas, magistrados e juízes, capitães e governadores, os prefeitos e todos os príncipes das províncias, para assistirem à dedicação da estátua que o rei Nabucodonosor erigira... Estavam, pois, de pé, diante da estátua que o rei Nabucodonosor havia erguido e um pregoeiro anunciava em voz alta: Manda-se a vós todos, povos, tribos e nações de tôdas as línguas, que, na hora em que ouvirdes o som da trombeta, da flauta e da citara, da sambuca, do saltério, da sanfonia e de todo gênero de instrumentos musicais, vos prosteis e adoreis a estátua de ouro mandada erigir pelo rei Nabucodonosor. E todo aquêle que se não ajoelhar e não adorar a estátua, será imediatamente lançado numa fornalha ardente (...) ... Chegando ao mesmo tempo alguns caldeus, acusaram os judeus."

O profeta Daniel prossegue, narrando os fatos como aconteceram. Descreve como os judeus acusados foram lançados a uma fornalha ardente, com suas vestes, sem aceitarem negar a sua fé num único Deus, e como "andavam no meio das chamas, louvando a Deus e bendizendo ao Senhor."

Os documentos mais antigos

Os mais antigos documentos, conservados e decifrados, dos tempos heróicos, são: a inscrição de Yu, o Grande; e o Mármore de Paros. A inscrição gravada por Yu, o Grande, sobre o monte Heng-Chan, na China, cêrca de 2.200 antes de Cristo, registra o Dilúvio. O chamado Mármore de Paros, encontrado no século XVI e levado à Inglaterra pelo conde de Arundel, nos proporciona acompanharmos a fundação de Atenas, dia a dia.

Os historiógrafos babilônios

Flavius Josephus afirmou que os babilônios contavam com historiógrafos, encarregados de escrever o resumo dos acontecimentos públicos, e que teria sido utilizando êsse material que Bérose compôs, no século III antes de Cristo, a sua História da Caldéia.

Fragmentos arqueológicos não decifrados

Entre os fragmentos arqueológicos ainda não decifrados, e que se julga conterem informações jornalísticas, figuram os sinais gravados: nas ruínas Maias e nas pedras da Ilha de Páscoa; e as misteriosas inscrições: das covas de Altamira; de Lagoa Santa, em Minas Gerais; e da Pedra das Vertentes do Rio das Mortes, nos bravios sertões matogrossenses.

A comunicação através do desenho

Depois da palavra falada, o desenho foi a mais antiga expressão jornalística do mundo. Encontramo-lo desde quinze mil anos antes de Cristo, talhado ou pintado nas cavernas da Pré-História. Documentos arqueológicos revelaram desenhos humorísticos, caricaturas e representações humanas, da flora e da fauna.

As pinturas de Altamira

Na região de Altamira, na Espanha, pinturas notáveis foram reveladas ao mundo, nos transmitindo "notícias" sobre o período a que pertencem, com inúmeras informações. Nas pesquisas antropológicas, exercem um importante papel, sendo consideradas como um meio efetivo de comunicação.

Desenhos como instrumento de crítica

No Egito, a maioria dos desenhos tinha um objetivo político, embora retratassem, também, cenas alegres dos costumes da época ou assumissem uma atitude de crítica. Um dos desenhos mais conhecidos representa uma gazela, que se entretém com o leão num jogo parecido com o xadrez; o leão, antes que a partida termine, arrebatou a aposta. Supõe-se que a gazela simboliza os indefesos cidadãos que se arriscam a jogar com os poderosos, no caso, o faraó Ramsés III. Num outro desenho, o dirigente egípcio está caricaturado num gato astuto que conduz um bando de patos inocentes.

Sobre um monumento tebano, critica-se o vício de mulheres da alta sociedade, numa composição talhada: depois que beberam em excesso, algumas senhoras pedem às suas escravas que as auxiliem a ficar de pé, enquanto outras são atendidas em sua agonia.

Os mártires da caricatura

Como outros jornalistas, em todos os tempos, também os desenhistas e caricaturistas têm os seus mártires. Aristófanes se refere ao grego Pausón — "tudo o que fazia era degradar e desfigurar, tornando mais feia a pessoa do que era, pelo que não devia ser mostrada a sua obra aos jovens." Sobre a morte do artista, falou: "O infame Pausón já não vai nos desfigurar mais." De acordo com informações de Plínio, dois outros desenhistas satíricos tiveram morte violenta: Supalus e Athênis. A caricatura, exagerando os traços, destacava-os à atenção do próximo, tornava-os mais visíveis, mais conhecidos, comunicava-os.

Manifestações sistemáticas

Esforcemo-nos, porém, para distinguir, no estudo da evolução das comunicações, os exemplos esparsos, isolados, das manifestações sistemáticas: diários, atas, jornais.

Diário Oficial no Egito

No Egito, em 1750 antes de Cristo, teria circulado um diário oficial, no reinado de Tutmés II, impresso em papiro, além de haver uma circulação constante de "jornais" satíricos, um dos quais combateu acirradamente o faraó Amarsis.

Os anais dos pontífices romanos.

Roma conheceu antes de Júlio César os Anais dos Pontífices, que faziam o balanço político de fim de ano. Havia os Anais secretos e os Anais públicos. Os primeiros formavam os "Comentarii Pontificum"; os segundos, os "Annales Maximi". Somente os "Annale Maximi" eram inscritos sobre uma tábua branca, chamada *álbum*, que o Grande Pontífice, seu redator, mandava afixar defronte de sua própria casa. Depois, com a expansão do Império Romano, surgiram as "Acta Publica", espécie de diário oficial, que levava as notícias de cada dia até as províncias.

Portanto, os romanos, ao construir o seu império, não puderam dispensar a informação, que lhes proporcionava: a vitória sobre os seus opositores; a manutenção do domínio; o estabelecimento de um espírito público convencido da "missão civilizadora" das águias imperiais.

As "Acta Diurna"

Por fim, instituíram-se as "Acta Diurna", que inseriam desde os assuntos políticos até as notícias de matrimônios, enterros, divórcio de gente importante, fenômenos atmosféricos, incêndios etc. A recusa da coroa de rei, por parte de Júlio César, foi também noticiada nas "Acta Diurna".

As "Acta Diurna" constituíram a primeira manifestação jornalística do mundo, por se tratarem de publicação com periodicidade, com tiragem, atualidade e variedade de assuntos. O primeiro número saiu no ano de 69 antes de Cristo. Redigidas pelos repórteres chamados "diurnari", continham páginas esportivas, dedicadas a lutas e competições; colunismo social — a mãe de Nero, Agripina, mandava que fossem registradas todas as audiências que concedia, enquanto a esposa de Cláudio exigia o mesmo, apreciando a citação constante de seu nome. Durante quinze anos, sem interrupção, apesar de não serem propriamente um jornal, como temos nos dias atuais, as "Acta Diurna" faziam jornalismo.

Das Atas do Senado e das ocorrências de interesse público, César ordenou que fossem tiradas cópias particulares, que circulavam dentro e fora de Roma, o que contribuiu para ampliar o campo da informação. As "Acta Diurna" registravam, quando começaram a ser copiadas e movimentadas, acontecimentos diversos: execuções, banquetes, longevidades e fecundidades extraordinárias, crônica social etc. Com a queda do Império Romano, esses jornais primitivos desapareceram.

2. OS PRIMEIROS REPÓRTERES

Os primeiros repórteres eram jornalistas sem jornal. Os romanos do tempo de César, que residiam nas províncias, mantinham a seu serviço um ou vários correspondentes, em geral escravos inteligentes ou libertos, que os colocavam cientes dos acontecimentos públicos. Não se limitavam a dar notícias sobre debates judiciários ou combates de gladiadores; autorizados a assistir às sessões do Senado, transmitiam aos generais e procônsules os discursos e votos dos senadores. O próprio Cícero empregava muitos desses repórteres, que recolhiam as informações com o fim de divulgá-las imediatamente ao público, enquanto os autores de diários e memórias registram os eventos para as consultas da posteridade. Os primeiros repórteres não pretendiam fazer história; sua atividade era periódica, interessada em assuntos variados, e com uma finalidade social imediata.

No livro de Alberto Romero, "O Assunto é Jornal", encontramos o seguinte comentário:

"Se houvesse imprensa no tempo de Pôncio Pilatos, talvez o procurador da Judéia não tivesse perguntado a Jesus o que é a Verdade. Porque antes disso algum repórter, naturalmente, já teria entrevistado o Filho do Homem e escrito uma manchete assim: JESUS: EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA."

César, nos seus "Comentarii de Bello Gallico", registrou que os acontecimentos de vulto alastravam-se pela Gália porque os gauleses os gritavam uns aos outros, através dos campos e vilas; o que se passava em Genabo, de madrugada, era conhecido à tarde nos Arvernos, a 160 milhas de distância.

Jornal falado na Grécia e em Roma

Muito antes de Cristo já havia jornal falado na Grécia e em Roma. O povo se reunia em assembléias políticas na Agora de Atenas. Sócrates ensinava na praça pública a sua filosofia, não tendo deixado nada escrito. Esopo, que demonstrou ser a língua a melhor e ao mesmo tempo a pior coisa do mundo, nada escreveu. Está no mesmo caso Pitágoras, iniciador de tantas escolas filosóficas.

Os historiadores contam que, em Esparta e outras cidades gregas, as leis chegavam ao conhecimento do povo através da música e da poesia. Em quase todos os campos da atividade espiritual, conferiram os gregos maior importância ao som da voz do que ao silêncio da letra. E quando empregavam a linguagem escrita, era sempre na forma de diálogo, como se vê em Platão. Na Roma dos Césares, o jornal falado saía da boca dos escravos ou libertos para as províncias afastadas. Mesmo sem o telégrafo e o jornal, as notícias importantes e os sucessos de certas batalhas conseguiam divulgação muito antes que fossem anunciados oficialmente.

Boissier explica: "É que as notícias viajam por caminhos que nem sempre podem ser descobertos, circulam misteriosamente de um a outro, e a palavra, que tem asas, segundo a expressão do velho Homero, leva-as através de imensas distâncias, sem que se possa dizer precisamente donde vêm e por onde passam." Visando dar uma explicação a isso, os antigos acreditavam na existência de uma divindade com cem olhos, cem bocas e cem orelhas — a Deusa Fama, da mitologia Greco-romana.

No império de Alexandre Magno

No vasto império de Alexandre Magno, as informações das mais longínquas plagas chegavam ao conhecimento do Imperador através de funcionários especiais, chamados "os olhos e os ouvidos do rei", os espiões da época.

O pregoeiro

Levando os acontecimentos ao domínio público, periodicamente, a comunicação assume uma finalidade social. Em épocas passadas, o intercâmbio indispensável das idéias e interesses empregava um veículo uniforme e monótono — o pregoeiro. No capítulo dezesseis do Livro das

Saturnais, diz Macróbio que o pregoeiro tinha a função de anunciar as festividades do culto, para evitar que os cidadãos esquecessem de cumprir os preceitos determinados pelo ritual de Numa Pompílio. Êsse foi o papel inicial do pregoeiro, posteriormente ampliado.

O "ceryse" entre os gregos, e o "praeco", entre os romanos, tinham os mesmos encargos, embora com pequenas diferenças. Nos jogos olímpicos, o "ceryse" anunciava os nomes dos vencedores das provas; nos contingentes militares, servia de arauto; nas ruas da cidade, nas praças públicas, era êle quem convocava as assembléias; e, nos locais de venda, anunciava os preços e as condições das mercadorias. O "praeco" dos romanos tinha um caráter mais exclusivo, de funcionário subalterno da Justiça, conclamando o demandante, anunciando os nomes das partes em litígio e as sentenças proferidas. Estava presente, ainda, na vida política: ao abrir os comícios, convocava as centúrias com os seus pregões; quando se efetuava uma eleição, proclamava os eleitos.

O pregoeiro ainda intervinha nos enterros, dizendo de quem eram e onde se realizavam, para conhecimento das pessoas que desejassem ou devessem assisti-los. Em alguns autores, encontramos a afirmação de que o pregoeiro divulgava os objetos perdidos ou achados, tal como a coluna de alguns jornais atuais e os "serviços de utilidade pública" de algumas emissoras radiofônicas. Como as ocorrências, atos e cerimônias de que falamos eram periódicos, isso exigia dos pregoeiros, como repórteres da primeira fase do jornalismo oral, que estivessem a postos, a breves intervalos, para entrar em atividade. Muitos escritores levam anos e anos preparando a edição de determinada obra. Os pregoeiros, entretanto, tinham que informar, deviam comunicar imediatamente, para que a sua comunicação cumprisse o seu objetivo, atual e imediato.

Antecedentes da imprensa clandestina

Podemos citar como antecedentes da imprensa clandestina as inscrições contendo críticas aos imperadores romanos. Explica Boissier, em sua obra — "A Oposição no Tempo dos Césares", que "essa oposição tomava formas muito variadas, segundo as circunstâncias e os tempos: subia à superfície ou mergulhava na sombra. Porém, corajosa ou tímida, visível ou oculta, não morria nunca: nessa flexibilidade e persistência residia sua fôrça. "Nas muralhas do forum romano, apareceu a inscrição: "Tibério hoje bebe sangue como ontem bebia vinho."

Quando muitos planejavam a queda de César, conspirando dia e noite, a aurora encontrava, algumas vezes, os muros da Roma Antiga cobertos de frases de ódio contra o Imperador. Tratava-se de uma forma de difundir idéias e opiniões, embora anônima. Os inimigos de César não queriam estar sozinhos na luta.

As cartas

As cartas também podem ser citadas como manifestações periódicas, pois contêm atributos jornalísticos. Ocupam-se de fatos correntes, atuais; de assuntos variados; incluem interpretações dêsses fatos, numa posição de vanguarda no que se refere ao jornalismo interpretativo contemporâneo; sendo enviadas regularmente, têm a importante característica de "periodicidade". Numa época em que os meios de transporte e comunicação entre os homens eram difíceis e morosos, as cartas trocavam novidades.

Na fase da informação através das crônicas, publicações manuscritas, cartas, a preocupação de quem escrevia era a de captar e divulgar, com sabor de novidade, fatos que, tendo ocorrido semanas ou meses antes, passavam desconhecidos pela coletividade.

Epístolas de São Paulo

Ninguém poderá negar o conteúdo jornalístico das epístolas de São Paulo, cuja leitura nos informa sôbre um dos períodos mais decisivos da história da humanidade. Através das cartas do antigo perseguidor dos cristãos, dirigidas aos Gálatas, aos Coríntios, aos Tessalonicenses e outros, ficamos

a par das normas de vida cristã, dos perigos a que se expunham o que abraçavam a nova fé, dos conceitos e da influência da Boa Nova.

Epístola de São Paulo aos Coríntios — capítulo 16, versículos 5 a 15:

"Eu porém irei ver-vos, depois que tiver passado pela Macedônia: porque tenho de passar pela Macedônia. E talvez que ficarei convosco, e passarei também o inverno; para que vós me acompanheis aonde eu houver de ir. Porque não vos quero agora ver de passagem, antes espero demorar-me algum tempo convosco, se o Senhor o permitir. E ficarei em Éfeso até a festa de Pentecostes. Porque se me abriu uma porta grande, e espaçosa: e os adversários são muitos. E se vier Timóteo, vêde que esteja sem temor entre vós: porque trabalha na obra do Senhor, assim como eu também. Portanto nenhum o tenha em pouco: antes o acompanhai em paz, para que venha ter comigo: porque o espero com os irmãos. E vos faço saber do irmão Apolo, que lhe roguei muito que passasse a vós outros com os irmãos: e na verdade não foi sua vontade o ir agora ter convosco: mas irá quando tiver oportunidade. Vigiai, estai firmes, na fé, portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos. Tôdas as vossas obras sejam feitas em caridade. Rogo-vos, porém, irmãos, pois já conheceis a casa de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico; porque são as primícias da Acaia, e se consagraram ao serviço dos santos."

Como não havia telefone, nem telegrama, no tempo em que São Paulo vivia, êle tinha que dar todos êsses avisos, e fazer tôdas essas observações e advertências através de suas epístolas.

Notícias manuscritas

Dentro do conceito cronológico da Idade Média, que vai do século V ao século XI, vejamos as diversas formas de comunicação, entre as quais: o teatro, com dramas litúrgicos, milagres, mistérios; as feiras; os vitrais das igrejas; a comunicação oral através dos jograis, menestréis e trovadores. A única manifestação gráfica em forma jornalística teria sido "A Gazeta de Pequim" (KING-PAO), que surgiu no ano 911, ou 908 da era cristã. A princípio, adotava uma espécie de estereotipia na sua composição. Depois, passou a usar "tabletes de cêra" e, em seguida, tipos de madeira. Era redigida por membros da Academia, pagos pelo govêrno imperial. Ainda não foi comprovada, entretanto, a afirmação de que chegou a publicar três edições diárias, em côres diferentes: a da manhã, em papel amarelo; a do meio-dia, em papel branco; e a da tarde, em papel vermelho. A côr branca assinalava a edição oficial, que informava os decretos e outros atos do Govêrno, trazia resenhas das audiências e dos conselhos e outros assuntos relacionados com a administração.

O KING-PAO, todavia, foi uma exceção. Deixemo-lo de lado e consideremos agora o incremento da comunicação manuscrita, com as gazetas e as cartas. Considerado um dos espíritos mais esclarecidos do Quinhentismo, e superior a Madame de Sévigné, Peiresc chegou a escrever quarenta cartas por dia. Mesmo que devamos encarar tal cifra como exagerada, isso representa muito, em têrmos de troca e transmissão de informações.

Desde o século XIII apareceu na Inglaterra uma verdadeira indústria da "notícia manuscrita". Dois séculos mais tarde, encontramos essa forma de jornalismo praticada intensamente na Itália e na Alemanha. Os nobres pagavam bem as notícias manuscritas, especialmente em Veneza, onde as chamavam de "avvisi". Na Alemanha, denominavam-se "zeitungen". Essas fôlhas manuscritas eram redigidas por pessoas que disso faziam sua profissão, e se esforçavam para que o seu trabalho resultasse em proveito dos poderosos da época, dos ricos comerciantes ou banqueiros. Podemos comparar os "avvisi" aos atuais boletins das emprêsas comerciais.

As cidades italianas gozavam de excelente situação, nesse período. Em 1338, o rei da Inglaterra tomou um empréstimo a dois banqueiros florentinos, que perderam, na transação, mais de um milhão de florins de ouro — e nem por isso os banqueiros da cidade ficaram arruinados. Florença, no século XV, era o maior centro comercial e artístico da Europa. Quanto à Gênova, foi a principal potência marítima dos séculos XIII e XIV. Mais um exemplo, portanto: quanto maior a evolução de uma sociedade, maior deverá ser a comunicação entre os homens. A descoberta da imprensa irá proporcionar maior desenvolvimento, na Europa Ocidental, ao nascente comércio de informação. O

serviço postal, antecedido pelos pombos e os mensageiros a cavalo, ajudou o desenvolvimento da comunicação, assegurando-lhe: periodicidade, circulação e atualidade.

Na Itália, as "gazetas" sucediam-se, A origem do termo deve-se ao fato das folhas manuscritas serem vendidas ao preço de uma "gazeta", moeda da época. Mas o primeiro sinal do jornalismo germânico se encontra igualmente na profusão de manuscritos, espalhados no século XV: cartas de caráter íntimo que, no entanto, ficaram de tal modo populares que tiveram aumentado o seu número. Essas notícias escritas a mão chamavam-se, como já dissemos anteriormente, "ZEITUNGEN". Apareciam em datas incertas, somente quando acontecimentos de vulto motivavam a sua saída. González-Blanco explica o sentido da palavra "ZEITUNG" como sendo "aquilo que acontece no tempo", quer dizer, um acontecimento atual, a notícia desse acontecimento, a mensagem, a informação, terminando por ser aplicada ao relato de assuntos públicos, às comunicações sobre as vicissitudes políticas.

Embora tivessem um número limitado de leitores, as folhas manuscritas exerceram o papel de veículos de informação e orientação, dirigidos a grupos e comunidades.

Alguns de seus redatores, porque disseram o que não deveriam divulgar, desagradando o público a que se destinavam, receberam punições. Niccoló Franco e Annibale Capello foram executados como "caluniadores", após terem sido réus dos tribunais da Inquisição.

No reinado de Elisabeth I, destacaram-se como noticiaristas: Pery, Locke e Chamberlain.

Na França, de 1409 a 1499, o "Journal d'un Bourgeois de Paris" (Jornal de um Burguês de Paris) noticiava escândalos, narrava anedotas, registrava a chuva e o bom tempo. Como os jornais atuais, o rádio e a TV, sempre transmitia as informações meteorológicas.

Os repórteres e redatores das folhas manuscritas receberam diversos nomes: "menanti", "novellanti", "repportisti", "gazettanti".

Trovadores e jograis

Durante a Idade Média, a informação transmitia-se de boca em boca, na poesia e no canto dos trovadores e jograis. Até o século XI, as notícias difundiam-se pelas cantilenas estrofes breves, meio líricas, meio narrativas — que teriam seu conteúdo aproveitado na composição de gestas e canções. Peregrinando por vilas e castelos, os jograis, ao lado do lirismo das baladas e pastorelas, dos "Iais" e cantigas de amor e de amigo, entoadas ao som de violas, sanfonas, saltérios, alaúdes, cantavam e recitavam "gestas", contos satíricos, inspirados em discórdias e agitações, verdadeiras gazetas rimadas.

Viajavam de castelo em castelo, transmitindo as notícias através de conversas, canções e poemas. Ouvidos pelos reis, bem como pelas pessoas que trabalhavam ou viviam nos feudos, os trovadores difundiram bonitas lendas, músicas românticas, histórias épicas... e também as críticas ao absolutismo dos monarcas. Homens alegres, tinham a audácia de ser livres. Cantavam as virtudes do cavaleiro e sua amada; compunham versos sobre a honra e a coragem.

Impressionante o fato de homens ignorantes como eles terem exercido um papel político na Inglaterra do século XIII. Suas canções foram crescendo em audácia. Os jograis, incentivados pelas autoridades, como ocorrera no tempo de Henrique IV, que mandou compor um romance para celebrar a entrada no Condestável Miguel Lucas em Granada, passaram depois a tomar partido, intervindo nas questões de interesse da coletividade e ameaçando a ordem estabelecida, que por vezes se arriscavam a atacar diretamente. Essa liberdade do jogralismo já poderia ser chamada de "liberdade de imprensa". Entretanto, Carlos VI não mais a suportou, em 1395, proibiu que as canções fizessem menção ao Papa, ao Rei e aos Senhores de França, sob pena dos trovadores serem presos dois meses a pão e água.

Os trovadores ou menestrelis recitavam as canções romanescas "da moda". Refletiam as idéias e os costumes do tempo, imbuídos de espírito religioso, sentimento de honra, de cavalheirismo. Conservaram lendas, passagens mitológicas. Tornaram possível o movimento do Romantismo. De certo modo, fizeram "reportagens" sobre os acontecimentos da época. Nas canções dos trovadores, em seus poemas, retratava-se ainda o conceito medieval da mulher: cercada de proteção, respeito,

admiração e amor. Ao mesmo tempo, uma qualidade sempre decantada pelo jogralismo foi a fidelidade, tanto masculina quanto feminina.

Até os meados do século XII, estavam em voga as "canções de gesta" que contavam as façanhas de Carlos Magno, de Rolando, de El Cid e outros heróis.

Através das "fábulas", em que os animais falavam e agiam como seres humanos, criticavam-se os costumes da época.

Outro tipo de produção medieval eram os "romances", poemas alegóricos de feição moral ou educativa. O melhor no gênero foi o Romance da Rosa, por ter sido um retrato honesto dos tempos. Todas essas obras são de cunho francês, todavia, a Alemanha produziu igualmente seus poemas épicos, sendo os assuntos preferidos: a lenda do Santo Graal, as façanhas de Siegfried e Brunhild.

A História da Imprensa considera os trovadores como tendo sido os primeiros jornalistas.

Eles, porém, nada deixaram por escrito. E escrever um livro, relatando notícias que lhe pareciam importantes e precisavam ser divulgadas, transformou Marco Polo num viajante famoso.

Marco Polo

Marco Polo, com a sua narrativa pitoresca e floreada, fez jornalismo de aventura, semelhante ao que hoje tanto agrada ao público ávido de emoções e situações perigosas.

Toda a Europa leu "As Viagens de Marco Polo". O valor da obra reside no fato de que chamou a atenção dos leitores para as regiões desconhecidas e a cultura do Oriente. As descrições do veneziano tiveram como primeiras conseqüências: maior número de viagens para o Oriente e o estabelecimento de um intercâmbio entre Leste Oeste.

O "repórter" Marco Polo viajou para o Oriente quando tinha quinze anos de idade, acompanhando seu pai e seu tio. Ainda faziam parte da comitiva dois frades dominicanos. A família Polo partiu no ano de 1271, com destino a Pequim, tendo a travessia durado mais de três anos e meio. Nessa longa viagem foram percorridas: a Ásia Menor, a Pérsia, o Afeganistão, o Planalto do Pamir, o Turquestão Oriental e o Deserto de Gobi. Em 1275, os mercadores venezianos chegavam ao palácio imperial do Chang-Tu; em seguida, eram recebidos por Kublai-Khan.

Marco Polo retomou a Veneza depois de permanecer na China longos anos; nesse país exerceu vários cargos e executou missões importantes, uma delas a de conduzir a Princesa Kogáti a seu noivo, na Pérsia.

Caindo prisioneiro dos genoveses, quando Veneza estava em guerra com Gênova, Marco Polo ditou a história de suas aventuras a um dos companheiros de cárcere, o escritor Rusticiano de Pisa. A obra fala das maravilhas chinesas: as tendas de couro para viajar, os palácios, o serviço de mensageiros e de bombeiros, as pontes, os barcos fluviais; há também, relatórios e observações topográficas.

No Século X, no mundo muçulmano, os homens empregavam para a sua comunicação os pombos-correio. Marco Polo afirmou que, no Império dos Mongóis, duzentos mil cavalos eram utilizados para a transmissão de informações. O cavalo, como meio de transporte, iria favorecer a posterior multiplicação dos estafetas.

A descrença de muitos, com relação às narrativas do veneziano, originou o apelido de Marco Polo — "Il Millione", porque achavam que ele falava constantemente em milhões, em milhões de habitantes, em milhões de sacos de ouro, de carretas de seda. Não se pode deixar de reconhecer, porém, que o seu livro influenciou consideravelmente a mente dos aventureiros e navegadores dos fins da Idade Média. O próprio Cristóvão Colombo leu "As Viagens de Marco Polo", fazendo anotações em mais de setenta das suas páginas. Surpresos e maravilhados, todos os leitores desejavam conhecer o país das riquezas inauditas.

3. DO PAPIRO AO PAPEL ATÉ A QUIROXILOGRAFIA

Os chineses descobriram o papel e a tinta, o que preparou outras importantes invenções. Simplificando o assunto, podemos afirmar que a evolução do papel foi a seguinte: papiro, pergaminho, palimpsestos, lâminas de faia (beech); o papel dos chineses, com Tsai-Lun, no ano 100 depois de Cristo; o papel moderno.

Antecedentes do papel

Recordemos, contudo, que diversos instrumentos de grafar auxiliaram o homem, numa rota de evolução para a necessidade de comunicar: pedra, madeira, barro e metal.

Em pedra estavam escritos os Dez Mandamentos. Nos monumentos e marcos históricos, ainda hoje escrevemos em pedra. A madeira foi adotada pelos chineses, egípcios e romanos. O pergaminho e o papiro têm a mesma data: dois mil anos antes de Cristo. Por outro lado, a pele humana também deu, infelizmente, bons pergaminhos. A palmeira do Nilo, que atinge em geral um metro e oitenta de altura, fornecia o papiro. Os babilônios faziam suas inscrições na argila da Mesopotâmia, tendo bibliotecas de peças em argila e em caracteres cuneiformes. A Lei das Doze Tábuas foi gravada em bronze. A Idade Média utilizou o ouro e a prata. Para os escritos de menos importância, os romanos usaram o pano, que é um material de pouca duração. Os velhos saxões escreviam em tábuas de faia (beech). De "beech" surgiu o vocábulo inglês "book" e o alemão "buch".

Substituição do papiro pelo pergaminho

Os primeiros livros foram escritos em fôlhas de papiro. Como êste se partia com facilidade, substituíram-no pelo couro devidamente preparado — o pergaminho. Por ser matéria duradoura, era preferido pelos antigos. Os judeus escreviam os seus livros sagrados em pergaminhos, que ainda hoje usamos para documentos importantes, como diplomas. Os escribas descobriram o meio de aproveitar os dois lados do couro, realizando assim a revolução de onde saiu o livro paginado. Os monges escreviam nesses pergaminhos com penas de ganso, aplicando-se tanto quanto possível na caligrafia. Às vêzes, quando faltava material, raspavam-se as páginas e usavam-se as mesmas novamente. Eram os palimpsestos, do nome formado de palavras gregas, significando "raspar de nôvo".

O uso dos palimpsestos, raspando-se o que já fôra escrito no pergaminho, constituiu uma verdadeira tragédia para a cultura humana. Muitos documentos de importância deixaram de chegar ao nosso conhecimento porque o alto custo do pergaminho provocava a decisão de se apagar os assuntos considerados ultrapassados, para sôbre êles se escrever outra coisa. Talvez hoje o mundo contemporâneo considerasse mais valiosos os informes relegados ao esquecimento. Não o sabemos — a comunicação foi cortada bruscamente, substituída por outra.

A técnica, porém, veio em auxílio da cultura — o uso dos raios X está possibilitando a leitura dos textos anteriormente escritos no pergaminho.

O papel de trapo e as primeiras fábricas

O papel fabricado com roupas velhas, cascas de árvores e fios de cânhamo, data aproximadamente do ano 100 depois de Cristo — e foi obra dos chineses. Atribui-se o seu descobrimento a Tsai-Lun, nome que deveria ser tão admirado e honrado quanto o de qualquer outro benfeitor da humanidade.

O Ocidente conheceu a nova matéria por intermédio dos árabes, que, no ano de 751, aprisionaram alguns operários chineses. Teria sido montada em Samarcanda a primeira fábrica de papel. Seguiram-se a esta experiência no Turquestão, outras duas, fundadas, respectivamente, em Alepo e em Bagdá. Mas o invento levou muito tempo para chegar à Espanha, pois o mais antigo estabelecimento fabril de papel, instalado nesse país, é o de Játiva, e remonta ao ano de 1500 —

data mais importante que muitas outras, comemorativas de batalhas ou de coroamentos reais. Da mesma época são as fábricas de Toledo e Valência.

Realmente, na história das Comunicações, o papel ocupa um lugar de destaque. Em Portugal, no reinado de D. Dinis, em fins do século XIII, apareceu o papel de trapo, ocorrendo uma simultânea difusão na Alemanha. Nuremberg, cidade hanseática, por sua situação especial — a meio caminho da Itália — tornou-se um dos maiores entrepostos mercantis do papel na Europa Central. Essa cidade era a estação preferida pelos imperadores e o centro dos estudos astronômicos e geográficos do final da Idade Média. É verdade que, antes do século XIII, a Alemanha já conhecia anteriormente o papel de trapo, importado da Itália. Esse tipo de papel, a princípio grosso, desigual, áspero e pouco flexível, foi aperfeiçoado pelos obreiros europeus, que o fizeram mais fino e mais maleável. Deu-se ao artigo, com êsses melhoramentos, o nome de papel filigranado, ou "papel de marcas de água", devido às marcas produzidas pelos fios de cobre fixados nas fôrmas utilizadas em sua fabricação.

A gravura

A gravura, iniciada na China, com a xilografia, tomou enorme impulso nos meados do século XV, ao surgirem os primeiros livros impressos em pranchas de madeira ou de metal — os "Livros Tabulários", como então se dizia. O que mais ressalta nesses livros não são os textos, escritos quase sempre em latim, mas as imagens, que serviam, de modo especial, para auxiliar no serviço religioso. A chamada "Bíblia dos Pobres" é um exemplo típico de livro tabulário. Com o progresso da imprensa, começariam a aparecer as gravuras em madeira, usadas juntamente com os caracteres móveis e à sua semelhança.

Gravadores famosos

Pfister, de Bamberg, foi o mais antigo gravador de madeira de que temos notícia. Outro notável gravador viveu em Angsburgo: Zainer. A Bíblia gravada de Colônia, do ano de 1480, ficou famosa pelas suas estampas. E a arte da gravura atingiu um alto nível com Dürer e Holbein.

A xilografia

A xilografia, ou seja, os impressos mediante placas ou chapas inteiriças de madeira, nas quais se gravavam previamente as letras, era praticada pelos chineses desde o século X, enquanto no Ocidente ela seria iniciada pelos monges. Os exemplares xilográficos mais antigos são desenhos de santos, com explicações à margem. A xilografia assinala a etapa imediata, mente anterior à impressão tipográfica; pronta a tábua, a tiragem não tinha quase limite. Arte de origem monástica, a xilografia aplicou-se a princípio na estampagem de motivos sacros em panos e tapêtes das igrejas. Atraída pelo comércio profano, logo se exercitou na impressão de imagens de santos, cuja procura aumentara com o incremento dado às peregrinações pelo Papa Bonifácio IX — os romeiros compravam — e traziam-nas para suas casas, como lembrança e atestado de presença e como objeto de culto. Das figuras religiosas, estenderam-se os gravadores às de baralho, seduzidos pelo alto preço das cartas de jogar pintadas à mão.

Durante muito tempo se pensou que as figuras profanas houvessem precedido as sagradas. Hoje, contudo, está provado o contrário. De cartas impressas não há data certa anterior a 1470, nem data provável anterior a 1430, enquanto há imagens impressas datadas de 1423, indiscutível, para o São Cristóvão do mosteiro dos cartuxos de Buxheim, e a de 1419, aceita com reservas para a Virgem e o Menino Jesus, achada num velho cofre em Malinev. O autor do São Cristóvão, datado de 1423, esculpiu duas linhas de legenda em gótico.

O interesse pelas imagens religiosas impulsionou a xilografia, vulgarizando-a. O que antes era fruto da solidão e paciência dos que viviam nos conventos, transformou-se em artesanato. Das estampas

partiram os gravadores para os folhetos e opúsculos, e iriam certamente aperfeiçoar ainda mais o seu trabalho, se a tipografia não surgisse, para ultrapassar a impressão tabulária.

Dos manuscritos aos caracteres móveis: a quiroxilografia

A transição do manuscrito ao impresso — fase quiroxilográfica — pode ser exemplificada pelo "Exercitium Super Pater Noster", de 1425 aproximadamente. Legendas escritas à mão vêm-se acima de seus dez quadros gravados. Nos vários Apocalípses, alguns gravados e manuscritos, e outros apenas gravados, também se pode constatar êsse período de transição. Pelas suas inúmeras edições, a "Bíblia Pauperum" (Bíblia dos Pobres) deve ter sido o livro de maior popularidade, com desenhos em parte atribuídos a Van Eyck. Por outro lado, no "Ars Moriendi", o adiantamento do entalhe das letras chama a nossa atenção.

A existência tão breve da impressão tabular provou que a tipografia já estava abrindo caminho. O mundo de Gutenberg reivindicava livros, e colocava ao alcance do inventor todos os elementos que, reunidos e associados, resultariam nos *tipos soltos de metal*. Havia papel em abundância, quinze vezes mais barato do que o pergaminho; a tinta acabava de surgir, homogênea e indelével, das bem sucedidas experiências de Van Eyck. Adicionando à solução das côres em óleo de linhaça e nozes, umas substâncias resinosas, Van Eyck conseguiu impedir a deterioração, além de transmitir às tonalidades uma perene frescura e transparência. A *prensa de rôsca*, adequada ao esmagamento das uvas e azeitonas, ao apêto dos livros na encadernação e ao enxugamento do papel nas manufaturas, vinha sendo empregada pelos xilógrafos na tiragem rotineira de estampas e opúsculos.

Dispondo dos meios necessários à tarefa de libertação e multiplicação das letras prêsas à prancha, os xilógrafos tentaram uni-los, conseguindo efeitos como o da mobilidade do desenho em relação aos argumentos, e o da mobilidade das letras em relação às linhas, chegando a estampar textos inteiros com caracteres soltos de pau. Muitos gravadores, ourives e impressores quiseram afirmar seu merecimento como inventores da imprensa, arrebatando de Gutenberg a glória de terem atingido primeiro o têrmo decisivo e final — a fundição. Suas reivindicações não procedem. Gutenberg não deve ser reverenciado porque inventou os elementos da tipografia, desde que eram comuns. Seu nome merece honra e gratidão porque reuniu êsses elementos, ordenando-os de maneira útil e conseqüente.

É verdade que Janszoon Coster obteve caracteres móveis, em 1437, imprimindo com êles o "Abecedarium", cinco anos antes do primeiro livro de Mogúncia, que foi o primeiro de Gutenberg. Um neto de Mentelin, da Alsácia, afirmou que o avô imprimia com tipos móveis em Estrasburgo, desde 1438. O fato é verdadeiro, com exceção da data, pois ficou provado ser a partir de 1458. Gutenberg preparava o seu invento, nessa época, na mesma cidade em que vivia Mentelin, o que fêz nascer a hipótese de que tivesse descoberto o segrêdo da tipografia. Outra suposta prioridade beneficia o nome do polaco Waldfogel. Por volta de 1445 êle trabalhou com letras de ferro e um "processo de escrever artificialmente", embora não tenha ficado esclarecido se essas letras eram fundidas. Ao que parece, tratavam-se simplesmente das letras dos encadernadores.

4. A IMPRENSA

Gutenberg e os incunábulos

Não há dúvida — foi Gutenberg quem deu ao mundo a tipografia.

Sobre êle, sabemos que nasceu, provavelmente, em 1400, vindo a falecer em 1461. Levou uma existência inquieta, pouco brilhante, marcada por dívidas e demandas. Em 1439, sofreu um processo que lhe moveram os herdeiros de seu ex-sócio. Expatriado em Estrasburgo e ganhando a vida como gravador em ferro e madeira, organizou em 1436 uma empresa para a exploração de livrinhos e folhetos devocionais, nesse tempo manuscritos ou xilógrafos, bastante procurados nas romarias e festas católicas. Gutenberg descobria um método de lhes acelerar a tiragem, processo referente à estrutura e ao manejo do prelo, e não aos caracteres. O dissídio ocasionado pelo falecimento de um dos sócios fez o seu plano fracassar. Continuou, porém, as suas experiências, aproveitando os recursos da caixa da Igreja de São Tomás. Tudo indica que, antes de deixar Estrasburgo, teve êxito na obtenção da letra de fôrma, pois, no ano seguinte, compôs e imprimiu, em letras de chumbo, o primeiro livro conhecido — "O Juízo Final". Através dos fragmentos de "O Juízo Final", do "Calendário" e na "Bíblia de 36 linhas", vemos que Gutenberg dedicou-se ao aperfeiçoamento dos tipos.

Em 1450, sentindo-se capaz de se dedicar a uma surpresa de maior vulto, o inventor da tipografia contraiu um empréstimo com João Fust, a que se sucedeu um segundo, sob penhor e promessa de lucros. Concentrou, então, os seus esforços, na realização da Bíblia de 42 linhas, autêntica relíquia das primórdios da letra de fôrma. Mas Gutenberg era tão imprevidente quanto tenaz e, ao finalizar a tiragem do terceiro "folio", estava arruinado. As porções de metal, tinta, pergaminho e papel, necessárias a um livro de mil e tantas páginas, que, para ser estampado, reclamava seis prelos, terminaram com os seus recursos. Ele planejara a Bíblia de 42 linhas, desenhara e entalhara as suas letras, moldara e fundira. Depois, ordenando-as em linhas e colunas, as imprimira. Todavia, quando Gutenberg não pôde pagar as dívidas que lhe cobravam, teve que entregar a Fust a imprensa e os petrechos, os cadernos prontos da Bíblia, assim como os materiais adquiridos e preparados para a sua realização. Embora a Bíblia de 42 linhas tenha saído das mãos de Fust, ficou conhecida como a Bíblia de Gutenberg. Êste, ainda editou, em 1460, a Bíblia de 36 linhas e o "Catholicon", numa oficina modestamente instalada por Humery. Em fevereiro de 1468, foi sepultado na igreja dos franciscanos.

Conhecemos o valor de Gutenberg não porque êle o tenha proclamado. Pelo contrário, nenhum de seus impressos trouxe o seu nome como tipógrafo. Ou inventor dos tipos de metal. O padre Adão Gelthus, entretanto, na lápide que fez colocar no seu túmulo, chamou-o de inventor da arte de imprimir. Por outro lado, o autor de uma crônica de Mogúncia, entre 1459 e 1484, registra ter sido Gutenberg o primeiro impressor da cidade. Em outra crônica, publicada no ano de 1483, em Pisa, lê-se que Gutenberg descobriu a imprensa em 1440. Até mesmo a família Fust Schoeffer proclamou a sua glória, ao declarar na dedicatória da obra de Tito Lívio, em 1505: "a admirável arte da tipografia foi inventada em Mogúncia pelo engenhoso Gutenberg, em 1450, e em bem da posteridade melhorada e propagada pelos recursos e trabalhos de Fust e Schoeffer".

A Bíblia de 36 linhas ainda estava por terminar e já em 1461 o aprendiz de Gutenberg, Albert Pfister, imprimia em Bamberg as Fábulas de Bohner, a primeira obra impressa a trazer ilustrações. Entrementes, Mentelin imprimia em Estrasburgo a Bíblia de 4 linhas. Em 1466, Ulrich ZeUer instalava sua oficina em Colônia e, no ano imediato, os Bechtermunze abriam outra, em Eltvil. Bíblias, gramáticas, episódios das Escrituras Sagradas e livros de São Tomás e São Crisóstomo, editados na Alemanha, podiam ser vistos sobre a mesa de Gutenberg.

Ao livro impresso na infância da imprensa chamou-se de "incunábulo", do latim "incunabula", que significa: berço, comêço. Caracteriza-se pela ausência de portada, assinatura ou data. Composto geralmente "in-folio", as letras maiúsculas são deixadas em branco, para que sejam iluminadas.

Utilização e controle das informações

No fim do século XV, multiplicaram-se as empresas de impressão. Mas como a produção de livros fosse demorada e onerosa, a rentabilidade apresentava-se incerta. Foi então que os impressores decidiram despertar a curiosidade pelos grandes acontecimentos políticos: ameaças de invasão, as descobertas marítimas, as guerras da Itália. Posteriormente, o interesse dos leitores recairia nas idéias e conflitos que o Renascimento e a Reforma Religiosa suscitaram.

O século XV assistiu, portanto, a uma revolução nos métodos de divulgação das informações. Contra a enorme influência que os impressores passaram a exercer, difundindo os conhecimentos e orientando a opinião pública, levantou-se nos séculos XVI e XVII uma cruel repressão.

Apesar de perseguidos, os antigos "menanti", "novellanti"; "repportisti" e "gazzettanti" (nomes que se davam aos repórteres e redatores das folhas manuscritas) se multiplicaram, agora unidos aos impressores, que compreenderam logo o bom negócio que significava a divulgação dos fatos atuais. E mesmo depois da descoberta da tipografia continuavam a circular as folhas manuscritas.

Em meio à perseguição movida aos jornalistas, houve alguns soberanos que resolveram utilizar a imprensa como veículo de informações a seu serviço, para granjear simpatias aos atos reais. Assim, em 1597, o Imperador Rodolfo II reuniu os editôres mais capazes, objetivando a elaboração de um mensário com notícias do Santo Império Romano-Germânico. Luís XIII, da França, concedeu a Theophraste Renaudot o privilégio de publicar "La Gazette". Este hebdomadário, além de conter informações políticas inteiramente favoráveis ao governo real, e do texto das ordenanças oficiais, divulgava notícias de nascimentos, matrimônios, divertimentos dos principais personagens da corte, festas, bem como crimes, processos, catástrofes e execuções. Aos poucos, e apesar de tudo, a imprensa ia fazendo o seu lugar no mundo...

Aliás, antes da difusão da tipografia, o seu valor era reconhecido, vez que alguns monarcas se empenharam em conhecer o seu segredo. Carlos VII, da França, enviou à Mogúncia, em 1458, Jenson, mestre moedeiro de Tours, com a missão de descobrir os planos de Gutenberg. Henrique VI encarregou duas pessoas de fazer o mesmo.

5. A IMPRENSA NO VELHO MUNDO

Notícia do Brasil na Alemanha

Impressa em 1508 ou 1509, apareceu na Alemanha uma fôlha volante com narrativa de uma viagem, sob o título "Copia der Newen zeytung ausz Presillg Landt" (Cópia da Nova Gazeta da Terra do Brasil). Conservaram-se onze exemplares desse impresso, um dos quais está na Biblioteca Nacional e faz parte da coleção Benedito Otoni, organizada por José Carlos Rodrigues, que a adquiriu por um preço extravagantemente alto. Os "Anais da Biblioteca Nacional", no volume trinta e três, mostram um "fac-símile" da "Nova Gazeta da Terra do Brasil", acompanhada da versão portuguesa.

Os primeiros periódicos

Ainda no século XVII Milton publicou a sua "Aeropagítica", de 1644, que constituiu a primeira defesa sistemática da liberdade de imprimir. Carlos Rizzini observa que, do primeiro livro — a Bíblia de 42 linhas, de 1456 — à primeira gazeta impressa, em 1605, transcorreram cento e cinquenta anos e que "ia já o mundo pelo caminho renovador." Os correios, e não a tipografia determinaram o periodismo. Realmente, a informação precisava ser transmitida regularmente, como o eram as malas postais de oito em oito dias. Os impressores de Estrasburgo e Basiléia buscavam a periodicidade quando as numeraram e distribuíram em datas determinadas, embora muito distanciadas. Na biblioteca universitária de Heidelberg, existe a coleção completa de um ano inteiro, de uma Relação Semanal, ou melhor, de um semanário editado pelo impressor Juan Carolus, em Estrasburgo, em 1609.

O primeiro jornal impresso do mundo apareceu no ano de 1605, em Antuérpia, na Bélgica, sendo periódico. Chamava-se "Nieuwe Tydingen". Em 1609, começou a circular na Alemanha um semanário. Os "Ordinarii Zeitungen" também datam do mesmo ano.

Apontando os primeiros jornais impressos do mundo, discordam bastante os historiadores. Assim, González Blanco afirma que o primeiro foi o de Leipzig, de 1660. Entretanto, os autores concordam, por unanimidade, na indicação do primeiro diário em língua inglesa, citando o "Daily Courant", fundado por Elizabeth Mallet, no dia 11 de março de 1702. Logo depois, assumiu a direção desse periódico Samuel Buckley.

Como as notícias internas sofriam uma verdadeira asfixia por censura, os jornais da época preferiam noticiar fatos ocorridos no estrangeiro.

O primeiro jornal diário da França, de 1777, viveu como diário até 1819 — era o "Journal de Paris", e não assumiu um papel de destaque porque o povo francês não dava muita atenção ao jornal diário, com informações quotidianas. Interessava-se mais pelos periódicos de maior profundidade, como o "Journal des Savants" ou o "Journal des Débats".

Dizem que o "Journal des Savants", de 1665, foi o primeiro a empregar a palavra "journal".

O "Times", ainda hoje uma instituição inglesa, data de 1785.

A imprensa no Japão

A arte da impressão, originária da China, foi introduzida no Japão em meados do século VIII. No princípio, era gravada em madeira e aplicava-se principalmente na impressão dos livros sagrados do Budismo. Segundo a História, o tipo moderno de impressão, ao estilo europeu, foi empregado pela primeira vez na Prefeitura de Nagasaki, em 1856. Desde então, introduziram-se as fôrmas de impressão (tipografia) ao estilo europeu-americano, logo assimiladas, chegando a criar a técnica de impressão adequada ao Japão, mostrando ao mesmo tempo um notável desenvolvimento, motivado pela crescente demanda, a cultura nacional e o progresso social do país.

As empresas de impressão, segundo o tipo que adotam, se classificam em:

- a) as tipografias — usando principalmente letras de imprimir;
- b) as de "Off-Set" (fotografia, de modo especial);
- c) as que usam ambas as técnicas.

Depois dos Estados Unidos e da União Soviética, o Japão tem a maior circulação diária de jornais no mundo inteiro, embora a circulação por mil pessoas seja de 434 (quinto lugar mundial). Os periódicos mais importantes, tais como o "Asahi", o "Mainichit", o "Yomiuri", o "Sankei-Jiji", o "Nihon-Kcizai" e o "Tóquio" publicam edições matutinas e vespertinas durante os 7 dias da semana. Além dessas edições diárias, publicam outras semanais, mensais e ilustradas, tratando de assuntos os mais diversos. De vez em quando, também publicam livros. Entre os diários editados em inglês, estão: "The Japan Times", "Asahi Evening News", "Mainichi" e "Yomiuri".

Existem atualmente 255 diários no país e, se as edições matutinas e vespertinas forem consideradas como periódicos distintos, a circulação total alcança a cifra de 37 milhões de exemplares. Isso significa que, cada família japonesa lê, em média, 2 periódicos por dia.

No início de 1960, 112 jornais, 7 agências de notícias, 20 companhias radiodifusoras e estações de televisão e 2 agências noticiosas de televisão eram filiadas à Associação de Editores e Proprietários de Jornal do Japão (Nihon Shimbun Kyokai). A circulação dos jornais dos membros dessa associação abrange mais de 97 por cento da circulação total de diários japoneses.

A "Kyodo Tshushin", a "Jiji Tsushin" e a "Radio Press" figuram entre as principais agências noticiosas que fornecem serviço ultramarino.

A radiodifusão foi iniciada em 1925, pela "Nippon Hoso Kyokai (NHK — Japan Broadcasting Corporation), que é a única empresa oficial de radiodifusão no país. Dirigida por uma Junta, que representa o povo, mantém-se com o produto das taxas cobradas dos ouvintes. Emissoras comerciais e a Companhia Radiodifusora do Japão (NHK) incumbem-se da transmissão de rádio e televisão a todas as partes da nação. A NHK também realiza a radiodifusão para o exterior. Juntamente com o progresso e o desenvolvimento dessas empresas de telecomunicação, as pesquisas e os ensaios técnicos têm sido intensificados, e a produção de equipamentos de telecomunicação, baseada no elevado nível industrial do país, estende-se aos produtos os mais variados, satisfazendo não apenas as necessidades internas, mas ainda às demandas externas.

A radiodifusão particular e comercial foi iniciada em 1950, tendo a NHK sido a pioneira na transmissão de TV, que começou em 1953.

Tanto a NHK - TV como a NTV (Rêde de Televisão Nihon) efetuaram suas primeiras experiências de TV a côres em fins de 1957. Agora, transmitem com regularidade e diariamente programas curtos em côres.

A "Rádio Japão", que é o serviço ultramarino da NHK, é ouvida em todo o mundo. Os idiomas utilizados nas transmissões internacionais incluem o inglês, alemão, francês, português, espanhol, tailandês, árabe, indonésio, chinês, cantonês, "fukienes", italiano, russo, hindu e urdu. Apresenta programas informativos sobre o Japão e músicas selecionadas.

Cêrca de 100 jornais estrangeiros, agências noticiosas e organizações de rádio e televisão mantêm filiais no Extremo Oriente, ou correspondentes-residentes, instalados em Tóquio.

6. A IMPRENSA NO NOVO MUNDO

Frei João Batista Morelli de Castelnuovo publicou, no México, em 1710, o primeiro livro em língua portuguesa impresso na América: o "Luzeiro Evangélico".

Vejam agora o panorama nos Estados Unidos da América... Stephen Daye instalou uma impressora na Nova Inglaterra, em 1638.

Em 1671, o Governador da Virgínia afirmou: "Graças a Deus não temos escolas livres nem tipografias e espero que nestes cem anos não venhamos a tê-las. Porque o saber gerou a desobediência, a heresia e as seitas no mundo; e a imprensa tem divulgado essas coisas e calúnias contra o govêrno. Deus nos livre de ambas."

O primeiro jornal dos Estados Unidos

Setenta anos depois do desembarque dos Peregrinos e quase duzentos anos depois da descoberta da América por Cristóvão Colombo, saía o primeiro jornal dos Estados Unidos, no dia 25 de setembro de 1690, impresso num prelo manual, num barracão de madeira, situado numa estreita rua de Boston. Chamava-se "Public Occurrences" e constava de quatro páginas do tamanho de uma lauda, sendo que apenas 3 dessas páginas eram impressas. A página em branco destinava-se ao que os leitores desejassem escrever, antes de passar adiante o seu exemplar, acrescido das notícias de que tinham conhecimento. Observemos também que os primeiros jornais dispunham de uma tiragem bastante limitada, supondo-se que muitos leitores serviam-se de apenas um exemplar. Esses jornais, para que ficassem mais ao alcance do público, eram colocados até mesmo em bares. O tom de "Public Occurrences" nos parece inofensivo, íntimo e boateiro. Mesmo assim, foi proibido e seu primeiro número ficou sendo também o último. Razões da medida que nos afigura drástica: duas notícias divulgadas e a consternação gerada pelo próprio aparecimento de um jornal. Uma das notícias referia-se a um ataque aos franceses no Canadá; afirmava-se que certos grupos de índios haviam instigado o ataque e tinham concordado em ajudar. Quando a expedição estava de partida, êsses mesmos índios alegaram que, não podiam acompanhá-la devido à varíola. Ao mesmo tempo, a redação insinuava que os índios teriam sido corrompidos pelos brancos, movidos por interesses particulares. A segunda notícia trazia igualmente uma insinuação, versando sobre um escândalo na corte francesa. As duas notícias consistiram as calúnias ao govêrno, que o Governador da Virgínia declarou que a imprensa divulgava... Benjamin Harris, o editor de "Public Occurrences", foi imediatamente prêso.

A liberdade de imprensa

Devemos recuar na história, para compreendermos por que os comentários relacionados às autoridades governamentais eram considerados caluniosos. A lei inglesa, sob cuja vigência estavam as colônias americanas, visava a proteger a ordem social existente. O govêrno era controlado por um número restrito de pessoas, entre as quais o rei e alguns funcionários seus, que sustentavam e mantinham as suas ordens. Aquêles que detinham o poder nas mãos consideravam o homem comum incapaz de entender como as nações deviam ser governadas e, por conseguinte, sem qualquer direito a tecer comentários ou críticas políticas. Os únicos jornais legais eram os licenciados pelo Estado. Tal licença só era concedida àqueles de que se podia esperar que publicassem somente o que o cidadão comum tinha o privilégio de saber. Qualquer comentário livre sobre as leis, autoridades ou o próprio govêrno, concorreria, pensavam as autoridades, para destruir o respeito do povo no poder governamental. Daí não haver liberdade de imprensa. Benjamim Harris, o primeiro jornalista americano, editor de "Public Occurrences", foi impedido de publicar o segundo número de seu jornal porque o primeiro "continha reflexões de natureza muito elevada".

O jornal seguinte, impresso em Boston, apareceu quatorze anos depois, a 24 de abril de 1704. John Campbell, agente do Correio, imprimia e distribuía o seu "News-Letter": uma fôlha de papel e às

vêzes meia fôlha, com duas colunas de matéria impressa. Era publicado trazendo as palavras "com autorização", e nada divulgava que pudesse prejudicar ou inquietar o govêrno. Em 1719, Campbell foi afastado de seu emprêgo no Correio; ficou tão indignado que não quis mais enviar o seu jornal pela mala postal.

O sucessor de Campbell, William Brooker, dedicou-se também ao jornalismo.

A 22 de dezembro de 1719, Andrew Bradford, agente do Correio de Filadélfia, começou sua carreira jornalística. No dia 2 de janeiro de 1721, escreveu um artigo em que dizia, entre outras coisas: "A nossa Assembléia-Geral está agora reunida e nós temos grandes esperanças de que possa, nesta oportuna oportunidade, achar algum remédio eficaz para reanimar o moribundo crédito dessa província, e restabelecer as felizes condições em que vivíamos".

Por causa dessas palavras, Bradford foi intimado a comparecer ante o Conselho Provincial, para se explicar. Defendendo-se, o acusado declarou que o referido parágrafo tinha sido escrito e inserido no jornal sem o seu conhecimento. Sua atitude conseguiu que o caso fôsse encerrado com apenas uma repreensão.

Observem que os jornalistas da época eram funcionários graduados do Correio.

Anos depois, Benjamim Franklin assinava algumas matérias para a imprensa, com o pseudônimo de "Bisbilhoteiro". Perto da realização de uma eleição anual, escreveu com essa assinatura um parágrafo que dizia, entre outras coisas, que ninguém poderia ser chamado de patriota sem estar "antes de tudo dominado pelo espírito público e pelo amor à pátria". Por incrível que pareça, essas palavras foram consideradas suspeitas.

Imprensa e reforma social

Quando começou a Guerra pela Independência das 13 colônias americanas, em 1775, publicavam-se 37 jornais nos Estados Unidos. Esses impressos tiveram a sua parte na luta.

Muitos desses jornais não seriam qualificados por nós como sendo de boa qualidade. Francamente parciais, o único motivo para a sua publicação era, com freqüência, convencer os outros das idéias de seu editor ou redatores. As notícias constituíam raridades, atrasadas e muitas vezes imprecisas. A publicação processava-se de modo irregular, vez que os proprietários costumavam interromper a publicação, quando surgiam dificuldades financeiras. E bem limitado era o número de assinantes.

Dos 200 jornais que se publicavam nos Estados Unidos, em 1798, havia uns 20 ou 25 que se opunham à administração, sendo editados por estrangeiros.

O primeiro diário dos Estados Unidos

O primeiro diário dos Estados Unidos surgiu em 1783. Começou como semanário e viveu apenas 7 meses. Lançado por Benjamin Townes, chamava-se "Pennsylvania Evening Post".

A atuação de Tom Paine

Transportemo-nos agora para a Inglaterra, para recordar o inglês Tom Paine — alguém que, no início de sua existência, fracassou em tudo que empreendeu.

Afinal, decidiu tentar a vida no Nôvo Mundo, e lá se foi para a Filadélfia. Logo após desembarcar, em fins de 1774, entrou em franca atividade. De jovem desconhecido, iria passar à História como um grande homem, eternamente lembrado. Tom Paine nascera para enfrentar renhidas lutas e a época em que viveu lhe convinha sobremaneira. Se tivesse vivido em tempos normais, não convulsionados, não sujeitos a revoluções, êle não teria se destacado, simplesmente porque suas maiores qualidades não se veriam solicitadas. Sua fama deveu-se às exigências a que correspondeu. Ao invés de empunhar espadas ou outras armas, tomou da pena com entusiasmo, escrevendo um pequeno livro "Senso Comum". Que tolice, afirmava êle, um continente ter de pertencer a uma ilha. O senso comum diz que a América deve ser independente. Que tolice os reis governarem os homens — o senso comum manda que os homens possam se governar. No fim do livro, Tom Paine lançou

um apêlo à solidariedade: "Ó vós que amais a humanidade. Todos os recantos do Velho Mundo estão dominados pela opressão. A liberdade tem sido perseguida por todo o globo. A Europa a encara como uma estrangeira e a Inglaterra deu-lhe ordem de expulsão. Recebei os fugitivos e preparai um asilo para a humanidade".

A obra difundiu-se pela América do Norte como um autêntico incêndio. Todos os que sabiam ler estavam com o "Senso Comum" nas mãos. Os analfabetos, por seu turno, se alfabetizavam com o objetivo de também ler o "Senso Comum". Até na Inglaterra o interesse era o mesmo. Os leitores concordavam plenamente com o autor — a América tinha de ser independente. Impulsionado por êsse ideal, Tom Paine integrou-se ao exército de George Washington, embora não deixasse de escrever.

"Chegou a hora em que as almas dos homens são postas à prova. O soldado do verão e o patriota dos dias ensolarados faltam ao dever para com a pátria, mas aquêle que agora se mantém à altura merece o amor e a gratidão do homem e da mulher".

Deu a êsse livro o nome de "A Crise". Enquanto durou a guerra da independência, escreveu um folheto após outro. Na hora da vitória, escreveu: "Chegou ao fim a hora da provação dos homens!"

Onde houvesse direitos a reivindicar, Tom Paine acorria com a sua pena. Logo que soube da "Tomada da Bastilha, exclamou: "Minha terra é onde não há liberdade", viajando sem demora para a capital da França, a fim de participar da Revolução. Os franceses reconheceram o valor de sua presença, concedendo-lhe o título de cidadão honorário. Seu espírito imbuído de idéias liberais sonhava com o dia em que o seu país, a Inglaterra, conheceria uma Revolução. Por isso regressou à sua terra natal e escreveu outro livro: "Os Direitos do Homem". Obra semelhante às anteriores ("Senso Comum" e "A Crise"), falava sôbre os homens considerando-os como seres humanos, e não como soberanos e vassalos. Sua mensagem: os homens podiam governar-se e todos eram merecedores de direitos iguais. Quando tentaram prender o autor, êste viajou outra vez para a França. A violência da Revolução Francêsa fêz com que Tom Paine passasse a ser encarado como um elemento pacífico e moderado. Os inglêses queriam prendê-lo pelo crime de ser radical, mas foram os franceses que o colocaram na prisão, porque não o achavam suficientemente radical.

Mesmo durante a ausência de Tom Paine, os inglêses levaram "Os Direitos do Homem" a julgamento. O veredicto foi: culpado. Tal sentença fêz com que o editor da obra, John Frost, juntamente com os editôres de um jornal que deram publicidade a "Os Direitos do Homem", fôssem jogados no cárcere.

Garrison e o "Liberator"

Em 1831, na cidade de Boston, Garrison, um jovem alto e magro passou a publicar semanalmente o "Liberator", revista destinada a criar uma consciência coletiva de oposição à escravatura. O primeiro número apareceu no dia primeiro de janeiro. Editado com periodicidade, o "Liberator" não agradou ao público, pelos problemas morais que apresentava às mentes adormecidas e acomodadas. Leitores exaltados quiseram arruinar Garrison, tentando destruir o prelo que usava. Garrison foi agarrado e arrastado pelas ruas tortuosas de Boston, com uma corda à volta do pescoço, como um criminoso levado à fôrca, pois desejavam lhe dar tal fim. Entretanto, Garrison conseguiu escapar. Corri a mesma audácia inicial, repetia: "Serei ouvido". "Não recuarei um centímetro sequer". E, ano após ano, malgrado a oposição, malgrado os descontentes, sua voz ecoou através do "Liberator".

Um mártir da imprensa

Outros editôres, todavia, que combatiam a escravidão, tiveram um destino bem mais cruel. Olhemos para o Oeste americano e vejamos o que sucedeu a um môço que abominava a escravidão e decidira combatê-la.

Elijah Lovejoy, de 25 anos de idade, conseguiu um emprêgo na redação de um jornal, na cidade fluvial de Saint Louis, tornando-se editor logo depois. Lia diàriamente a Bíblia e o jornal de Garrison, o "Liberator". Pastor protestante, Elijah Lovejoy considerava a escravidão um pecado, por

ser contrária à religião e à moral. Muitas pessoas já pensavam assim. Mas Lovejoy não só pensava assim, quis agir, fazer algo para modificar a injusta situação de seus irmãos negros, começando a escrever sobre o assunto. As reações fizeram com que os proprietários do jornal em que Lovejoy trabalhava como editor o chamassem e lhe ordenassem que escolhesse matéria mais agradável, cômoda, que não trouxesse problemas ou confusão. Sugeriram a êle que falasse sobre os gregos ou os italianos e esquecesse os escravos. Seu direito não incluía a escravidão e, portanto, procuras se manifestar seu pensamento escolhendo outros assuntos. Os proprietários de jornal quiseram deixar bem claro que a liberdade de palavra, embora muito justa, significava apenas a liberdade de falar sobre coisas agradáveis e inofensivas, e nunca sobre matérias que suscitassem polêmicas.

Certa noite, alguns indivíduos invadiram a oficina de Lovejoy, apossaram-se de seu prelo, desmontaram-no e: espalharam suas peças pela região, Lovejoy transferiu-se, então., para Alton, Illinois, onde tornou a montar um jornal, mais decidido que nunca a preocupar os escravocratas. Em breve, possuía um novo jornal, fazendo com que os habitantes de Sto. Louis lessem exatamente o que tinham lido antes. Infelizmente, porém, a população de Alton se opôs às idéias do destemido jornalista. Invadiram, a: sua oficina, dela retirando o prelo, que jogaram nas águas barrentas do Rio Mississippi.

Mas a teimosia de: Lovejoy sabia enfrentar a situação. Voltou a montar outro jornal. Em 1837, a redação foi empastelada. Mandou buscar outro prelo. Quando êste chegou, um grupo de cidadãos se reuniu para incendiar as instalações. Elijah Lovejoy saiu correndo, para impedir o novo ato de sabotagem. Ouviu-se um tiro e êle caiu morto. O prelo recém-chegado, como os anteriores, autênticas armas na batalha contra a escravidão, foi lançado no fundo do rio.

A notícia de que Lovejoy morrera defendendo a liberdade de imprensa chegou a Boston, agitando seus habitantes, que reverenciaram a memória dei primeiro mártir da imprensa a entrar para a História da jovem nação, o primeiro homem a sacrificar sua vida pelo ideal de jornalista. Os princípios pelos quais êle se batera estavam mais vivos que nunca. Atualmente, ninguém sabe o nome daqueles que empastelaram o seu jornal. Ninguém recorda Alton, a não ser para identificar o local onde aquêle jornalista imprimia o seu jornal e foi assassinado. A bandeira que êle conduzia, nas letras e palavras que imprimia, passou a outras mãos.

7. A IMPRENSA NO BRASIL

Primeiras tipografias

Em 1706, sob os auspícios do governador Francisco de Castro Morais, instalou-se no Recife uma pequena tipografia para a impressão de letras de câmbio e oração devotas. A Carta Régia de 8 de junho do mesmo ano, entretanto, arruinou o empreendimento, ao determinar que se devia "sequestrar as letras impressas e notificar os donos e os oficiais de tipografia que não imprimissem nem consentissem que se imprimissem livros ou papéis avulsos".

Outra tentativa pioneira de instalar a imprensa na Brasil ocorreu no Rio de Janeiro, em 1746. Como a anterior, recebeu o apoio da autoridade local, o governador Gomes Freire. Um artigo impressor de Lisboa, Antônio Isidoro da Fonseca, transferiu-se à colônia, trazendo na bagagem o material tipográfico com que montou no Rio a pequena oficina. Chegou a colocá-la em atividade, pois imprimiu alguns trabalhos, entre os quais se destaca a Relação da Entrada do Bispo Antônio do Destêrro, redigida por Luís Antonio Rosado da Cunha, com dezessete páginas de texto. Mas a Metrópole não tardou a ordenar o incêndio da tipografia, para que não viesse a ser instrumento de conspiração contra o Estado. Segundo Nelson Werneck Sodré, parece que teve relação com o episódio a Ordem Régia, datada de 6 de julho de 1747, proibindo a impressão, e falando sobre as punições em que incorreriam os infratores. Confiscou-se todo o material de Isidoro da Fonseca, além de lhe ser negada autorização para que reiniciasse suas atividades. De qualquer modo, seu nome ficou guardado na História como impressor do primeiro folheto na Brasil.

A imprensa régia

A imprensa entrou no Brasil pela mão do govêrno. Com a vinda da côrte portuguesa para o nosso país, Antonio de Araújo, futuro conde da Barca, trouxe no porão do navio "Medusa" o material gráfico destinado à Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, de que era titular, e não chegara a ser montado. Apartando aqui o navio, mandou colocá-lo em sua casa, à rua dos Barbonos.

O Ato Real de maio determinava:

"Tendo-se constado que os prelos que se acham nesta capital eram os destinados para a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, e atendendo à necessidade que há de oficina de impressão nestes meus Estados, sou servido que a casa onde êles se estabeleceram sirva inteiramente de Impressão Régia, onde se imprimiam exclusivamente tôda a legislação e papéis diplomáticos, que emanarem de qualquer repartição de meu Real Serviço, ficando inteiramente pertencendo o seu govêrno e administração à mesma Secretaria. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, do meu Conselho de Estado, ministro e secretário dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, o tenha assim entendido, e procurará dar ao emprêgo da oficina a maior extensão e lhe dará tôdas as instruções e ordens necessárias e participará a êste respeito a tôdas as estações o que mais convier ao meu Real Serviço. Palácio do Rio de Janeiro, em 31 de maio de 1808".

Competia à junta que administrava a Impressão Régia, além do trabalho da gerência, "examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimissem contra a religião, o govêrno e os bons costumes". Juntamente com a imprensa, nascera a censura, velando para que o exame prévio dos censores reais legalizasse todo impresso. Foram os primeiros censores: frei Antônio de Arrábida, padre João Manzoni, Carvalho e Meio, e José da Silva Lisboa.

A "Gazeta do Rio de Janeiro"

Da Imprensa Régia, saiu o primeiro número da "Gazeta do Rio de Janeiro", a 10 de setembro de 1808, dirigida por frei Tibúrcio José da Rocha. Jornal oficial, nada trazia de interessante para o leitor comum. Depôs Armitage sobre a "Gazeta do Rio de Janeiro":

"Por meio dela só se informava ao público, com tôda a fidelidade, do estado de saúde de todos os princípios da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias, natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam essas páginas com as efervescências da democracia, nem com a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume".

A ausência de qualquer frase que denotasse descontentamento foi assim explicada por Nelson Werneck Sodré, em "A História da Imprensa no Brasil".

"Claro que havia queixumes. Como expressá-los, porém, numa fôlha cujo material de texto era extraído da Gazeta de Lisboa ou de jornais ingleses, tudo lido e revisto pelo conde de Linhares e, depois, pelo conde de Galveias, e que não tinha outra finalidade senão agradar à Coroa de que tão estreitamente dependia?"

Com a demissão de Frei Tibúrcio, após quatro anos de trabalho não remunerado, passou a "Gazeta do Rio de Janeiro" a ser dirigida por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. Hipólito da Costa lamentaria que se consumisse "tão boa qualidade de papel em imprimir matéria tão ruim", crítica justificada e que poderia ser aplicada, anos depois, a outros periódicos. Com todos os seus defeitos, porém, a "Gazeta do Rio de Janeiro" representou o marco inicial da imprensa brasileira.

Hipólito da Costa e o "Correio Braziliense"

O primeiro número do "Correio Braziliense", que Hipólito da Costa fundou, dirigiu e redigiu, em Londres, apareceu a primeiro de junho de 1808, três meses antes, portanto, da data em que surgiu a "Gazeta do Rio de Janeiro". Se aceitarmos o jornal de Hipólito da Costa como integrado no jornalismo de nosso país, aquela seria a data inicial do nosso periodismo. Já dois números do "Correio Braziliense" circulavam, e possivelmente no Brasil, quando surgiu o primeiro número da "Gazeta do Rio de Janeiro". Enquanto o periódico de Hipólito da Costa era uma espécie de brochura, com mais de cem páginas, mensal, de teor doutrinário, com capa azul escuro, de alto preço, a fôlha dirigida por Frei Tibúrcio era composta de poucas páginas, de conteúdo mais informativo que doutrinário e a baixo preço. A "Gazeta do Rio de Janeiro" não tinha competidores e aparecia a curta periodicidade, podendo ser citada como um exemplo rudimentar do tipo de jornal que hoje conhecemos. O jornalista Hipólito da Costa, por seu turno, objetivava conquistar opiniões, influir na coletividade, através do "Correio Braziliense", onde publicava estudos das questões mais importantes relacionadas à Inglaterra, Portugal e Brasil.

Por ter surgido devido a circunstâncias externas e ser feito no exterior, é bastante discutida a inserção do "Correio Braziliense" na imprensa brasileira. De acordo com o seu editor: "Resolvi lançar esta publicação na capital inglesa dada a dificuldade de publicar obras periódicas no Brasil, já pela censura prévia, já pelos perigos a que os redatores se exporiam, falando livremente das ações dos homens poderosos".

Realmente, conhecendo a situação política da época, compreendemos logo o quanto seria difícil manter o jornal fora do alcance da censura. Muitos exilados editaram jornais fora de seus países, visando a não deixar de participar das lutas nacionais. Esses jornais, como o "Correio Braziliense", conseguiam entrada clandestina onde deviam circular. Diferiam, contudo, do jornal de Hipólito da Costa, porque mantinham uma estreita ligação com os assuntos internos de que tratavam. No "Correio Braziliense", as questões relativas ao Brasil eram consideradas segundo as condições internacionais.

A figura de Hipólito da Costa tem sido glorificada por alguns autores e severamente criticada por outros. Neste trabalho, limitar-nos-emos a apresentar os fatos.

Sabemos que chegou à Inglaterra em 1805, fugindo da Inquisição de Portugal. Seu jornal teve circulação freqüente, de 1808 a 1822, com 175 números e diversas seções: Política, Comércio e

Arte, Literatura e Ciências, Miscelânea. Apresentou-se o "Correio Braziliense" com o seguinte editorial:

"O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela; e cada um deve, segundo as suas forças físicas e morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos ou talentos que a natureza, a arte ou a educação lhe prestou. Ninguém mais útil, pois, do que aquele que se destina a mostrar, com evidência, os acontecimentos do presente e desenvolver as sombras do futuro. Tal tem sido o trabalho dos redatores das folhas públicas, quando estes, munidos de uma crítica sã e de uma censura adequada, representam os fatos do momento, as reflexões sobre o passado e as sólidas conjecturas sobre o futuro".

Nas páginas do "Correio Braziliense", Hipólito da Costa preconizava reformas de base administrativa, embora fosse seu desejo que as mesmas fossem realizadas pelo governo, e não que viessem do povo. Preocupava-se em combater a corrupção; aplaudiu o aparecimento da tipografia no Brasil; pediu a abertura de estradas. Uma redação de mapas, um exame da navegação fluvial.

Imprensa e liberdade no Brasil

As figuras mais representativas do jornalismo brasileiro estiveram sempre a serviço do progresso nacional, interpretando-os legítimos interesses da coletividade. Nem mesmo prisões, atentados, assassinios, destruição do material tipográfico, obstáculos interpostos à livre circulação de jornais, nada disso impediu que aqueles jornalistas deixassem de ser os porta-vozes das aspirações populares em prol da independência e da soberania de nosso país. Mesmo quando o regime colonial provocava a ausência de jornais já existia uma consciência jornalística, quer dizer, uma ânsia de comunicação, de doutrinação, como pode ser exemplificado com a atitude dos baianos que se insurgiam contra Portugal, em 1798. Nessa época, circulavam na cidade — do Salvador, e eram afixados às paredes, os "papéis sediciosos", por meio dos quais os patriotas conclamavam o povo a pegar em armas contra o domínio português. Não obtiveram a vitória, na ocasião, mas a sua causa conheceria o êxito em 1822. Desejavam a independência política e o estabelecimento de relações comerciais com todos os países, reivindicações conseguidas a partir de 1808.

Com a abertura dos portos brasileiros, em 1808, entraram clandestinamente diversos impressos e jornais. O governo também concedia seu apoio, por sua vez, a determinadas folhas que pretendiam neutralizar os efeitos da leitura do material contrabandeado, sucedendo-se as experiências de periódicos.

Depois da "Gazeta do Rio de Janeiro", surgiu na Bahia a "Idade d'Ouro do Brasil", circulando às terças e sextas-feiras, com 4 páginas. Lançada sob os auspícios do conde dos Arcos, sua orientação era inteiramente absolutista, o que se nota logo pelo título, que indicava ser o período joanino uma época áurea. Com a derrota do general Madeira e a expulsão das forças portuguesas do solo baiano, em 1823, deixou de circular a "Idade d'Ouro do Brasil" que, por doze anos, defendeu a dominação portuguesa. A indignação dos brasileiros contra o periódico era tal que o livreiro Paul Martin, seu agente no Rio, desistiu de vendê-lo, restituindo a importância das assinaturas recebidas.

As autoridades mostravam-se temerosas da influência exercida pelas idéias que Hipólito da Costa difundia através do "Correio Braziliense", e incentivaram folhetos do gênero panfletário e outros periódicos. Em 1809, em Lisboa, apareceram as "Reflexões sobre o Correio Braziliense", editado na Imprensa Régia e que teve seis números. O desembargador José Joaquim de Almeida tirou também daquela oficina quatro cadernos de combate às posições assumidas por Hipólito da Costa. Com isso, o "Correio Braziliense" tinha publicidade gratuita.

Os primeiros periódicos

Sucedendo-se à "Gazeta do Rio de Janeiro", os primeiros jornais e revistas do Brasil, não oficiais, surgiram na Bahia.

Em 1812, "Idade d'Ouro do Brasil" anunciava a publicação de "As Variedades" ou "Ensaio de Literatura", sendo redator de ambos, Diogo Soares da Silva de Bivar, um dos pioneiros das folhas

independentes. Nascido em Portugal, Diogo de Bivar era um homem culto e dinâmico; foi advogado em Salvador e exerceu durante muitos anos diversas e importantes comissões políticas. Quando faleceu, aos oitenta anos de idade, um de seus filhos mandou inscrever no túmulo do jornalista: "Nasceu abastado, viveu ilibado e morreu pobre".

O funcionamento dos cursos jurídicos em São Paulo e Recife, transformou estas duas cidades em centros culturais. A mocidade universitária, assumindo posições de vanguarda, relacionava-se intimamente à imprensa.

Um balanço dessa época aponta 9 jornais no Rio de Janeiro e 22 nas províncias.

"O Farol Paulistano"

Na província de São Paulo, em 1827, começou a circular "O Farol Paulistano", de José da Costa Carvalho. Um de seus redatores, Antônio Mariano de Azevedo Marques, foi o fundador de "O Paulista", de 1823, inteiramente manuscrito, justificando-se assim em sua apresentação:

"Como desgraçadamente não tem sido possível à província de São Paulo obter um prelo para se comunicarem e disseminarem as idéias úteis e as luzes tão necessárias num país livre, é mister lançar mão do único meio que nos resta. Deverá pois ser suprida a falta de tipografia pelo uso de amanuenses, que serão pagos por uma sociedade patriótica e aos quais incumbe escrever o número de fôlhas que devem ser repartidas pelos subscritores no dia determinado para a sua publicação.

A primeira mulher no jornalismo brasileiro

Ximenes de Bivar e Velasco, filha do criador de "Idade de Ouro do Brasil", foi a primeira mulher a assumir funções de jornalista, tendo fundado e dirigido o "Jornal das Senhoras", na Bahia, em 1852.

A caricatura nos primórdios da imprensa brasileira

O ano da Independência do Brasil viu surgirem numerosos periódicos, na Côrte e nas Províncias, caracterizando a tensão política vigente e assinalando as diversas correntes de opinião.

Não só polemistas, ma gravadores, desenhistas, caricaturistas, deram a sua parcela de contribuição.

Na "Gazeta do Rio de Janeiro", apareceu a gravura, utilizada anteriormente apenas como artesanato provinciano. O desenho, a "charge", a caricatura, imprimiram uma feição nova aos jornais. Bonecos animando o texto cru apareciam em simples pasquins de 1831, saídos da Litografia Brigg.

No setor da caricatura brasileira, destacaram-se os nomes de: Pinheiro Guimarães, Aurélio de Figueiredo, Agostini, Bordalo Pinheiro, Cordeiro. Dêsses, uns dirigiram periódicos, outros, foram os seus fundadores. Como fruto de muitos esforços e sacrifícios, surgiram: "Lanterna Mágica", de 1844; "Diabo Coxo", de 1864; "Mosquito", "Revista Ilustrada", "Dom Quixote", "O Mequetrefe", "O Lobishomem", "O Tupi". Do começo do século XX até os nossos dias apareceram: "O Malho", "O Tico-Tico", "Careta", etc.

8. O JORNALISMO BRASILEIRO NAS LUTAS POLÍTICAS

Introduzida entre nós, oficialmente, no ano de 1808, a imprensa logo se notabilizou pela sua adesão às campanhas políticas.

Na primeira vintena do século, em Londres, para onde fugira às perseguições da Inquisição, Hipólito da Costa, através de o "Correio Brasiliense", que entrava clandestinamente no Brasil, pregava a monarquia constitucional e a libertação dos escravos.

Durante todo o ano de 1821, quer dizer, depois da Revolução do Pôrto e da saída do Rei para Portugal, a tendência geral da imprensa no Rio de Janeiro foi a da conciliação com a metrópole; e não de separação do Brasil. Entre os jornais publicados, notamos essa idéia de conciliação de modo especial nos periódicos do visconde de Cairu, como "O Conciliador do Reino Unido".• Naturalmente, aqueles que se opunham a Portugal não podiam divulgar seu pensamento.

Os jornais brasileiros, de 1808 a 1880, não precisavam procurar matéria — os assuntos estavam bem à mão. Sucessivos acontecimentos despertavam a consciência nacional, reclamando uma atuação das organizações políticas e mesmo do povo: a reação ao absolutismo, o constitucionalismo, a revolução de 1817, a regência de Dom Pedro; a independência, a abdicação de nosso primeiro imperador, as guerras civis e as agitações que ensanguentaram o país, a guerra do Paraguai.

Alcançada a independência política, mas agindo D. Pedro I a favor de seus compatriotas, desencadeou-se por todo o país uma violenta campanha, notando-se o descontentamento popular através dos jornais: "O Nazareno" e o "Repúblico"; de Antônio Borges da Fonseca, cuja atuação se fazia sentir na Paraíba e na Côrte; nas críticas do "Tifis Pernambucano", de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca; nos ataques de "A Sentinela do Sêro", dirigida por Teófilo Otoni.

Durante as lutas da Regência e por todo o Segundo Reinado, diversos nomes da imprensa brasileira continuaram a divulgar as aspirações do povo. Vicente Ferreira Lavor Papagaio, maranhense, defendeu com o periódico "A Sentinela", editado no Pará, a insurreição dos cabanos — movimento nativista, republicano, contrário ao partido restaurador e à Regência, deflagrado em 1833.

Corajosos foram também os irmãos Abreu e Lima: Luís Inácio, o "general das massas", e José Inácio, responsáveis pelo "Diário Nôvo" dos insurretos pernambucanos da Revolução praieira. Joaquim Nunes Machado, um dos líderes do referido movimento, enviava artigos para o "Diário Nôvo".

As campanhas da Abolição e da República notabilizaram, entre outros, Joaquim Serra, Quintino Bocaiúva, Saldanha Marinho e Salvador de Mendonça. Joaquim Serra fundou "A Reforma" e "A Fôlha Nova". Joaquim Nabuco diria sôbre êle: "Joaquim Serra é, na Reforma, a vida do Jornalismo liberal. Foi êle o criador da moderna imprensa política, figura resplendente na história da Abolição, pela seriedade, constância, sacrifício e heroísmo do seu incomparável combate de dez anos, dia a dia, até a vitória final de 13 de maio".

Quintino Bocaiúva, Saldanha Marinho e Salvador de Mendonça fundaram "A República", em 1870, logo após o término da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Bocaiúva, Marinho e Mendonça eram incansáveis na pregação contra o trono e o regime monárquico.

A imprensa no Brasil recebeu um patrimônio de glória, com a atuação de Luís Gama, Alcindo Guanabara e Rui Barbosa.

Conquistada a libertação dos escravos, o jornalismo brasileiro empenhou-se na luta pela República, sob a liderança do "Jornal do Brasil" e de "A República", esta, de Aristides Lobo. Do corpo redatorial do "Jornal do Brasil", fundado por Souza Dantas em 1891, faziam parte: Joaquim Nabuco, Barros Pimentel, José Veríssimo e Rui Barbosa. Na campanha republicana, destacou-se também "A Imprensa", de Rui Barbosa.

Em várias províncias, o governo republicano de Deodoro e, depois, o de Floriano Peixoto, ordenaram o fechamento de inúmeros jornais. "A Tribuna Liberal", publicada de 1888 a 1889, no Rio de Janeiro, foi o primeiro dêles. O "Jornal do Brasil" sofreu violências por parte de Floriano Peixoto e teve sua publicação suspensa, de 1893 a 1894.

Depois de Floriano Peixoto, com a Revolta da Armada, algumas crises político-sociais que não chegaram a abalar o regime republicano serviriam de material aos periódicos. Muitos já começavam a praticar o sensacionalismo conscientemente, explorando os eventos no sentido de vender exemplares e buscando atingir objetivos particulares.

Durante a I Guerra Mundial, nossos jornais, como os do mundo inteiro, passaram a estampar na primeira página o noticiário internacional, em substituição ao noticiário nacional, que foi relegado às colunas internas. Para atender à curiosidade natural dos leitores, portanto, o "espelho" foi alterado. Isso exemplifica bem o amadurecimento da imprensa brasileira.

As campanhas do Abolicionismo e da República utilizaram as palavras como autênticas armas, e a imprensa brasileira cresceu, adquirindo expressão nacional. Encarada como indústria, porém, continuava sendo uma aventura. Os problemas econômicos golpeavam mortalmente muitos periódicos, de breve existência. Os recursos técnicos também deixavam muito a desejar. Velhos prelos, máquinas compradas de segunda mão em países mais adiantados (Alemanha e Inglaterra), impressoras pesadas e modestas, de ferro fundido, bem como as caixas de tipo e outras peças rústicas, constituíam o material com que se compunha, paginava e imprimia o jornal.

Apesar desses aspectos negativos, o padrão de responsabilidade era elevado, se o compararmos com certos periódicos do jornalismo atual. Em sua obra "Jornal, História e Técnica", afirma Juarez Bahia: "Pode parecer paradoxal, no tempo de pasquins e jornalecos mal impressos e mal redigidos, haver alguma moral. Pois havia, e o balcão de anúncios, o poder econômico, a opinião do comerciante influíam menos na redação e na orientação da gazeta. Atrasados, feios, violentos, tipicamente provincianos, batiam-se mais ligeiros, por um ideal que por um anúncio".

Durante os primeiros anos do século XIX, durante os quais o Brasil atravessou diversos estágios políticos — Colônia, Reino, Império — vivendo instantes decisivos de sua História — atuaram algumas das maiores figuras do jornalismo pátrio, entre as quais: Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, redator do "Tifis Pernambucano"; Cipriano Barata; Líbero Badaró, redator do "Observador Constitucional"; Vicente Ferreira Lavor Papagaio, responsável pela "Sentinela" dos insurretos cabanas; Antônio Borges da Fonseca, redator do "República", periódico editado no Rio de Janeiro, na Paraíba e em Pernambuco, onde quer que se fizesse necessária a divulgação de informes patrióticos Luís Inácio de Abreu e Lima, fundador do "Diário Nôvo"; Teófilo Otoni, redator principal de "A Sentinela do Sêro".

João Soares Lisboa

"O Correio do Rio de Janeiro", de João Soares Lisboa, chefiava a corrente separatista. Seu redator, embora português de nascimento, veio muito cedo para o Brasil, e defendeu sempre os interesses da terra adotiva, sendo uma das figuras da independência do Brasil. Sem nunca se comprometer com o governo, João Soares Lisboa criticava com desenvoltura os atos do príncipe D. Pedro e de seus ministros. Esta atitude do periodista mais popular, e talvez o mais significativo da época da independência, resultou para ele em ser o primeiro processado no Rio de Janeiro, por crime de imprensa. Os jurados, nomeados, não eleitos, não conseguiram encontrar crime no réu, que divulgava os princípios republicanos e democráticos.

As perseguições que João Soares Lisboa sofreu não representaram um privilégio pessoal. Toda a imprensa enfrentava grandes dificuldades, no tempo de José Bonifácio, inimigo de críticas e observações. O Patriarca da Independência chegou mesmo a não permitir a circulação de periódicos que lhe fôssem contrários, ou escritos por pessoas que lhe eram desafetas. No final de 1822, deixaram de circular no Rio: o "Correio do Rio de Janeiro", o "Revérbero Constitucional" e outras fôlhas. Até a abertura da Assembléia Constituinte, a 3 de maio de 1823, não apareceu mais nenhum periódico.

Januário da Cunha Barbosa e Joaquim Gonçalves Ledo abandonaram o seu jornal — o "Revérbero Constitucional Fluminense" — e buscaram refúgio no estrangeiro. João Soares Lisboa recebeu ordens para se retirar do Brasil num prazo de 24 horas.

A causa da Independência e a imprensa baiana

Um periódico que em todos os momentos defendeu corajosamente os interesses brasileiros, agindo de modo bem diverso do "Diário do Rio de Janeiro", começou a circular na Bahia, a 4 de agosto de 1821, com o nome de "Diário Constitucional". Trazia como epígrafe os versos de Camões: "A verdade que eu conto nua e pura, vence tôda a grandiloqua escritura". Batendo-se para que o govêrno local tivesse uma Junta com maioria de brasileiros, o "Diário Constitucional" participou da primeira campanha eleitoral travada pela imprensa de nosso país, granjeando a oposição do "Semanário Cívico" e da "Idade d'Ouro do Brasil". No ano seguinte, deixando de ser diário, reduziu o seu título para "O Constitucional".

A causa da independência foi divulgada pelo "Diário Constitucional", em 1822. Empastelada sua oficina pelos portugueses, sucedeu-lhe, com entusiasmo redobrado, na vila de Cachoeira, terra natal da heroína Maria Quitéria, o "Independente Constitucional".

O "Diário de Pernambuco" e o "Jornal do Commercio"

Entre tantas publicações de vida efêmera, duas conseguiram se firmar e circulam até hoje: O "Diário de Pernambuco", de 1823, participou das lutas políticas de seu Estado, durante o Império e o período republicano, vencendo suas campanhas institucionais e cobrindo os principais acontecimentos. Noticiava os conflitos cívicos, as ocorrências locais, Os fatos de repercussão nacional e as disputas internacionais.

O "Jornal do Commercio", que surgiu em 1827, no Rio de Janeiro, substituiu o "Diário Mercantil" e, com os seus editoriais, obteve destacada influência sôbre a administração, chegando mesmo a derrubar ministros do Império.

Na regência e no primeiro reinado

Na Regência de D. Pedro e no Primeiro Reinado, o jornalismo brasileiro adquiriu perspectivas mais amplas, detendo-se nos temas políticos e sociais. São numerosos os folhetos e pasquins registrados no período que vai de 1822 a 1831. Um ano antes da proclamação de nossa independência, havia sido abolida a censura prévia. Sempre com uma epígrafe, fazendo humor ou se empenhando pela resolução dos problemas mais urgentes, aquêles periódicos foram veículos de plataformas de govêrno, de opiniões de grupos, de críticas à administração, bem como divulga dores de programas e sugestões de reformas sociais.

Dois jornais, fundados em 1821 e 1827, respectivamente, ocuparam lugar destacado, por suas campanhas cívicas de grande repercussão: "A Malagueta", de Luís Augusto May e a "Aurora Fluminense", de Evaristo da Veiga.

Evaristo da Veiga

"No meio dos homens notáveis do Primeiro Reinado e da Regência, escreveu Sílvio Romero — "entre os que figuravam distintamente e notavelmente influíram, teve Evaristo da Veiga certas qualidades que foram só dêle; era o mais nôvo, o que não tinha tradições, o que não possuía títulos acadêmicos, o que apareceu mais inesperada e ràpidamente, o que morreu mais môço, mas a tempo e mais a jeito; foi o que nunca saiu do Brasil".

Mais adiante, acrescentou Sílvio Romero: "a arma de que Evaristo da Veiga se serviu e o rumo que deu à sua doutrinação foram os mais acertados e poderosos para o tempo: a arma foi o jornal; e o rumo, o liberalismo da constituição".

Filho de livreiro, ainda criança se interessou pelo jornalismo ao visitar as oficinas da Impressão Régia, nos porões do palácio do Conde da Barca. A sagacidade que demonstrou como repórter, os editoriais que escrevia, tornaram-no um dos maiores homens do jornalismo de seu tempo. Além disso, sôbre êle se afirmou: "nunca fêz parte do Govêrno e morreu pobre".

Libero Badaró

O italiano Líbero Badaró colocou sua pena a serviço do Brasil, sendo assassinado em 1830, na cidade de São Paulo. Sua trincheira — "O Observador Constitucional", ganhou celebridade. Também ficaram famosas as palavras que pronunciou pouco antes de morrer: "Morre um liberal, mas não morre a liberdade!"

Cipriano Barata

Na história da imprensa de nossa pátria destacou-se, ainda, a figura de Cipriano Barata, cujas "Sentinelas da Liberdade" apareceram em Pernambuco, na Bahia, na Côrte, no Rio, do Rio Grande do Norte, em tôda parte, enfim, onde se fazia necessária uma voz de alerta.

Data de 1831 a estréia de Cipriano Barata no Jornalismo. Antes disso, porém, já se destacava como uma espécie de agitador popular, líder de massas, autor das "Sentinelas da Liberdade", chamado por alguns de anarquista, por outros de liberal. Considerado traidor pelos defensores do trono, teve o seu batismo de fogo na Inconfidência Baiana de 1798, quando foi prêso. Revolucionário, parlamentar, jornalista, panfletário e autor de inúmeros pasquins, tôda vez que a situação reclamasse, fazia distribuir as "Sentinelas da Liberdade", datadas de qualquer ponto do país. Diplomou-se em Coimbra, em Cirurgia, Filosofia e Matemática. Adquiriu experiência como trabalho escravo, como lavrador de cana nos engenhos de açúcar de Abrantes. Exerceu importante cargo na Revolução Pernambucana de 1817. Para assegurar condições mais humanas aos presos políticos, fundou comitês de solidariedade, encarregados do sustento material dos encarcerados. Fêz parte das sociedades secretas que lutavam pela nossa independência e pelo constitucionalismo; presidiu reuniões de conspiradores favoráveis ao sistema monárquico-representativo,

Cipriano Barata começou sua atividade jornalística na "Gazeta Pernambucana". Logo depois, fundou seu próprio veículo de comunicação, surgindo a primeira "Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco", com publicação regular às quartas e sábados. Redigida em linguagem violenta, o periódico obteve êxito, provocando uma oposição muito forte à instalação, em Pernambuco, do Apostolado, sociedade maçônica internacional, de José Bonifácio. As críticas de Cipriano Barata à referida organização levaram-no à prisão.

Recolhido ao cárcere, ou em liberdade, estava permanentemente em luta, opositor e antilusitano. Sua pena criou as condições para a Confederação do Equador. Muitos exemplares de suas "Sentinelas" foram rasgados em praça pública. Reeleito como representante baiano para a Assembléia Constituinte, não quis ir e só tomou posse porque o prenderam, afirmou Hélio Viana em "Contribuição à História da Imprensa Brasileira — "o que foi um processo original de fazer Deputado ocupar sua cadeira -, justificando sua atitude: primeiro, porque tinha opiniões livres — quase tôdas indo de encontro ao projeto de Constituição; segundo, porque tinha inimigos na Assembléia; terceiro, porque a via cercada por sete mil baionetas; quarto, porque tinha sido ameaçado de morte; quinto, porque mesmo de Pernambuco podia analisar o projeto constitucional." Embora prêso, o que ocorria freqüentemente, Cipriano Barata fazia circular as "Sentinelas". Da Fortaleza do Brum, saiu a "Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, atacada e prêsa na Fortaleza do Brum por ordem da fôrça armada reunida."

Sua atividade panfletária foi continuada por Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, no pasquim "Tifis pernambuco". No ano de 1838, Cipriano Barata faleceu, legando à posteridade suas inúmeras "Sentinelas", publicadas na Bahia, no Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Norte, bem como seus artigos para jornais diversos, que o consideravam, segundo registrou Hélio Vianna em "Contribuição à História da Imprensa Brasileira": "o firme, o honrado, o patriota, o imortal, o mártir Cipriano Barata."

As sementes lançadas por êle frutificaram. De 1823 a 1889, circularam nas Províncias da Bahia, do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, do Maranhão, do Ceará e de São Paulo, mas de duas dezenas de "Sentinelas", com as mesmas características pioneiras das "Sentinelas" de

Cipriano Barata: movimento a opinião pública, propagando o liberalismo, lutando pela implantação do regime republicano, combatendo a escravidão. Adotou a mesma orientação uma revista ilustrada, editada em Pôrto Alegre com o nome de "Sentinela do Sul", de 1867 a 1868.

Frei Caneca

Em dia e mês ignorados, no ano de 1779, nasceu Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, na cidade do Recife. Ordenou-se aos vinte anos de idade, no convento de Nossa Senhora do Carmo, ocupando-se sempre de atividades docentes. Iniciada a Revolução de 1817, filiou-se ao movimento que, ao ser debelado, levou Frei Caneca a ser prêso na Bahia, onde passou quatro anos de sofrimento. Ocupou êsse tempo no cárcere escrevendo uma gramática da língua portuguesa.

A dissolução da Assembléia Constituinte, com a prisão e deportação de deputados, ocorreu a 12 de novembro de 1823. A 25 de dezembro do mesmo ano apareceu o primeiro número do "Tifis Pernambucano", que iria assumir a responsabilidade de propagar os ideais autonomistas e republicanos e orientar a causa dos insurretos da Confederação do Equador. Comentava o jornal: "o lutuoso dia 12 de novembro, dia nefasto para a liberdade do Brasil e sua independência; dia em que o partido dos chumbeiros do Rio de Janeiro conseguiu dissolver a suprema Assembléia Constituinte Legislativa do Império do Brasil." Através de seu periódico, Frei Caneca tratou dos acontecimentos de Pernambuco e das outras províncias em que explodiam manifestações contrárias ao Império ou adesões aos movimentos patriotas. Usando de linguagem enérgica, o sacerdote recifense destoava os erros cometidos pelo monarca e atacava a prepotência dos portugueses. A firmeza de suas idéias pessoais, entretanto, em nada diminuía a fidelidade com que expunha os acontecimentos. Divulgando os documentos oficiais dos adversários, sabia criticá-los em detalhes e com brilhantismo. No quinto número do jornal de Frei Caneca, em janeiro de 1824, os portugueses eram acusados de querer "a recolonização do Brasil, sua escravidão inteira, ou o estabelecimento nêle do sistema absoluto." No sétimo número do "Tifis Pernambucano", lemos o seguinte, com referência à Dissolução _ da Assembléia Constituinte: "O projeto já foi feito para não ser discutido, e passar como Constituição eterna do Império do Brasil." Frei Caneca não temia criticar o Senado do Rio de Janeiro que, no comêço de 1824, afixara editais comunicando aos cidadãos que examinara o projeto de Constituição, nêle não encontrando nada que merecesse sofrer uma correção, pelo que o mesmo era julgado "conveniente." O padre-jornalista comentou, então: "O Senado não fêz mais do que assinar em cruz." Manifestou-se contra a escolha de Pais Barreto para o cargo de presidente da província de Pernambuco, fazendo-lhe várias acusações sérias. "Pode Sua Majestade dar padrões de tensas, títulos de barões, viscondes, condes, marqueses e duques; porém dar ciência a um tolo, valor a um covarde, virtude a um vicioso, honra a um patife, amor da pátria a um traidor, não pode Sua Majestade." O público lia no jornal de Frei Caneca coisas dêste teor: "Baixeiras, vilanias, servilismos, indignidades, nem se devem exigir de ninguém, nem são coisas imitáveis, nem se acham no caráter pernambucano." Ou ainda: "Nós queremos um império constitucional; e o ministério, um absoluto. Nós queremos uma Constituição feita pela nação soberana; o ministério, um projeto feito por êle, que não tem soberania. Nós, como racionais, queremos jurar uma constituição, com conhecimento do que juramos, livremente, sem coação, para o juramento poder ligar-nos; o ministério quer que abjuremos a razão, e que juremos o projeto, porque o Senado do Rio de Janeiro o qualificou de obra-prima em política, e que o juremos com um bloqueio na barra, fazendo-nos tôdas as hostilidades. Nós queremos uma constituição que afiance e sustente a nossa independência, a união das províncias, a integridade do império, a liberdade política, a igualdade civil, -e todos os direitos inalienáveis do homem em sociedade; o ministério quer que, à fôrça de armas, aceitemos um fantasma ilusório e irrisório da nossa segurança e felicidade, e mesmo indecoroso ao Brasil..."

O número 24 do "Tifis Pernambucano" trouxe um Comunicado, contendo as bases para a formação do pacto- social, redigidas por uma sociedade de homens de letras. Encontravam-se entre os seus itens: "A liberdade de imprensa, ou outro qualquer meio de publicar êstes sentimentos, não pode ser proibida, suspensa, nem limitada." "Todos os cidadãos são admissíveis a todos os lugares, empregos

e funções públicas. Os povos livres não conhecem outros motivos de preferência, senão os talentos e as virtudes." "Todo homem pode entrar no serviço de outro pelo tempo que desejar, porém não pode se vender, nem ser vendido." Sai no dia 5 de Frei Caneca, que passava em revista diversos jornais do Exterior que se ocupavam da situação de Pernambuco e de outras províncias. O "Constitucional", da França, dizia que "Pernambuco tem apresentado uma oposição máscula e vigorosa — aos planos do despotismo." Ao que o sacerdote acrescentava: "Quando a Pátria está em perigo, todo cidadão é soldado; todos se devem adestrar nas armas para rebater o inimigo agressor." Frei Caneca permaneceu no Recife, animado a insurreição com os seus artigos, até quando lhe foi possível. Sua prisão ocorreu quando êle se encontrava no campo de batalha, no exercício das funções de secretário das tropas sublevadas, das quais era, também, o orientador espiritual, Às vésperas de ser executado, compôs, na prisão, os versos: "Tem fim a vida daquele

Que à Pátria não soube amar;
A vida do patriota
Não pode o tempo acabar."

Na manhã do dia 15 de janeiro de 1825, na fôrça das Cinco Pontas, Frei Caneca morreu fuzilado, "Pelo crime de sedição e rebelião contra as imperiais ordens de Sua Majestade Imperial." A sentença condenatória estabelecida que êle deveria ser enforcado, mas três carrascos se recusaram a isso, pois o jornalista era muito estimado entre a população recifense. Frei Caneca, então, foi amarrado à fôrça e finalmente fuzilado.

Joaquim Serra

Joaquim Serra nasceu em São Luís do Maranhão, em 1830; em 1888, morria no Rio de Janeiro. Estreou no jornalismo quando contava 21 anos de idade, em 1851, no "Publicador Maranhense." Órgão oficial, circulava 3 vezes por semana, sendo transformado posteriormente em diário. Com referência ao valor dos jornais e jornalistas daquela província, no período de que falamos, assim depôs José Veríssimo: "Nenhuma imprensa, a não ser talvez a do Rio de Janeiro, que reconhece tôdas as capacidades do país, conta, em tão crescido número, nomes tão legitimamente notáveis, publicistas de raro vigor, cultura, excelência de linguagem e de estilo, dotes de jornalistas doutrinários e polemistas, como a do Maranhão desde a sua fundação em 1821 até os anos de 1860."

Eis alguns nomes do jornalismo local: Manoel Odorico Mendes — erudito tradutor de Homero e de Virgílio; Sotero dos Reis — gramático, historiador, jurista; João Francisco Lisboa — escritor humorista e historiador; Gonçalves Dias; Cândido de Moraes e Silva; Almeida Oliveira — precursor das idéias republicanas no Maranhão. Entre êsses, notabilizou-se Joaquim Serra que, aos 24 anos de idade, redigiu o hebdomadário "Ordem e Progresso" e fundou, em 1867, o "Semanário Maranhense", revista literária que, no ano seguinte, parou de circular. Transferindo-se para a Côrte, em 1868, aí Joaquim Serra prosseguiu em suas atividades, quer enviando colaborações aos órgãos já existentes, quer fundando novos periódicos, Durante vinte anos, levando uma existência simples, bateu-se pelo ideal da Abolição. Chegou a dirigir o "Diária Oficial" e foi deputada pela sua província. Procurava dar o máximo de sua pessoa, sem pensar em qualquer tipo de retribuição. Quando morreu, Joaquim Nabuco assim definiu o seu caráter: "O amor que tinha à obscuridade foi talvez a sombra que entreteve a frescura perene do seu espírito."

Praticamente sozinho, Joaquim Serra redigiu durante anos, no Rio de Janeiro, um dos jornais que mais se distinguiram na campanha abolicionista — "A Reforma." Dotada de extrema versatilidade, fazia de tudo em seu periódico: desde o artigo político à seção teatral e à crônica literária, comentando as últimas novidades das editôras, em prosa ou verso. A seu lado, colaborando em "A Reforma", estavam: Francisco Otaviano, Tavares Bastos, Afonso Celso, Rodrigo Otávio, José Cesário de Faria Alvim, mais tarde nomes de relêvo na política e na administração pública. Sobre êles, entretanto, ressalta, dominante, Joaquim Serra, pelo sacrifício e devotação demonstrados, dia a

dia, durante 10 anos, até a vitória final de 13 de maio de 1888. Comentando os acontecimentos de maior importância, de modo especial informes sobre a penetração da campanha abolicionista no Parlamento e na opinião pública, Joaquim Serra assinou, durante anos, os "Tópicos do Dia", colaboração sua em "O País". Explicando sua posição de jornalista abolicionista, dizia: "desejo estar nas avançadas e aí combater." Incansável na comunicação de suas idéias, assumiu a responsabilidade do periódico "O Abolicionista", publicação de grande valor, embora só tenha saído 4 vezes, entre os anos de 1880 e 1881. Órgão da Sociedade Brasileira contra a Escravidão, de formato pequeno, não declarava os nomes de seu corpo redatorial, nem trazia anúncios. Com a ausência de nomes, evitava-se perseguições aos brasileiros que pregavam a libertação dos escravos. Por outro lado, a ausência de anúncios mostrava que os comerciantes e industriais, empenhados na manutenção do regime, negavam muito naturalmente a sua ajuda financeira a quem os ameaçava com uma nova ordem sócio-econômica.

O valor da imprensa

Encerremos êste capítulo com o pensamento de Coston sobre a importância da imprensa: "O jornal facilita as relações dos homens entre si, suprime as barreiras antigas do tempo e do espaço, tende a estabelecer um nível mais elevado de justiça. Se a imprensa tem seus vícios, ela tem também suas virtudes. Ela é a guardiã, se não a mais responsável, meio o mais eficaz do direito, da justiça, da liberdade, da honra, da probidade do Estado; a guardiã avisada de todos aqueles que detêm uma parte do poder público, a denunciadora implacável dos abusos e dos vícios de sua administração e de seu governo. Ela é a testemunha vigilante que narra, tôdas as manhãs, aos cidadãos, os atos e os usos dos homens em seu pòsto, desde o guarda campestre até o ministro."

9. A INDUSTRIALIZAÇÃO DOS MEIOS DE INFORMAÇÃO NO BRASIL

No final do governo de D. Pedro I, que foi o iniciador dos processos de suborno da imprensa, destacou-se a ação verdadeiramente orientadora e patriótica da "Aurora Fluminense", de 1827, redigida por Evaristo Ferreira da Veiga. Os artigos deste jornalista impediram a radicalização das soluções encontradas, o que abalaria profundamente a unidade nacional. Os jornais anteriores à abdicação do primeiro monarca brasileiro, e os seguintes, usavam uma linguagem tão violenta que algumas de suas colunas não podem ser transcritas. Essa tendência começou a desaparecer em 1834. Ao período da Regência, sucede uma época razoavelmente calma, até 1870, com homens de imprensa excepcionais: Francisco Otaviano de Almeida Rosa, no "Correio Mercantil"; José de Alencar, José Maria da Silva Paranhos, no "Jornal do Commercio", Justiniano José da Rocha, injustamente relegado ao esquecimento, e outros.

Revistas dedicadas aos mais diversos assuntos, algumas sérias e boas, algumas com vida longa, como a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entraram em circulação.

O Segundo Reinado, período seguinte, que vai de 1840 a 1889, marcou o início da industrialização dos meios de informação, reflexo de uma nação mais populosa, mais consciente, mais alfabetizada. No ano de 1875, São Paulo copiou no setor da imprensa a atuação desbravadora de seus bandeirantes. Surgiu então a "Província de São Paulo", jornal estruturado por um grupo de republicanos, com objetivos não apenas políticos, mas a finalidade de atuar como porta-voz das aspirações coletivas. A "Província de São Paulo" entregou a seus agentes, em 1880, para distribuição, a maior tiragem de exemplares. Rangel Pestana, Américo Brasiliense, Campos Sales, José Maria Lisboa e Júlio Mesquita colaboraram nesse jornal que, proclamada a República, passou a se chamar "O Estado de São Paulo".

Em 1875 nasceu também o "Diário de Notícias", de Salvador, que ainda hoje circula.

De 1889 a 1930, nossa imprensa teve uma fase difícil e agitada, consolidando a sua industrialização. Seus elementos de informação apresentaram uma sensível melhora, em virtude das melhores comunicações com o resto do mundo, destacando-se: o "Correio da Manhã", o "Jornal do Brasil", "O País" (este vindo do Segundo Reinado e dirigido por Quintino Bocaiúva como órgão oficioso da República; foi empastelado em 1930).

A modernização do jornalismo brasileiro iniciara-se por volta de 1880, setenta e dois depois da instalação das máquinas que produziram a "Gazeta do Rio de Janeiro."

Com o alvorecer do século XX, a imprensa adquiriu sua expressão industrial, perdendo a tipografia a sua característica de artesanato. Os pasquins, de 2 ou 4 folhas de reduzido formato e público limitado, desapareceram devido as novas condições sociais. A máquina alcançou os periódicos, modificando-se segundo as imposições: a divisão do trabalho, a especialização, a distribuição racional dos cargos e responsabilidades. A Abolição e a República provocaram a influência na vida pública — do país. Os editôres compreenderam, afinal, que os assuntos abordados deveriam interessar aos leitores, deixando de publicar as matérias que reduziam os jornais a mero veículo de opiniões individuais. A nova situação fez nascer o profissionalismo. Quatro invenções foram consideradas etapas básicas da transformação da tipografia em indústria: a máquina de papel, de Louis Robert, em 1798; a prensa mecânica, de Frederico Kônig, em 1812; a prensa rotativa, de Marinoni, em 1850; e a linotipo, de Mergenthaler, em 1885.

A imprensa brasileira, mesmo depois da utilização bem sucedida da rotativa e da linotipo, continuava afastada dos recursos da técnica, trabalhando, durante muitos anos, como material já obsoleto- da era dos pasquins e dos jornalecos. O panorama mudou graças àqueles que confiaram no progresso e na consolidação de um negócio que sempre se mostra precário. Os jornais cariocas e paulistanos assumiram o papel de autênticos vanguardeiros da moderna indústria gráfica,

A publicidade nos primeiros tempos do jornalismo brasileiro

No período da Independência do Brasil, circulou o primeiro diário do Brasil, o "Diário do Rio de Janeiro", fundado por Zeferino Vito de Meireles e que circulou de 1821 a 1878. Era um jornal exclusivamente comercial; dedicava-se à publicação de anúncios e não se envolvia em políticos. Foi o primeiro jornal informativo a circular no Brasil. Ocupava-se dos assuntos locais, procurando transmitir aos leitores o máximo de informes, tanto particulares quanto de propaganda. As notícias particulares tratavam de: roubos, assassinios, reclamações, divertimentos, marés, correios; os anúncios abordavam: escravos fugidos, leilões, compras, vendas, e, depois de novembro de 1821, preços de gêneros alimentícios. Crescendo a sua popularidade, passou a ser conhecido como "Diário do Vintém" e "Diário da Manteiga", porque custava um vintém cada exemplar e trazia os preços, entre outros, da manteiga. Seu distanciamento das questões políticas em tal que não noticiou a proclamação da Independência... inserindo apenas, a partir de 24 de setembro, editais a respeito do acontecimento.

Embora alardeasse absoluta isenção, Zeferino Vito de Meireles, o fundador do "Diário do Rio de Janeiro", sofreu um atentado, em agosto de 1822, em consequência do qual veio a falecer. Seu jornal circulou até 1878. Considerado em termos de veículo de informações, foi um precursor bem original. Do ponto de vista político, entretanto, em nada contribuiu para alterar a situação do Brasil. Assim como havia, na fase inicial, grande número de periódicos literários e políticos, fundaram-se jornais especificamente para a divulgação de anúncios. Em 1821, circulou no Rio o "Jornal de Anúncios" que, no entanto, não conseguiu sobreviver. O "Diário de Pernambuco", desde a sua fundação, até 1828, conservou o aspecto de boletim comercial. No seu número de apresentação, proclamava:

"Faltando nesta cidade assaz populosa um Diário de Anúncios, por meio do qual se facilitassem as transações, e se comunicassem ao público notícias, que a cada um em particular podem interessar, o administrador da Tipografia de Miranda & Companhia se propôs a publicar todos os dias da semana, exceto os domingos somente, o presente Diário no qual debaixo dos títulos de Compras-Vendas-Leilões-Aluguéis- Arrendamentos — Aforamentos — Roubos-Perdas Achados — Fugidas e apreensões de escravos — Viagens-Afretamentos — Amas de leite, etc., tudo quanto disser respeito a tais artigos; para o que tem convidado a tôdas as pessoas, que houverem de fazer êstes ou outros quaisquer anúncios, ao levarem à mesma Tipografia que lhes serão impressos grátis, devendo ir assinados."

Outros jornais, com a mesma finalidade, foram aparecendo, como o "Jornal do Commercio" e "Diário Popular".

A propaganda evoluía com a imprensa. A "Gazeta do Rio de Janeiro", em 1808, estampava um anúncio com esta prolixa redação: "Quem quiser comprar uma morada de casas de sobrado com frente para Santa Rita, fale com Ana Joaquina da Silva que mora nas mesmas casas ou com o Capitão Francisco Pereira de Mesquita que tem ordem para as vender."

Cem anos depois, o estilo era outro: "Bicicleta – em estado perfeito, vende-se, oitenta mil réis. Pagável também em prestações anuais. Rua Turiassu 126."

Vejamos outro exemplo: "Teatro Santana — Único cinema que não incomoda a vista, único aparelho firme, sem trepidações! Sensacional! O mais moderno e perfeito aparelho jamais apresentado. Enorme coleção de vistas completamente desconhecidas do público, e de retumbante sucesso."

O primeiro anúncio a côres

O primeiro anúncio a côres, impresso em jornal de grande prestígio, surgiu no Brasil em 1915, quando o país ainda desconhecia o valor da propaganda.

Produzido numa agência de publicidade e exibido ao cliente em provas cuidadosamente preparadas, incorporava-se à coluna dos jornais, não sem relutância de diretores, provocando o espanto dos leitores. Publicou-o "O Estado de São Paulo", na primeira página, por bons contos de réis. Foi o primeiro passo rumo ao desenvolvimento dos serviços de propaganda planejada, ocorrendo a criação de agências especializadas.

Da imprensa escrita à sonora

Grandes jornais brasileiros surgiram entre 1920 e 1930 e, nesta década, conhecemos também a radiodifusão.

Existe no Brasil uma cadeia de jornais, revistas e estações de rádio e televisão que é a maior e mais importante da América Latina: os Diários e Emissoras Associados, criada por Assis Chateaubriand. Esse grupo instalou a primeira estação de TV no Brasil — a TV-Tupi, em Sumaré, São Paulo, inaugurada oficialmente a 18 de dezembro de 1950. O acontecimento deu início a uma série de instalações de novas estações de TV, nos mais diversos pontos do país para se ter uma idéia, basta dizer que Brasília, a jovem capital brasileira, conta com três estações de televisão: TV-Alvorada, TV-Brasília (emissora Associada) e TV-Nacional.

O noticiário esportivo aproveita o grande interesse das massas brasileiras pelo esporte, de modo especial o futebol. "A Gazeta Esportiva", de São Paulo, e o "Jornal dos Sports", do Rio, são jornais que divulgam exclusivamente matérias esportivas.

Em março de 1957, a revista "O Cruzeiro" inaugurou uma edição espanhola, com mais de cem mil exemplares.

Agências especializadas divulgam o noticiário internacional e nacional, sendo as mais importantes: a "Associated Press", a "France Press", a "Reuters", "United Press" e a "International News Service". Dotadas de recursos modernos, essas organizações estrangeiras servem à maioria dos jornais brasileiros, através de contratos que prevêm do serviço de informações normal, a exclusividade em texto e fotografia.

Atuando como fontes locais de noticiário, cuidando dos interesses administrativos e procurando aumentar o volume publicitário do periódico, surgiram as sucursais de jornais e revistas, em 1956 e 1957; precedidas dos correspondentes.

A "Rádio Educadora", de Brasília, a "Rádio Universitária", do Recife, e a "TV-Cultura", de São Paulo, representam, juntamente com outros honrosos exemplos, a comunicação efetuada em termos elevados e visando à promoção do homem. A programação da "Rádio Universitária", emissora da Universidade Federal de Pernambuco, demonstra o muito que se pode fazer através da radiodifusão, para melhorar o nível cultural dos ouvintes.

10. A TECNOLOGIA MODERNA A SERVIÇO DA COMUNICAÇÃO

O telégrafo e Morse

Morse e o telégrafo elétrico modificaram a face do mundo, influenciando consideravelmente em seu futuro. O maior incentivo que o inventor recebeu veio do professor Joseph Henry. Em 1835, este inventara o relé eletromagnético que, nos dias atuais, um século e um quarto depois, está sendo considerado como a maior invenção dos tempos modernos. A eletricidade caseira, que nos possibilita o conforto da refrigeração, luz, aquecimento, rádio, ferro de engomar, televisão; os sinais luminosos do tráfego, as campainhas, o telefone tudo isso nasceu da invenção do Professor Henry. Toda construção que se constitui num dente de engrenagem das comunicações modernas é um labirinto de eletroímãs. Enormes eletroímãs ativam os cíclotrons e os bétrons, essenciais à criação de átomos. Associemo-nos, portanto, a Samuel Morse, na gratidão a Joseph Henry, pois foi ele quem sugeriu ao primeiro inserir o relé no seu sistema, com a finalidade de vencer as dificuldades da distância. Deu-lhe ainda todas as informações que possuía sobre o telégrafo, convencendo-o de que não havia dificuldades insuperáveis.

Compreendendo o profundo significado da evolução das comunicações, afirmava Samuel Morse:

"O que quer que facilite o intercuro entre diferentes porções da família humana terá por efeito, sob a orientação de sadios princípios morais, favorecer os melhores interesses dos homens."

O inventor, contudo, não conseguia crédito que lhe permitisse a realização do seu projeto, na maioria das vezes acolhido como ridículo e insensato. No Congresso norte-americano, recebiam-no com gargalhadas, achando-o impraticável, desnecessário. Afinal, em março de 1843, vencidas as resistências, o projeto foi aprovado. Washington e Baltimore viram-se escolhidas para os pontos terminais da linha telegráfica. O primeiro teste, coroado de êxito, realizou-se a 24 de maio de 1844.

As grandes invenções no final do Século XIX

O último quartel do século XIX, aliás, presenciaria o aceleração da evolução histórica das comunicações, com o resultado das pesquisas e trabalhos de muitos inventores, entre os quais destacamos: Alexander Graham Bell - deu ao mundo o telefone, em 1876; Edison - o fonógrafo, em 1877, a luz elétrica, em 1879, e o aparelho cinematográfico, em 1889; Eastman - o filme fotográfico e o suporte de rólô, no ano de 1884; e Marconi - a radiotelegrafia, em 1896.

O telefone e Bell

Alexander Bell, que inventou o telefone e se interessou pela tecnologia do som, casou-se com uma jovem totalmente surda. Durante quase 50 anos, Mabel Hubbard amparou e inspirou seu brilhante mas excêntrico marido.

Mabel aprendeu a ler os movimentos dos lábios, conseguiu instruir-se e atingir um nível de cultura bastante elevado. Quando o Estado de Massachusetts preparava-se para elaborar as leis necessárias à criação de escolas para surdos, o pai de Mabel empenhava-se nessa luta. E levou a filha, com nove anos de idade, para ser interrogada pelos legisladores.

Perguntaram-lhe o que estudava, se tinha irmãos ou irmãs... Mabel ia respondendo com naturalidade. Sua voz não era normal, além de apresentar uma tendência a ser aguda e apagada — mas era inteligível, e de nenhum modo desagradável. Passado o primeiro momento de surpresa, os membros da comissão crivaram-na de perguntas sobre História e Geografia, propondo-lhe também a solução de problemas simples de Aritmética. As respostas de Mabel vinham prontas e seguras. Quando um dos legisladores indagou se a menina sabia ler, sua professora Mary True entregou-lhe um livro, e Mabel leu uma ou duas páginas com tanta facilidade e clareza, que algo assim como um assombro pareceu descer sobre todo o recinto. A presença da garôta surda encerrou os debates, em comissão especial recomendou que, em todas as escolas para surdos que viessem a ser fundadas em

Massachusetts, as crianças deveriam aprender a falar e a ler os movimentos dos lábios. Isso foi uma grande vitória, se considerarmos que, naquele tempo, o Estado não tinha lei alguma referente às crianças mudas, que eram simplesmente despachadas para o vizinho Estado de Connecticut, ao completarem dez anos.

Mabel, aos doze anos de idade, foi levada por seus pais à Alemanha, para que se matriculasse numa das mais adiantadas escolas de surdos. Entretanto, os diversos diretores procurados mostravam-se incrédulos, ao se entrevistarem com a menina. Chegavam a dizer: — É impossível! Nenhum surdo poderia ter o conhecimento que ela tem, nem poderia conversar com o desembaraço com que ela conversa!

Por isso, Mabel não chegou jamais a frequentar qualquer escola para surdos na Alemanha. Sua mãe matriculou-a num excelente colégio para crianças normais. Ali, ninguém falava inglês, nem mesmo os professores; mas em poucos meses Mabel lia, escrevia e falava alemão com facilidade. Como seus próprios pais também desconheciam o idioma, ela lhes servia de intérprete, quando empreendiam passeios ou precisavam fazer compras.

Permanecendo na Europa até os 15 anos, Mabel regressou a Boston atraída pelas notícias de um jovem e extraordinário professor, que pronunciara conferência naquela cidade, expondo um novo método para ensinar os surdos a falar e melhorar a voz. Chamava o processo de "Fala Visível" e, a julgar pelo que se dizia, os resultados constituíam autênticos milagres.

O professor era Alexander Graham Bell, cujo pai adquirira fama como "corretor de pronúncia defeituosa." Desde cedo, Alexander Bell aprendeu o sistema da "Fala Visível", concebido por seu genitor, o qual consistia no desenho de uma série de símbolos cuneiformes, destinados a mostrar aos alunos gagos a posição do céu da boca, da língua e dos dentes, necessária à produção de determinado som. A pura mecânica da produção dos sons exercia um grande fascínio sobre o futuro inventor do telefone. Com a idade de 16 anos, arranhou emprego na Academia Weston House, de Elgin, na Escócia, para ensinar não só Elocução como Música. Dentro em pouco, alargou o seu campo de atividade, ministrando lições numa escola para surdos em Londres, embora estudasse na Universidade de Edimburgo e na Universidade de Londres. Em 1871, Alexander Graham Bell era o professor de Fisiologia Vocal, na Escola de Oratória da Universidade de Boston, onde conheceu a menina-moça de 15 anos que seria o grande amor de sua vida.

Alexander e Mabel casaram-se em julho de 1877. Antes do matrimônio, Mabel já demonstrara aptidão comercial, qualidade não encontrada no inventor. Ela insistira junto a Bell para que colocasse o telefone na Exposição do Centenário em Filadélfia, promovida para as comemorações do centésimo aniversário da independência dos Estados Unidos. Afirmara: — "Esta é a sua grande oportunidade. O país inteiro verá e ouvirá o seu telefone."

Se Mabel não tivesse insistido tanto, êle ficaria a vida inteira aperfeiçoando seu invento. Ela animava-o a defender seus interesses, a continuar suas pesquisas; divulgava os projetos por êle concebidos, desde os incontáveis melhoramentos no telefone e a concepção de um rudimentar pulmão de aço para vítimas de poliomielite até as experiências ligadas ao rádio, à aviação, e o princípio das aletas aquáticas para embarcações de alta velocidade, que êle aperfeiçoou.

Por outro lado, Alexander Bell nunca diminuiu a sua grande dedicação aos surdos. Foi êle quem mandou os aflitos pais de Helen Keller, nascida cega e surda, à escola onde ensinava Anne Sullivan. O inventor destinou aos surdos todos os lucros de um dos seus projetos mais rendosos: o fonógrafo. Durante três anos, êle e dois colaboradores trabalharam para aperfeiçoar o fonógrafo de Edson. Introduziram-lhe várias modificações, sendo a mais notável a substituição dos discos cilíndricos, que eram incômodos e fáceis de quebrar, pelos discos chatos.

Inspirado no exemplo da educação inicial de sua esposa, aplicou uma outra parte de seus lucros na criação de uma escola em que as crianças surdas e normais estudariam juntas, o que viria a permitir que os alunos com deficiências físicas participassem das atividades próprias da infância, tornando-se aptos a se comunicarem.

Durante quase 50 anos, as vidas de Mabel e Alexander Bell foram uma só existência. Bell morreu em agosto de 1922 e sua esposa em janeiro do ano seguinte. Sepultados lado a lado, numa colina,

encontramos apenas estas palavras, em seus túmulos: "Alexander Gramh Bell, inventor" e, "Mabel Hubbard Bell, sua dedicada esposa."

A Linotipo e Mergenthaler

Ottmar Mergenthaler, o inventor da linotipo, casou-se com 27 anos de idade, em Baltimore, Estados Unidos, para onde emigrara da Alemanha. Sua esposa Emma, além de atraente, era ativa e inteligente, possuindo uma fantástica compreensão da personalidade do marido. Podia pressentir seu estado de espírito, em suas mutações, e suas mais íntimas preocupações. Havia mesmo ocasiões em que ele tinha a impressão de que a mulher conseguira "ler" seus pensamentos. Gregária por natureza, Emma encorajou-o a tomar parte ativa em organizações cívicas locais. Mostrou-lhe que, como sócio de uma firma de fabricantes de máquinas e instrumentos, era um homem de negócios em ascensão, com um lugar e responsabilidades na comunidade em que viviam. Assim, ele cedo descobriu que toda uma nova existência começara, uma vida de realização emocional que jamais experimentara. Na esposa, encontrou uma autêntica companheira, com quem podia partilhar suas esperanças e seus sonhos, alguém que estivera a buscar, inconscientemente, por toda a vida.

Ottmar contou a Emma o projeto em que estivera trabalhando, Sem êxito: uma máquina para revolucionar a impressão. Ela ouviu com atenção, embora não compreendesse os detalhes mecânicos. Em seguida, sugeriu, com ousadia, que ele devia prosseguir os estudos do projeto e construir a máquina. Quando Ottmar explicou que isso requeria uma grande quantia e sacrifícios pessoais, Emma não ficou desanimada. "Se precisam tanto dessa máquina, como você diz, então consiga o dinheiro de alguma forma. Todos os sucessos repousam em fracassos do passado. Espero que você a construa, senão, terá sempre arrependimento. O próprio fato de falar nela demonstra que você ainda a tem em mente."

Como resultado da insistência de Emma, Ottmar voltou à prancheta de desenho e começou a preparar um novo conjunto de planos para a máquina de faixas. Nas horas mais difíceis, a esposa o encorajava. Reconhecia a possibilidade de fracasso, todavia, acentuava: "Se você tiver sucesso, terá feito o que, ninguém foi capaz de fazer antes."

Ottmar replicava: "Sim, mas não devo pensar só em mim. Você agora é minha esposa. Devo pensar em você. Você não tem idéia dos riscos. Muitas vezes não haverá dinheiro, e tudo parecerá sem esperança. Haverá discussões com os patrocinadores e ficarei aborrecido e amargurado."

A esses argumentos, Emma respondia, simplesmente: "Você não entende que eu, como sua esposa, quero correr tais riscos a seu lado?"

Ottmar e Emma Mergenthaler tiveram cinco filhos. Nem mesmo quando engravidava, Emma perdia a coragem de suportar a incerteza financeira e a modesta existência que eram obrigados a levar.

Aos 32 anos de idade, Ottmar Mergenthaler deu ao mundo a linotipo. Para ele, não representava um assunto de dólares e centavos, apesar de todo o dinheiro que fôra investido pelos financiadores. Ele investira quase dez anos no seu aperfeiçoamento, e era parte de sua vida. Levou um grande choque ao comprovar que os homens que lhe tinham fornecido fundos, para o seu projeto, ávidos de lucro, não lhe permitiam aperfeiçoar a sua invenção. Com lágrimas nos olhos, Ottmar chegou a implorar permissão para introduzir ao menos algumas das alterações mais importantes: — "A linotipo não é apenas uma máquina para mim", explicou. "É como um organismo a que se deve permitir crescer e melhorar à medida que prossegue; é como carne e sangue para mim." Suas ponderações, entretanto, caíram em ouvidos surdos. Afinal, a ajuda de amigos fiéis concedeu a Ottmar Mergenthaler a oportunidade de aperfeiçoar o seu invento.

Com a introdução da Linotipo Simples nasceu uma nova era na impressão. Em menos de um ano, estavam sendo instaladas Linotipos em oficinas de composição de jornais e impressores por todo os Estados Unidos, Canadá e Inglaterra. Quase da noite para o dia, Ottmar verificou que se transformara em celebridade internacional. Jornais e periódicos divulgavam longas matérias sobre ele e sua luta para conseguir o aperfeiçoamento da Linotipo, enquanto inúmeros editoriais saudavam o seu empreendimento como o avanço mais significativo na palavra imprensa, desde os dias de Johann Gutenberg,

Esgotado pelas exaustivas horas de intenso trabalho, o inventor viveu mais tempo graças aos cuidados de sua esposa. 1892 foi, para ele, um grande triunfo, a culminância de quatorze anos de esforço contínuo e dedicação a uma idéia. Com mais de mil máquinas Linotipo, sendo empregadas em todos os países de língua inglesa, e planos para a introdução de tipos em língua estrangeira para que a invenção pudesse ser utilizada em qualquer lugar do mundo, tudo significava alegria e recompensa aos longos anos de estudo.

Entretanto, desde o ataque de pleurisia que sofreu, quase fatal, no outono de 1888, a saúde de Ottmar piorava cada vez mais. Em 1892, os médicos disseram-lhe que estava tuberculoso. Sua esposa soube enfrentar corajosamente a situação. Seus cuidados, repetidos, conseguiram conservar acesa por mais alguns anos a chama frágil da existência de seu marido. Mas, a 28 de outubro de 1899, Emma encontrou o esposo morto no quarto. Tinha 45 anos de idade.

Ottmar Mergenthaler morreu cedo demais para testemunhar todo o impacto produzido pela máquina que ele aperfeiçoou, ou para receber as homenagens como um dos gênios inventivos de sua era. Thomas Edison referiu-se à Linotipo como a "Oitava Maravilha do Mundo." Ela provou ser verdadeira tal afirmação. A composição rápida, de tipo a baixo custo, que se tornou passível através do invento de Mergenthaler, promoveu uma revolução no ramo de publicações e na educação. Anteriormente ao desenvolvimento da Linotipo, os jornais e revistas eram escassos, finos e caros. Os livros didáticos, bastante dispendiosos, passavam de geração a geração. Até o final da década de 1880, apenas 77 bibliotecas públicas, nos Estados Unidos, continham mais de 300 livros! Como resultado direto do Linotipo, os horizontes da indústria de publicações se expandiram muito além dos sonhos mais fantasiosos do próprio inventor. As bibliotecas se multiplicaram em número e tamanho, contribuindo para que a taxa de analfabetismo no país decrescesse em mais de dois terços. Ottmar Mergenthaler foi o artífice de uma revolução mundial — uma revolução que atingiu e continua a atingir todos os que lêem. Seu pai, que não aprovara a sua vocação, reconheceu isso, ao dizer:

"Eu tinha querido que ele fosse um mestre-escola, como fomos eu e meus filhos mais velhos, pois via na educação do jovem uma valiosa profissão. Contudo, com jovem sabedoria, ele viu com muito mais clareza que seu destino seria muito mais auspicioso; ao realizar esse destino, fez mais pela educação da humanidade do que eu jamais poderia sonhar."

A telecomunicação

Na história das telecomunicações, o problema do aumento da largura de faixa dos meios de transmissão vem sendo considerado como de máxima importância, de forma a possibilitar a utilização simultânea, cada vez maior, de grande número de canais telefônicos e canais de televisão. Esse problema adquire maior significado se refletirmos sobre as ligações à grande distância, principalmente intercontinentais, onde os meios hoje existentes, os cabos submarinos e os circuitos-rádio, são insuficientes para atender às demandas, atuais e para o futuro, no campo das telecomunicações. Em circuitos via rádio, a capacidade de transmissão aumenta quando se aumenta a frequência; assim, os circuitos de micro-ondas permitem a utilização simultânea de um maior número de canais telefônicos ou de televisão.

Os satélites e sua utilidade

A partir de 1960, o desenvolvimento tecnológico dos satélites foi acelerado. Iniciou-se com o lançamento dos satélites refletores passivos "Echo I e "Echo II". Surgiram, em seguida, os repetidores ativos de média altitude – "Telstar" e "Relay" – e, finalmente, o repetidor ativo síncrono de grande altitude, o "Syncom". Todos esses projetos tiveram caráter experimental, sob a coordenação dos Estados Unidos e a participação de outras nações interessadas. Em 1965, começou a operação comercial internacional de satélites com o "Pássaro Madrugador" ("Early Bird"), oferecendo oportunidade de transmissão de telegrafia, telefonia e televisão entre os Estados Unidos e a Europa.

O "Pássaro Madrugador" foi o primeiro satélite lançado pelo Consórcio Mundial de Comunicações por Satélites – INTELSAT –, com a colaboração de 53 países, inclusive o Brasil, que também é acionista do Consórcio. O INTELSAT tem como objetivo estabelecer um sistema mundial de telecomunicações por satélites. A firma COMSAT administra o empreendimento, além de executar de executar as decisões.

O sistema mundial está sendo implantado de forma progressiva, utilizando quatro satélites síncronos de grande capacidade – mil e duzentos canais – e dois de capacidade média – quatrocentos e oitenta canais, assegurando com isso a cobertura mundial para as telecomunicações internacionais.

Em princípio, podemos afirmar que a utilização dos satélites nas telecomunicações encontra grande rentabilidade na operação comercial internacional de telegrafia e telefonia, Estudos comparativos técnico-econômicos demonstram que êsse meio de transmissão é bastante flexível, sob o ponto de vista operacional e, também, mais econômico que os cabos submarinos. Uma rêde mundial de comunicações, com vinte mil canais, interligando cem países, por meio de satélites, custaria 277 milhões de dólares – e quatro bilhões de dólares se fossem empregados cabos submarinos,

Atualmente, além de telegrafia e telefonia, os satélites do INTELSAT já vêm sendo empregados, em algumas ocasiões, para a transmissão internacional de televisão entre os Estados Unidos e Europa e Estados Unidos e Japão; na Europa, o "Molnya II" (não pertence ao INTELSAT) está retransmitindo programas de televisão entre Moscou e Paris, e vice-versa, como resultado de um acôrdo celebrado entre os dois países. Observa-se que a demanda internacional de televisão é relativamente pequena, existindo, apenas, quando surgem acontecimentos especiais, e desde que haja interêsse na transmissão de programas ao vivo. A existência do "video-tape" e a facilidade de transporte aéreo rápido, reduzem o interêsse comercial na transmissão de televisão por satélites.

Além da rêde mundial de telecomunicações do INTELSAT, outros campos de aplicação de satélites vêm sendo estudados; estão entre êles: o emprêgo para a radiodifusão de uso doméstico, para fins aeronáuticos, meteorológicos e para fins militares. Entretanto, sob o ponto de vista técnico, existem problemas ainda não resolvidos e com solução de difícil previsão; por exemplo: a inexistência de foguetes de lançamento que possam levar os satélites, de pelo menos dois mil quilos de carga útil, a uma altitude de trinta e seis mil quilômetros.

Gravuras sonoras

O escultor e pintor Günter Maas exibiu numa galeria de arte moderna, em Colônia, as suas "gravuras sonoras", utilizando os requisitos da técnica para tornar audíveis os sonhos pintados nas telas, e chegando a resultados que dependem muito das pessoas. Isso porque o aparelhamento técnico pode ser empregado de forma individual, semelhante à individualidade com que o artista utiliza o seu pincel. Günter Maas já organizou uma demonstração pública dêsse processo. A parte mecânica é demasiado complexa para ser explicada em poucas palavras. Mas, em resumo, podemos dizer o seguinte:

Os diferentes temas de um quadro – círculos, triângulos, quadrados, e espirais coloridas – são transmitidos a um fixador de imagens por meio de um dispositivo apropriado, Esse fixador é um reproduzidor sonoro que trabalha segundo os princípios fotoelétricos. As estruturas, seus contornos, a escala dos matizes, são transformados em sons eletrônicos. As variações sonoras dependem da alacridade das côres óticas. Contornos e detalhes, côres berrantes ou opacas determinam a escala musical. A côr vermelha tem um efeito de proximidade; o azul, de distância. O inventor elaborou uma escala cromática e analisou suas possibilidades de mistura. As telas são apalpadas pelo dispositivo; enquanto a vista aprecia a tela, o ouvido capta os sons transmitidos pelas formas e côres; trata-se de uma aventura sincronizada. Ouve-se e se vê uma curva harmônica, linhas sobrepujantes, o rompimento de uma eclipse. O som duro, produzido pelo prêto, é suavizado pelos matizes azuis; o vermelho lança-se de cima para baixo, um cinza leve ameniza.

Günter Maas diz que a sua filha de 12 anos reconhece imediatamente a música de suas telas. Se a jovem reconhece a música das "gravuras sonoras" criadas por seu pai, ocorreu uma forma de comunicação, da pintura através da música. Tudo aquilo a que as pessoas podem atribuir significações pode ser e é usado em comunicação.

A REVOLUÇÃO DA CIBERNÉTICA

No estudo da divulgação das idéias entre os diversos povos, bem como das mais recentes conquistas científicas, precisamos destacar a participação das máquinas de traduzir e a dos mecanismos postos a serviço da atualização de tais conhecimentos. Existem cérebros eletrônicos e computadores automáticos, capazes de solucionar, num espaço de tempo muito reduzido, intrincadas operações que anteriormente exigiriam o esforço de toda uma equipe de especialistas. O evoluir da técnica produziu a comunicação entre ciências antes separadas, possibilitando a criação de novas, como resultado da interpenetração e conseqüente fusão. Assim, da Química e Biologia, surgiu a Bioquímica, para citar apenas um exemplo. A associação íntima entre seres vivos e máquinas possibilitou a descoberta do coração artificial. As limitações do meio ambiente poderão ser vencidas com os BIOCIPS, que resultam daquela associação. Os aparelhos inteligentes tornaram-se os companheiros do homem nas grandes aventuras de nossa era.

A Cibernética é exatamente o estudo do controle e da comunicação nos animais e nas máquinas, conceito introduzido pelo matemático Norbert Wiener, em seu livro "Cybernetics", editado em 1948. São objeto de estudos cibernéticos assuntos aparentemente os mais diversos, tais como: o mecanismo do sistema nervoso dos animais, a programação das modernas máquinas de computação eletrônica, os sistemas automáticos de controle de produção, a auto-regulagem das máquinas, a teoria da informação, o processamento de dados, etc. O computador, uma vez que o cientista lhe ensine lógica, passa a aplicá-la implacavelmente. Foi, aliás, fabricando máquinas, que o homem compreendeu melhor que a lógica constitui uma associação de dados através de "laços lógicos." A Cibernética demonstra o seu grande alcance pela massa de colaborações modernas que recebe – processos lógicos, problemas de linguagem e comunicação, estudos médicos (principalmente de Fisiologia), conhecimentos de Engenharia, de máquinas, de Eletrônica, métodos de Física e de Estatística, além de muitos outros.

Contudo, o primeiro passo para compreendermos a Cibernética, a ciência que estuda as relações entre a máquina e o homem (relações entre o comportamento de um e outro), deverá ser uma noção exata da máquina. Enquanto a bicicleta é ferramenta, a motocicleta é máquina. Você sabe dizer se a lâmpada de azeite é máquina ou ferramenta? É máquina. Por que martelo, pinça e machado são ferramentas? Porque dependem da energia humana, pelo que constituem um prolongamento de um membro do corpo humano. Tanto a máquina como a ferramenta funcionam com energia. A ferramenta consiste em um prolongamento material que o homem dá a seus órgãos, para aumentar a eficiência e o rendimento de sua ação. Quanto à máquina, constitui um sistema fabricado pelo homem para executar uma certa ação, quando lhe é fornecida energia adequada. De acordo com a Mecânica clássica, há três tipos de máquina: a que substitui o trabalho humano (neste caso, o homem apenas orienta a máquina) – exemplo: máquinas de artesanato; a que orienta a sua própria ação (motor de automóvel); a que determina a sua ação, a sua oportunidade ou não (um reservatório d'água com bóia).

Por outro lado, dentro da Cibernética, encontramos um ramo dedicado à Teoria do Sinal e da Informação – estudo da transmissão de mensagens nos sistemas de telecomunicação. Confundem-se os conceitos de energia de comando (a informação) e energia de execução (sinal). Observemos que, no telefone, rádio e televisão, as ondas (sinal) transportam a informação (energia de comando). E o termômetro, é informação ou sinal, ou ambos? Apenas informação. Sendo uma máquina, utiliza, como energia, o calor, do qual resulta a informação.

Os aspectos técnicos do jornalismo e projeções eletrônicas que servem para vislumbrar um futuro de intenso progresso científico foram debatidos, em Washington, pelos delegados da Vigésima Assembléia anual da Sociedade Interamericana de Imprensa, na sessão plenária de 30 de outubro de 1969. Seis técnicos, representando diversas empresas eletrônicas, falaram sobre o desenvolvimento das comunicações previsto para os próximos 15 ou 20 anos, como um resultado direto do emprego da ciência eletrônica na publicação de jornais e revistas. Um dos expositores afirmou: "Os progressos que se verificarão, daqui a 10 anos, nas redações dos jornais, poderão ser comparados à

mudança que ocorreu quando a era da pena e do lápis terminou, com a invenção da máquina de escrever."

O processamento eletrônico inicia-se com a apresentação dos dados, de uma forma sensível, a uma unidade de entrada. São diversos, os tipos de unidades de entrada: leitora de cartões, leitora de fita de papel, leitora ótica (para fichas manuscritas), telefonia (com discagem), disco magnético, fita magnética, tambor magnético, painel, "display" (utiliza uma tela de TV) e "data cell" (fita de acesso direto, semelhante a um disco — a fita é cortada em pedaços). Na memória do computador, colocam-se as programações (instruções que devem receber instruções). Cada computador é projetado para determinado objetivos. O computador com dimensionamento para um estabelecimento bancário terá que receber novos programas, antes de passar a servir uma firma de construção. De qualquer modo, o computador não independe do homem, como erradamente se pensa. Não raciocina. Se o homem lhe der informações erradas, êle informará errado. Também não se mostra infalível. Como máquina, precisa de instrução para tudo (mais ou menos assim, trocando em miúdos: "comece aqui", "pare ali", "desvie acolá", "some", "quando terminar, comece novamente"). A unidade de controle fica pesquisando tôdas as outras unidades do computador, controla e executa cada instrução da memória, uma após outra. Na unidade aritmética e lógica, o computador realiza operações logicamente. A unidade de controle, depois de pesquisar a memória (que instrui, por exemplo, "subtraia"), lança a informação à unidade aritmética e lógica, transmitindo o resultado, logo em seguida, à memória. Quando esta diz "última informação", a unidade de controle instrui a unidade de entrada "última informação pode parar de funcionar". As unidades de entrada são também unidades de saída, além da impressora e perfuradora de cartões e perfuradora ótica. Chama-se programa ao registro de funções que resolveriam um determinado programa ("ler cartão", "mover para impressora", "imprimir", "voltar ao início"). Enquanto a linguagem de máquina é a codificação que a unidade de controle entende, denomina-se posição de memória às posições onde são armazenadas as informações.

Em uma entrevista publica da pelo "Science Journal", da Grã-Bretanha, o professor Frank George, da Universidade de Londres, advertiu: "Tremo ao recordar a grande eficiência alcançada pela Gestapo na Alemanha nazista, sem contar com o procedimento mais primitivo do processamento automático de dados. Com os computadores modernos, todo o processo de controlar e conseguir o que se deseja fica muito mais fácil. Se os governos decidirem adotá-lo seriamente, o sistema de arquivos de dados obtidos por computação proporcionaria aos políticos um enorme controle sôbre o comportamento de uma nação." O cientista acrescentou temer que os países ocidentais estejam se encaminhando para uma nova forma de totalitarismo e que os bancos de dados possam vir a ser utilizados em um golpe de Estado totalitário.

Não sejamos tão pessimistas. Encaremos o futuro com a esperança de que a Cibernética constitua realmente um valioso auxílio para a realização integral da pessoa humana, alargando o seu campo de ação e fornecendo-lhe os meios de domínios e compreensão do universo.

THERESA CATHARINA.

11. A DRAMATIZAÇÃO COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO: TEATRO E CINEMA

O teatro na antiguidade

Teatro também é comunicação. De autor para o público. De uma geração a outra geração. De uma época para outra época. Comunicação de uma circunstância à mente do espectador e, às vezes, para o seu coração. O teatro constitui um processo sistemático de comunicação audiovisual. Destacou-se sobretudo na Grécia, com Sófocles, Píndaro, Esquilo, Eurípedes... Popular, o teatro grego caracterizou-se pelo seu conteúdo altamente intelectual. A famosa tragédia "Electra" foi representada pela primeira vez mais ou menos em 413 antes de Cristo, no teatro de Dionisos, com capacidade para trinta mil espectadores, sentados em arquibancadas semicirculares escavadas na rocha das encostas da Acrópole de Atenas. O povo grego soube amar as suas Tragédias, que legou à humanidade. As peças de Sófocles e Eurípedes, os dramas de "Antígona", de "Edipo Rei", exerciam grande atração sobre o público. Antígona comunicou aos espectadores, para todo o sempre, sua mensagem de justiça; preferiu arcar com a ira e a violência do poder terreno, a violar uma lei religiosa; não vacilou ante a defesa dos princípios em que acreditava. Foi essa a mensagem universal.

No Egito, as peças teatrais encenadas ao deus Osíris simbolizavam as quatro estações do ano.

O teatro na idade média

Na era medieval, dois lugares exerceram destacada função na vida do povo: as igrejas e as praças. O teatro existia nesses dois locais. No primeiro, representavam-se peças religiosas, versando sobre temas sagrados, extraídos da Bíblia ou de lendas piedosas. Mas o teatro viu o seu público aumentado quando saiu dos templos e passou a ser apresentado nas praças; embora as peças tivessem sempre uma atmosfera religiosa, o tema era um pouco mais livre; chamavam-se peças "profanas". Uma delas tinha o nome de "sottise" – palavra francesa que significa "tolice", "loucura". Todas as personagens fingiam ser loucos e diziam todas as verdades que desejavam falar, sem que fôssem presos ou perseguidos, pois estavam, para todos os efeitos, "representando". Essas peças satíricas agradavam bastante o público. Nos papéis de loucos, os atôres podiam dizer o que os espectadores não ousavam.

O teatro medieval floresceu sobretudo na França e começou com as representações sacras, organizadas pelo clero para difundir os episódios religiosos mais interessantes. Nesse teatro, destacamos: os dramas litúrgicos, os milagres, o mistérios, a "sotie".

Os dramas litúrgicos representavam-se após a Missa, nos dias das grandes festividades, tendo como tema principal as cenas do Natal, da Paixão ou da Ressurreição de Cristo. No século XII, os Milagres substituíram os dramas litúrgicos. Nessa nova forma, os versos dão lugar à prosa e o latim vê-se preterido pelo francês. Além disso, os autores já não eram apenas sacerdotes, mas leigos, e as representações passaram a ser realizadas no adro das igrejas, abandonando o interior dos templos. Uma outra característica distingue os Milagres: enredos profanos, embora de significação ou fundo moral.

O teatro religioso da Idade Média atingiu o seu clímax no século XV, quando apareceram os Mistérios, apresentados nas praças. As cenas da história bíblica, assunto principal, viam-se intercaladas com episódios cômicos – as farsas -, o que evitava a monotonia dos espetáculos, geralmente muito longos.

O teatro profano, surgiu, talvez, dessas farsas, cuja única finalidade consistia em divertir a plebe. Uma das mais populares foi a de nome "Mestre Pedro Pathelin", de autor desconhecido.

O teatro da Idade Média refletia a atmosfera medieval, de cunho religioso. Nas igrejas ou nas praças, o povo assistia aos Mistérios, aos Milagres, às farsas, caracterizando-se como uma dramatização de fontes bíblicas. A própria "Divina Comédia", de Dante, foi uma obra poética com características de teatro, e marcada também pela visão das coisas divinas.

O teatro da idade moderna

O teatro da Idade Média teve nomes gloriosos: Shakespeare, Corneille, Molière e Racine.

Shakespeare escreveu, entre outras: "O Rei Lear", "O Mercador de Veneza", "Ricardo II", "Ricardo III", "Romeu e Julieta", "Hamlet", "Oteílo", "Júlio César", "Macbeth", "Antonio e Cleópatra". A tragédia de dois jovens apaixonados, Romeu e Julieta, comunica-nos até hoje o absurdo que representa a discórdia, o ódio entre os homens, que lutam cegamente uns contra os outros... e a visão do amor, que vê além de todas as diferenças aparentes e busca a unidade de coração.

A mesma força do amor, de ser capaz de unir, quando tudo parece conduzir à desunião, está presente na peça de Corneille "Le Cid".

Enquanto Corneille pintava os homens como deveriam ser – cumpridores de seu dever, heróicos, altruístas – Racine os descrevia bem mais humanos, com seus defeitos peculiares. São peças famosas de Racine: "Berenice", "Fedra", "Ifigênia". Com "O Mentiroso", Racine contribuiu para o desenvolvimento da comédia, chegando mesmo a influenciar as obras de Molière.

O espírito satírico de Molière registrou para a posteridade o ambiente de sua época, com suas futilidades e seus defeitos, através de peças teatrais como: "Tartufo", "Don Juan", "O Burguês Fidalgo", "As Mulheres Sábias", "O Doente Imaginário", "As Preciosas Ridículas", "Escola de Maridos", "Escola de Espôsas". Hoje, o público ri do Burguês Fidalgo que, recebendo um título, quis se assemelhar aos membros da nobreza – e contratou professor de dança, de Filosofia, encomendou ao alfaiate uma roupa de fidalgo, etc. Mas isso foi uma realidade aos burgueses ricos, em troca de dinheiro, os reis davam títulos, o que não impedia que eles continuassem sendo o que sempre foram: burgueses. Na França de Molière, as mulheres se reuniam em sociedades literárias, onde se portavam com refinada afetação. O autor criticou a superficialidade, as mulheres fúteis que desejavam aparentar um espírito intelectualizado; daí surgiu a sua comédia "As Mulheres Sábias".

As óperas de Wagner

Os apreciadores da música e das óperas de Wagner constituem uma prova eloqüente de que o gênio alemão conseguiu se comunicar. Sua obra foi uma ponte entre ele e os outros homens – incapazes de criarem música semelhante, mas capazes de entendê-la e amá-la. Os aplausos de ontem confundem-se com os aplausos de hoje para as obras de Wagner: "O Navio Fantasma", "Lohengrin", "Os Mestres Cantores", "Tristão e Isolda", "Parsifal". Assim, o teatro comunica gerações.

O teatro contemporâneo

O autor norueguês, Ibsen, é considerado o mais importante dramaturgo do século XIX. Quando começou sua carreira, a literatura da Noruega, que durante séculos estivera ligada à dinamarquesa, iniciou sua independência com um movimento de romantismo nacional, de que Ibsen também participou. Escreveu, entre outras peças: "Os Pretendentes da Coroa", "A Comédia do Amor", "A Aliança da Mocidade", "As Colunas da Sociedade", "Casa de Bonecas", "Os Espectros", "Um Inimigo do Povo". "A Aliança da Mocidade" constitui uma sátira aos costumes eleitorais da Noruega de então. "As Colunas da Sociedade" aborda um caso de seguros fraudulentos, demonstrando que os burgueses ricos e poderosos podem ter um passado criminoso. Sendo essa uma peça otimista, o culpado se arrepende no final, é perdoado, e manifesta a sua confiança nas forças libertadoras e purificadoras do operário e da mulher. Mais tarde, Ibsen desistiu de se bater em prol do operariado, mas continuou seguindo uma linha feminista. Na peça "Um Inimigo do Povo", um médico sofre perseguições porque revelou que as águas de um balneário famoso estavam poluídas.

O irlandês Bernard Shaw, com muita ironia, escreveu: "Pigmalião", "Santa Joana", "César e Cleópatra", "O Herói e o Soldado". O público entende com facilidade a comunicação que lhe é feita

através de Pigmalião – o homem que consegue fazer de uma mulher comum uma dama admirada por todos.

Em "O Cerejal", Tchekov comunica o ambiente com as seguintes palavras: "Um campo. Uma velha capela, há muito abandonada, com paredes rachadas; próximo um poço, grandes pedras, que aparentemente foram lajes tumulares, e um velho banco. Pode-se ver uma estrada para a propriedade de Gaev. De um lado erguem-se álamos, projetando suas sombras; o cerejal começa aí. À distância uma fila de postes de telégrafo; e longe, muito longe, em traços apagados no horizonte, uma grande cidade, visível apenas quando o ar é bastante límpido. Em breve, o sol desaparecerá."

Jean Cocteau reconstituiu, no teatro contemporâneo, mitos antigos: "Orfeu", "Antígona", "Édipo". Autor também de "Les Enfants Terribles" e de "A Máquina Infernal", afirmou sobre a sua peça "Les Mariés de la Tour Eiffel": "A ação de minha peça desenrola-se através de imagens....."

As cenas estão integradas com as palavras de um poema."

Na Espanha, Garcia Lorca, autor de "Bodas de Sangue", conseguiu comunicar a seu próximo, com lirismo e poesia, o sofrimento de "Yerma", a espôsa que ansiava ardentemente por um filho. E não comunicou apenas isso; transmitiu ainda, na mesma peça, as superstições da população rural, a maledicência, os preconceitos.

Pirandello ficou célebre pela sua teatralidade desesperada. Prêmio Nobel de 1934, suas comédias tratam dos enganos permanentes do homem, são tragicomédias. Não se trata mais de "palco", mas da própria vida, dizem os críticos. As personagens são pessoas vivas, que encontramos na rua, que conhecemos, que são nossos vizinhos. Pirandello escreveu: "Seis Personagens em Busca do Autor", "Mas não é uma Coisa Séria", "Henrique IV", "Vestir os Nus".

Em "Vestir os Nus", uma suicida, depois que é salva da morte, deseja assumir outra personalidade, para enfrentar o mundo. A mesma fuga da realidade encontramos em "Henrique IV" – um louco consegue se curar, entretanto, acha mais fácil continuar a agir e passar como "louco", a ter que encarar de frente o mundo em que vive.

Laura é a personagem frágil, tímida, receosa de todos, na peça "À Margem da Vida", de Tennessee Williams. Ela e sua mãe são duas pessoas frustradas e agem com muito pouca compreensão, no que se refere a Tom, rapaz com alma de poeta, obrigado a ganhar a vida trabalhando numa sapataria, respectivamente seu irmão e filho. Complexada devido a um defeito físico, Laura não foi preparada para enfrentar o mundo. O grande sonho de sua mãe é lhe "arranjar" um bom casamento. Como vemos, as personagens são nossos companheiros de existência, com seus problemas e preocupações. Dramaturgo de inspiração vigorosa, Tennessee Williams deu notáveis contribuições ao teatro contemporâneo: "Um Bonde Chamado Desejo", "Noites de Iguana", "Gata em Teto de Zinco Quente", entre outras peças. Tennessee Williams, como Odets, apresentam um teatro poético baseado no realismo moderno, sem exigir uma participação mais livre e mais direta por parte do público (como ocorre com o teatro de Obey).

Os conflitos e preconceitos raciais, que tantas lutas provocam entre os homens, nos são comunicados também pelo teatro contemporâneo. Exemplo disso são as peças "Oração Por Uma Negra", de William Faulkner, e "A Prostituta Respeitosa", de Jean-Paul Sartre.

O existencialismo de Sartre, difundido e refletido em suas obras, não admite uma solução para a angústia do homem, o que se contrapõe ao pensamento de outra corrente existencialista. De acordo com o católico Paul Claudel, o homem realmente é um ser angustiado. Essa angústia, contudo, leva-o a buscar Deus. No encontro do homem com Deus, ocorre a realização humana e a destruição da angústia. E toda a nossa vida é um caminhar para Deus.

Sartre escreveu ainda para o teatro: "As Môscas", "Os Mortos Sem Sepultura". A história desta peça gira em torno a um grupo da Resistência Francesa, aprisionado e torturado com requintes de crueldade.

Paul Claudel, inspirado pelo seu existencialismo da esperança, escreveu a belíssima peça de teatro "O Anúncio Feito a Maria", cuja mensagem pode assim ser traduzida, de acordo com as palavras do próprio autor: "De que vale a vida, senão para ser dada?"

Tendo abordado o aspecto religioso, nas considerações sobre autores teatrais, não podemos deixar de citar "Crime na Catedral", de Eliot. Entre as peças deste dramaturgo ("Crime na Catedral", "A

Rocha", "Reunião Familiar") destaca-se de modo especial a primeira, que supõe um público cristão. Escrita por um poeta metafísico por excelência, expõe o paradoxo do martírio: lamento e júbilo, viver e morrer ao mesmo tempo; o mártir assumindo o papel de semente sangrenta da Igreja. "Crime na Catedral" é a única peça – moderna onde o côro faz parte do esquema dramático, nêle desempenhando um papel em muitos aspectos semelhante ao côro de Sófocles, ao expressar em música e imagem o sofrimento de Thomas. É o côro que lhe revela a razão de seu martírio: a caridade, o amor. Assim, a perfeição cristalina do côro deve-se ao fato de existir primeiramente para expressar um sofrimento, e apenas secundariamente para representar "a muralhas de Canterbury". A causa formal de "Crime na Catedral", de Eliot, e a chave para o enrêdo, para o uso do palco, para a estruturação de personagens e para o tratamento do texto, é a idéia de ação expressa pela fórmula:

"Sabeis e não sabeis que agir é sofrer
e o sofrimento é ação".

Um jovem autor conseguiu grande êxito junto ao público de teatro — Edward Albee — com duas peças de um ato: "A História do Zoológico" e "O Sonho Americano" e ainda. "Quem tem medo de Virgínia Woolf?". Suas obras batem numa mesma tecla dominante: a incomunicabilidade humana; apesar da tremenda necessidade que os sêres humanos sentem, de se comunicarem, mostrando-se incapazes. E não se entendem, e se injuriam, e se magoam mutuamente. "Quem tem medo de Virgínia Woolf" mostra o desentendimento conjugal. "O Sonho Americano" é um verdadeiro pesadelo. Pena que o autor acentue tantos aspectos negativos, sem dar nem ao menos uma visão de esperança ou solução. Talvez, na busca de se apresentar como dramaturgo realista, foi tão pessimista que perdeu o senso da realidade. Esqueceu a ternura, a solidariedade humana. Deteve-se, fixou-se na incompreensão. Edward Albee, o autor da incomunicabilidade, conseguiu se comunicar com as platéias — e teve êxito, justamente porque os espectadores compreenderam o que êle escreveu, captaram o significado de sua mensagem.

Antecedentes do cinema

A História do Cinema, um dos mais notáveis instrumentos de comunicação, iniciou-se há sete mil anos. A análise do movimento foi tentada nas pinturas das grutas pré-históricas de Altamira, na Espanha. E a projeção de sombras numa parede já era praticada pelos chineses há cinco mil anos antes de Cristo. Por isso dizemos que a História do Cinema começou há sete mil anos.

O cinematógrafo e os irmãos Lumière

Os irmãos Lumière iniciaram a comunicação através do cinema. Para que chegassem ao primeiro aparelho, o cinematógrafo, foi preciso que resolvessem três dificuldades: a análise do movimento, a fixação dêste movimento num recipiente qualquer e a sua projeção fora do aparelho. Louis Lumière mostrou a sua invenção ao público na histórica sessão de 28 de dezembro de 1895, em Paris, realizando os primeiros espetáculos regulares de Cinema.

Os irmãos Lumière, apresentando o seu cinematógrafo, tinham mais uma preocupação científica do que um interêsse artístico ou comercial. As cenas filmadas eram as da vida diária, sem nenhum artifício, uma espécie de "álbum de família" animado. Pelos títulos dos filmes podemos ter uma idéia: "A Saída das Usinas", "A Chegada do Trem" — filmes de 16 milímetros, com duração de 2 minutos. Aos poucos, entretanto, as perspectivas vão se ampliando. Lumière passa a filmar acontecimentos fora de casa: um congresso, um jubileu, uma exposição — uma espécie de atualidades cinematográficas de hoje! Envia seus auxiliares, os "caçadores de imagens", para o exterior, a fim de filmar acontecimentos históricos. Eis que os filmes vão aumentando de duração e passaram a contar histórias e a transmitir idéias. Lurnière realizou ainda o primeiro filme de enrêdo, com os seguintes elementos: exposição do ambiente, motivos, personagens, intriga, clímax e desenlace.

Na origem do cinema, já encontramos duas tendências documentarista (informação) e composição de espetáculos (diversão). Nesse período, aliás, a maior tendência é para o teatro filmado.

George Méliès, o mágico da tela

George Méliès foi chamado "o mágico da tela." Diretor de uma casa de espetáculos, prestidigitador e ilusionista, viu logo as enormes possibilidades da câmera. Seguiu no princípio o exemplo de Lumière, mas começou a filmar todo o repertório do grande ilusionista Houdini, e se voltou definitivamente para o teatro, principalmente o gênero fantástico, o que hoje chamamos "ficção científica". Descobriu muitos truques cinematográficos. Seus filmes: "Viagem Através do Impossível", "Vinte Mil Léguas Submarinas", "Viagem à Lua", "A Conquista do Polo", destacaram-se entre mais de 4 mil que realizou. Em 1908, porém, estava superado.

O cinema deve muito a George Méliès. Foi êle quem introduziu o sonho, o feérico, partes integrantes da arte. Deu um impulso decisivo à arte cinematográfica, como criador de filmes de enredo; construiu o primeiro estúdio cinematográfico; foi o primeiro distribuidor de filmes.

James Williamson

Poucas pessoas sabem que o precursor dos filmes norte-americanos no gênero "Western" ou "cow-boy" foi o cineasta inglês James Williamson, autor do primeiro filme com montagem alternada. Até aquela data, a câmera filmava uma ação contínua representada num palco ou uma ação qualquer no exterior. Os ingleses gostavam de filmar ao ar livre, o que os obrigou a interromper a ação. A montagem alternada apareceu pela primeira vez em "Ataque a uma Missão", quando vemos a ação em dois lugares diferentes, montadas alternadamente, para aumentar o "suspense" da história; a película inclui igualmente perseguições, correrias e galopadas, ações dotadas de conteúdo rítmico.

Alfred Collins

Alfred Collins, no seu filme "Casamento num Automóvel", usou pela primeira vez a "elipse", quer dizer, substituiu uma ação por um símbolo, ou o efeito de uma ação não filmada. Suprimiu toda uma cena de casamento na igreja, focalizando, apenas, a aliança no dedo dos nubentes. Esse fato nos mostra o quanto a imagem economiza cenas e palavras. Devemos valorizar, portanto, o próprio cinema mudo, que não consistia simplesmente de filmes desprovidos de som, como aconteceria se assistíssemos a um filme atual com o alto falante desligado. O cinema mudo tinha uma técnica própria, estando muitas vezes mais perto da verdadeira arte cinematográfica do que algumas produções de hoje, que não sabem mais contar em imagens, baseando-se por demais na ajuda das palavras.

A primeira atriz: cinematográfica

Foi na Dinamarca que surgiu a primeira atriz cinematográfica do mundo, estrêla autêntica, e não uma atriz teatral fazendo cinema. Em 1911 fundou-se naquele país a "Nordisk", cujo diretor, Urban Gad, compreendeu que a interpretação de um ator teatral apresentava características bem diversas da interpretação exigida de um ator cinematográfico. Sua esposa, Asta Nielsen, apoiava-se nos efeitos visuais da interpretação; com uma expressão mímica extraordinária, sabia alcançar um grau de expressividade única, nessa época do cinema mudo. O cinema atual e sua importância. Agora que vivemos na era do cinema falado, os países exportam sua cultura também através de seus filmes e de seus diretores principais, cada um deles desejando transmitir a sua maneira de encarar o mundo ou uma determinada situação, enfim, todos trazendo uma mensagem. A máquina de filmar, portanto, age como instrumento de humanismo em nossos dias.

O cineasta Federico Fellini

O cineasta Federico Fellini nasceu no ano de 1920, em Rimini, Itália. Foi para Roma aos 16 anos de idade, tendo sido caricaturista e desenhista de ficção científica. Em 1943, casou-se com a atriz Giulietta Masina e, pouco depois, escreveu ou adaptou a história de vários filmes, destacando-se, ao lado de Rossellini, na película-chave do movimento neo-realista: "Roma, Cidade Aberta". Em 1950, de parceria com Rossellini, dirigiu "Mulheres e Luzes" o primeiro de uma série ininterrupta de grandes triunfos: "Abismo de um Sonho", "Na Estrada da Vida", "A Trapaça", "As Noites de Cabíria", "A Doce Vida", "Oito e Meio".

A estréia de Fellini na direção ocorreu com o filme "Mulheres e Luzes", que retrata o pequeno drama de uma companhia teatral ambulante. Em 1954, "A Estrada da Vida" ganhou o segundo prêmio do Festival de Veneza, tendo no papel principal, de Gelsomina, sua espôsa Giulietta Masina. O neorealismo, condicionado pela guerra, que é um fato coletivo, inclinara-se sempre para os assuntos sociais. Fellini, sem recusar propriamente tal orientação, verifica que, terminada a guerra, a pessoa humana também existe e, tanto quanto o coletivo, o individual pode assumir relevância e verdade. Gelsomina, Zampano e "o louco" sofrem com a impossibilidade de se comunicar. Entretanto, todos trabalham, o que os socializa, porque lhes fornece uma natureza social; o trabalho os aproxima uns dos outros, unindo-os. Zampanô era um homem animalizado, cuja fôrça física triunfava sôbre a pureza de Gelsomina e a inteligência de "o louco". Somente depois que fica só e decadente, começa afinal a sentir. A sentir e talvez a amar — nesse caminho, êle vai encontrar sua redenção como pessoa humana. Regressa à praia onde conhecera Gelsomina; ali, pela primeira vez, diante do mar e sob o céu, sofre e chora — não é mais um animal. O filme "La Strada" pode ser classificado como neo-realista porque a pessoa humana é uma realidade. Buscar uma solução ética para o destino dos personagens não compromete a realidade, antes completa e aprofunda os acontecimentos reais.

Giulietta Masina foi também a grande intérprete de outro filme de seu marido — o não menos famoso "Noites de Cabíria". A prostituta que desejava ter uma família, que gostaria de dar amor e ternura, é terrivelmente iludida por aquêle que parecia ser o instrumento de sua salvação. O final de "Noites de Cabíria", todavia, mostra um caminho de esperança. Aquêle sorriso de Cabíria, com o contínuo movimento da câmara em volta dos jovens que se divertem, não foi só um dos mais belos finais da história do cinema, porém um dos instantes decisivos da ideologia do nosso tempo, mostrado com a imediatidade objetiva da câmara cinematográfica: o desespero e o abandono podem ser superados pela capacidade humana de reviver e esperar dias melhores.

Gelsomina e Cabíria destacaram-se com tipos cinematográficos — aparentemente marcados pela miséria e degradação, se nós nos detivermos para examiná-los em profundidade, aparecerão como portadores de poesia e riqueza interiores. A interpretação de Giulietta Masina, espôsa de Federico Fellini, conseguiu transmitir aos espectadores a mensagem de cada figura.

Escreveu Irene Tavares de Sá, no livro "Eva e Seus Autores": "encontramos em Cabíria os mais contraditórios sentimentos em estado puro: agressividade e espontaneidade, ao mesmo tempo que é generosa, digna e sincera. A esperança não a abandona por mais que o infortúnio a persiga. E embora tudo lhe tenha faltado na vida como proteção, não se degrada interiormente, continuando a esperar a felicidade no amor. Domina-a poderoso instinto de evasão e purificação em demanda de regiões inacessíveis. Apesar de tôdas as condições contrárias, Cabíria é um ser "moral" sempre buscando uma saída para a situação em que vive, dividida entre as contingências de uma dura realidade e as grandes aspirações espirituais: Fé e amor.

É um ser em luta, que não se entrega ao desespero nem à degradação. Nesse sentido há nesse admirável filme uma mensagem cristã que deixa perceber a oculta grandeza do ser humano.

Para Cabíria, o amor é um valor idealizado, pelo qual ela dará todos os seus bens, como "o mercador que vendeu tudo que possuía" para comprar a mais bela das pérolas. Em sua contextura dramática, beirando muitas vêzes o grotesco e o primitivo, há uma recôndita beleza e grandeza nos esforços de Cabíria por superar a adversidade e a miséria, como se o amor fôsse nela uma fôrça propulsora. E se o realismo de Fellini a conduz aos limites do desespero, nova esperança termina por surgir, à qual ela se agarra e adere como ao seu elemento natural."

"Cabíria é um ser puro que vence a "fatalidade", descobrindo em si mesma novas energias. Secreta e misteriosa intuição parece conduzi-la e revelar-lhe o segredo dos valores supremos, embora revestidos da mais triste condição. E justamente porque o tom é poético e não dogmático, aceitamos seus contrastes como possíveis e conciliáveis, acabando por descobrir nos fundo dêsse contraste a essência de um ser puro, não corrompido."

Dirigindo e escrevendo o roteiro de seus filmes, Fellini tem se destacado no panorama do cinema contemporâneo. "A Doce Vida", por seu estilo próximo dos grandes afrescos, requisitou uma concentração visual e lógica; reflete a intenção crítica "felliana" sobre a sociedade atual. Existe uma necessidade moral subjacente nesse longo documentário da perdição de nosso tempo. Exatamente porque nenhum personagem se apresenta positivo, permanece no espectador o sentimento básico de se opor à doce vida amargamente retratada. No Festival de Cannes de 1960, quando "A Doce Vida" conquistou a Palma de Ouro, Fellini declarou numa entrevista à imprensa: "Eu quis fazer um filme que transmitisse coragem, na medida em que êle faz olhar a realidade com uma visão nova, sem se deixar envolver pelos mitos, as superstições, a baixa cultura, os sentimentalismos. Eu desejaria que não se considerasse o filme como pessimista, desesperado e satírico, porém que meus amigos dissessem: "É um filme leal." Lembremos que o desfêcho de "O Doce Vida" é o primeiro plano de uma cândida adolescente, num simbolismo marcante de pureza. Esse ideal de Fellini está presente em "Oito e Meio", bem como em "Noites de Cabíria" e "A Estrada da Vida", embora em vestes diversas. Através do cinema, Fellini e sua espôsa Giulietta Masina transmitem ao mundo as mensagens de que são portadores.

12. O TEATRO NO BRASIL

O teatro brasileiro coloca-se em pé de igualdade, nos dias atuais, com o teatro inglês, francês, italiano e norte-americano, atingindo igualmente pelos obstáculos e problemas da luta pela sobrevivência. Nossas melhores peças são muito superiores à média das produções das temporadas estrangeiras, afirma Sábato Magaldi. A sua pouca influência deve-se ao fato de que mesmo os espetáculos de grande sucesso são assistidos, nas capitais, apenas por dois por cento da população, e poucas vezes atravessam seis meses de cartaz, em salas cuja capacidade média é inferior a 500 lugares. Os jovens que procuram o teatro não o consideram como um simples divertimento, e proclamam o seu elevado alcance social.

Realmente, nossas peças do passado advogaram a fusão das raças, a Independência, o Abolicionismo, a República e estigmatizaram os erros da sociedade. Comunicando suas idéias através do teatro, os autores ampararam os oprimidos, combatendo qualquer forma de tirania. Pautaram-se, no melhor sentido da expressão, pelas preocupações didáticas. Nas duas últimas décadas, nosso teatro conseguiu um extraordinário desenvolvimento. E as técnicas modernas de encenação só foram introduzidas no Brasil em 1943, pelo polonês Ziembinski.

O teatro e a catequese

Nos primeiros tempos, o teatro foi instrumento de catequese, utilizado pelos jesuítas junto aos índios, no século XVI. José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil, escreveu autos em 3 línguas: português, espanhol e tupi. Citamos, entre as suas numerosas obras, que visavam atrair os pagãos por meio do colorido e variedade das representações: "Auto da Pregação Universal", "Dia da Assunção", "Quando, no Espírito Santo, se recebeu uma relíquia das Onze Mil Virgens", "Na Festa do Natal".

José de Anchieta

Na tarefa civilizadora de catequizar o gentio e na sua ação junto aos portugueses que para aqui vieram, o jesuíta José de Anchieta, nascido nas Canárias, escreveu e representou os primeiros autos compostos no país. Era um estrangeiro que trazia da Metrópole o instrumento cênico, de alcance seguro na catequese. Mas, ao invés de impor na nova terra os padrões europeus, logo se afeiçoou ao espírito indígena, chegando a realizar peças inteiras na língua tupi. As exigências locais deram um cunho de brasilidade às produções de estrutura tosca e primitiva. O esforço de aculturação, nesse empreendimento gigantesco de trazer os silvícolas para a religião, moldou a forma de um novo instrumento cênico. Êste, embora não pudesse ser classificado como inteiramente autóctone, não se orientava segundo os exemplos estrangeiros.

O primeiro comediógrafo brasileiro

Depois, houve um vazio de dois séculos — século XVII e século XVIII. Não chegaram a nós outras peças jesuíticas e, pelo menos até agora, não se descobriram textos que tenham sido representados durante o século XVII.

Existe uma única exceção, até que alguma descoberta ou pesquisa venham modificar os dados históricos atuais: conservam-se duas peças do baiano Manuel Botelho de Oliveira considerado o primeiro comediógrafo brasileiro. Foi o mais antigo poeta do país a editar suas obras, contudo, nada nos autoriza a incluir o autor em nossa literatura dramática. As comédias foram escritas em espanhol, observando modelos hispânicos, e não parece que tenham sido representadas. Homem culto, de formação européia, Botelho de Oliveira escrevia em quatro línguas.

O século XVII e a ausência de teatro

Como poderemos explicar o vazio teatral do século XVII? Além da falta de documentos, outras causas são invocadas: as novas condições sociais do país, não se adaptando o teatro catequético dos jesuítas aos centros de povoamento; os nativos e os portugueses precisaram lutar contra os franceses e holandeses, tendo início uma época agitada de nossa História, nada propícia ao desenvolvimento intelectual e artístico.

Essas condições, e outras semelhantes, prolongaram-se durante a primeira metade do século XVIII. Na segunda metade, ocorreu a instalação em muitas cidades de um teatro regular, em "Casas da Ópera" edificadas para as representações. A ajuda oficial e o próprio progresso motivaram a difusão de casas de espetáculos pelos principais centros do Brasil, nesta época. Vila Rica já possuía o seu teatro, que o historiador Salomão de Vasconcelos considera o mais antigo da América do Sul. Procurava-se transferir o teatro dos tabladros e dos locais de empréstimo, como as igrejas e os palácios, para uma residência própria.

O vazio do século XVIII pode ser considerado um tempo de preparação ao que viria mais tarde, quando as circunstâncias se mostrassem mais propícias.

Mesmo no início do século XIX não se altera muito a situação.

Os Inconfidentes de Vila Rica

Os inconfidentes de Vila Rica também deram ao Brasil uma contribuição teatral. O futuro rebelde Cláudio Manoel da Costa escreveu a peça "O Parnaso Obsequioso" para o aniversário do Governador de Minas Gerais, Dom Luís de Meneses. Vila Rica dispunha, naquelas décadas anteriores à Inconfidência, de intensa atividade artística, sobressaindo-se tanto a poesia como a escultura e, pela que se sabe agora, a música. "O Parnaso Obsequioso", drama circunstancial, não define as linhas gerais do teatro produzido pelos árcades. Outro inconfidente, Alvarenga Peixoto escreveu o drama "Enéias no Lácio", infelizmente desaparecido.

Pela qualidade literária dos poetas, pela importância de Vila Rica na época, o desconhecimento quase total de seu teatro é uma das lacunas mais lamentáveis do século XVIII.

Gonçalves de Magalhães e a primeira tragédia brasileira

Gonçalves de Magalhães, que lançou o manifesto poético do Romantismo, em 1836, foi também o autor do manifesto teatral, divulgado a 13 de março de 1838, numa noite histórica para o teatro brasileiro. Nessa data, representou-se no Rio de Janeiro sua peça intitulada: "Antonio José ou o Poeta e a Inquisição", cujo prefácio diz: "Lembrarei somente que esta é, se não me engano, a primeira tragédia escrita por um brasileiro, a única de assunto nacional". A estréia teve êxito. "Antônio José ou o Poeta e a Inquisição" constitui, no seu contexto, um protesto contra tôdas as formas de injustiça.

Uma outra peça de Gonçalves de Magalhães — "Olgiato" tem como enredo a reação ao mal que, finalmente, é vencido.

Martins Pena e a primeira comédia brasileira

Seis meses depois da primeira tragédia nacional, em outubro de 1838, houve a estréia de "O Juiz de Paz na Roça" — primeira comédia escrita por Martins Pena, de feitio popular, sem ambições, mas contendo observações satíricas a um aspecto da realidade brasileira. Foi a criação da comédia brasileira.

Martins Pena teve uma carreira curta e fecunda; escreveu, dos 22 aos 33 anos de idade, quando morreu, vinte comédias e seis dramas. Iniciou o verdadeiro teatro nacional, naquilo que êle tem de mais autêntico. Criou a nossa comédia de costumes. A comédia de Martins Pena constitui um painel histórico da vida do país, na primeira metade do século XIX. Com senso de atualidade e demonstrando sua capacidade de observação, Martins Pena fixou costumes e características que têm

continuado através dos tempos. Suas peças retratam as instituições nacionais, escolhendo como tema a realidade social e política, satirizando os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Focalizam o estrangeiro no Brasil, e as reações do brasileiro, com relação a êle. Apresentam a província e a capital, o sertanejo e o habitante das grandes cidades, em suas diferenças básicas. Combatem os indivíduos inescrupulosos, denunciando inclusive o tráfico ilícito de negros, na sociedade escravocrata brasileira. Criticam a moda, põem em destaque as manias mais comuns. Tratam da constituição da família, do eterno conflito entre as gerações.

Considerado "o Molière brasileiro", Martins Pena escreveu: "O Juiz de Paz na Roça", "O Cigano", "O Usuário", "Comédia sem Título", "Um Sertanejo na Côte", "Os Três Médicos", "Quem Casa Quer Casa", etc. Escreveu também os dramas: "Itaminda ou o Guerreiro de Tupã", "Fernando ou o Cinto Acusador" e "Vitiza ou o Nero de Espanha".

Em seu teatro profundamente moralista, Martins Pena não utilizou uma linguagem erudita, e sim a que é falada comumente, chegando mesmo a reproduzir os termos usados pelo povo. Eis um trecho datado de 1838:

"Vidoca, cá o rapaz é filósofo, e filosofia primeiro que tudo. O casamento não é negócio de estucha."

O teatro de Gonçalves Dias

Gonçalves Dias é um dos raros exemplos de quem só recebeu consagração da posteridade, passando desconhecido aos contemporâneos. Escreveu quatro peças: "Leonor de Mendonça", "patkull", "Beatriz Cenci", e "Boabdil". Nenhuma dessas quatro peças de Gonçalves Dias foi encenada no Rio de Janeiro ou em São Paulo, enquanto o poeta viveu.

Joaquim Manoel de Macedo

Ao contrário de Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo escreveu bem ao gosto do público, granjeando sucesso, igual ao que obteve com seus romances "A Moreninha" e "O Moço Loiro", que bem descrevem a atmosfera de seu tempo. Entre outras obras escreveu: "O Cego", "A Torre em Concurso", "O Fantasma Branco", "Cincinato Quebra-Louça", "O Macaco da Vizinha", "Antonica da Silva", "Romance de uma Velha", "O Primo da Califórnia."

José de Alencar

José de Alencar denunciava o desinterêsse do público pelas criações nacionais. Criticava igualmente a imoralidade de certos espetáculos, perguntando: "Não será possível fazer rir, sem fazer corar?" Em "Verso e Reverso", foi seu tema: o amor modifica a fisionomia da paisagem à volta. "O Crédito" mostra José de Alencar preocupado com as questões sociais: "A verdadeira caridade é a caridade que evita a miséria e não a que a alivia." "O Demônio Familiar" integrou a campanha abolicionista, assim como "Mãe", devido à sua mensagem nesse sentido. Escreveu ainda para o teatro: "O Jesuíta", "As Asas de um Anjo", "O que é o Casamento?", "Expiação."

Álvares de Azevedo

Na peça de Álvares de Azevedo, "Macário", encontramos o seguinte trecho:

"Ter revolvido e revolvido um livro a ponto de manchar-lhe e romper-lhe as fôlhas, e não entendê-lo! Eis o que é a filosofia do homem! Há cinco mil anos que êle se abisma em si, e se pergunta quem é, donde veio, onde vai... "

Castro Alves

Castro Alves, o poeta de "O Navio Negreiro", escreveu para o teatro um drama romântico, sob o título "Gonzaga ou a Revolução de Minas."

Machado de Assis

Alguns romancistas nossos escreveram peças teatrais. Foi o caso de Machado de Assis, autor de: "Lição de Botânica", "O Caminho da Porta", "Os Deuses de Casaca." Esta última peça apresenta uma alegoria, na qual o deus Júpiter, descendo do Monte Olimpo para vir à Terra, escolheu um dos trabalhos burgueses mais sólidos — o de banqueiro.

França Júnior, o continuador de Martins Pena

No teatro brasileiro França Júnior foi o continuador de Martins Pena, na preocupação de fixar os costumes, sendo mais realista e elaborado. Obteve um êxito excepcional com "Direi to por Linhas Tortas"; em "As Doutôras", satirizou o movimento feminista, em todos os seus exagêros. Outras peças de França Júnior: "Tipos da Atualidade", "A Lotação dos Bondes", "Maldita Parentela", "Meia Hora de Cinismo".

Artur de Azevedo e sua atuação no teatro da época

A figura de Artur de Azevedo dominou nosso teatro até a data de sua morte, em 1908. Fechou o ciclo iniciado com as comédias de Martins Pena, de quem foi herdeiro direto. Deixou-nos duas obras-primas da nossa dramaturgia, caracterizando com maestria tôda uma época: "A Capital Federal" e "O Mambembe". Escreveu ainda: "A Jóia", "O Dote", "O Retrato a Óleo."

Como suas peças estabeleciam uma comunicação direta com a platéia, prendiam a atenção do espectador durante todo o tempo do espetáculo. Não se limitando a escrever para o teatro, Artur de Azevedo cultivou o conto e a poesia humorística e, além de exercer atividade crítica, destacou-se principalmente como animador do movimento cênico. Em menos de três meses, encenou quinze originais brasileiros, dos mais diversos autores, inclusive de Júlia Lopes de Almeida.

Coelho Neto

Outro dramaturgo se inscreve na tradição cômica brasileira: Coelho Neto. Em sua peça "A Muralha" existe nítida influência de Ibsen. Escreveu, entre outras: "O Dinheiro", "Os Raios X", "Quebranto". Em "O Relicário", satiriza a superstição, a consulta aos orixás. Em "Fogo de Vista", o rapaz namora _ duas jovens ao mesmo tempo: janta cada noite na casa de uma das famílias, alternadamente; e explica assim a sua atitude: "éramos dois irmãos gêmeos, êle morreu... eu faço tudo por dois: durmo por dois, como por dois, queria casar-me por dois."

O teatro contemporâneo

O teatro contemporâneo brasileiro apresenta uma pluralidade de tendências. Consideremos Nelson Rodrigues uma espécie de desbravador, com suas peças "Vestido de Noiva", "O Beijo no Asfalto", "Bôca de Ouro". O teatro de Jorge de Andrade, autor de "A Moratória" e "O Telescópio", tem fontes rurais, pois o tema constante é o campo, com seus problemas específicos. Ariano Suassuna liga-se ao populário religioso, tendo se celebrizado com "O Auto da Compadecida", verdadeira obra-prima, e "O Santo e a Porca". Nesta última peça, por exemplo, detém-se na tendência humana de querer servir ao mesmo tempo a Deus e ao dinheiro... na avareza que tudo arruína, dando infelicidade ao avaro e a todos que o cercam. Gianfrancesco Guarnieri é o dramaturgo dos conflitos urbanos, autor de "Gimba", "Eles Não Usam Black-Tie", "A Semente".

O teatronco do CECOSNE

Existe no Recife uma instituição que não podemos deixar de citar. Trata-se do CECOSNE — Centro Educativo de Comunicações Sociais do Nordeste -, que tem promovido inúmeros cursos, tanto para adolescentes como para profissionais.

Organização pioneira, tem uma criação exclusiva — O "boneco-máscara" — o mais adequado para a televisão, e cuja técnica foi ensinada dentro do programa do I Curso de Teatroneco, organizado pelo CECOSNE. Entre os que participaram das aulas, encontravam-se: teatrólogos, professores e estudantes de Medicina, Teologia e Serviço Social, o que bem demonstra a necessidade da comunicação nos mais diversos campos da atividade humana. As novidades que surgem constituem um autêntico desafio.

13. O DOMÍNIO DA COMUNICAÇÃO NO MUNDO ATUAL

A pesquisa demonstrou que o norte-americano comum gasta cerca de 70% por seu tempo ativo comunicando-se verbalmente: ouvindo, falando, lendo e escrevendo, nesta ordem. Em outras palavras: cada indivíduo gasta de dez a onze horas por dia, todos os dias, em comportamentos de comunicação verbal.

As pessoas podem comunicar-se em muitos níveis, por muitas razões, com muitas pessoas, de muitas formas. Ruesch e Baterson prepararam um exemplo hipotético das espécies de comunicação que um homem típico, o sr. A, poderia usar num dia comum. O exemplo foi citado por David K. Berlo em "O Processo da Comunicação":

"De manhã, quando chega ao escritório, o sr. A lê a correspondência recebida (comunicação escrita) e encontra uma quantidade de folhetos que descrevem as qualidades de várias máquinas comerciais (comunicação ilustrada). Pela janela aberta ouve um rádio à distância e a voz do locutor enaltece a qualidade de uma marca de pasta de dentes (comunicação falada). Entra a secretária e lhe dirige cordial "bom dia", que ele responde com um aceno amigável de cabeça (comunicação por gesto). Mais tarde, dita algumas cartas à secretária, faz depois uma reunião (comunicação em grupo), na qual ouve opiniões de seus sócios. Nesta reunião, são discutidos alguns novos regulamentos governamentais (comunicação em massa) e seu efeito sobre as diretrizes da empresa.

Ao fim da reunião, é examinada uma resolução referente à concessão de gratificação anual aos empregados (comunicação em massa e em grupo).

Encerrada a reunião, o sr. A, meditando sobre negócios não concluídos (comunicação consigo), atravessa lentamente a rua em direção ao restaurante. No caminho, vê o seu amigo Sr. B, que entra apressadamente no mesmo restaurante (comunicação por ação). O Sr. A examina o cardápio (comunicação impressa), mas o aroma de um bife bem temperado desvia o seu olhar (comunicação química). Depois do almoço, resolve comprar um par de luvas. Entra na loja e examina com as pontas dos dedos, cuidadosamente, as diversas qualidades de couro (comunicação pelo tato). No tráfego, ele pára com o sinal vermelho e segue com o sinal verde (comunicação por símbolo). Levando o filho ao jardim zoológico, uma ambulância toca a sirene, e o Sr. A encosta junto ao meio-fio (comunicação por sons). Explica ao filho que a igreja do outro lado da rua é a mais antiga do Estado, construída há muitos anos, sendo um marco da comunidade (comunicação por cultura material). Já no fim da tarde, o Sr. A cede aos pedidos do filho e eles entram num cinema, para ver um desenho animado (comunicação por figuras). Chegando em casa, o Sr. A muda de roupa, a fim de comparecer a um espetáculo teatral (comunicação pelas artes)."

As expressões faciais, os movimentos das mãos e dos braços, constituem exemplos de comunicação por formas não orais. Empregando câmeras infravermelhas e outros dispositivos como o "medidor de gestos", os pesquisadores observaram os movimentos gerais do corpo de espectadores de cinema e televisão, e descobriram que as platéias comunicam seu interesse através desses movimentos corporais. Os namorados gostam de "falar" com os olhos; o próprio ato de ficar de mãos dadas é comunicação para os que se amam. E, pensando bem, esse assunto interessa apenas aos poetas?

Não. A comunicação em seus progressos, as suas manifestações e seu processo, envolvem todos os seres humanos, que se realizarão como pessoa humana na medida em que se comunicarem. O artista que não consegue comunicar sua arte ao público, não vende seus quadros. O escritor que não comunica suas idéias, não consegue leitores para as suas obras. O político, para obter popularidade, precisa se fazer compreendido pelo povo, precisa ganhar a confiança do eleitorado e tudo isso resulta do êxito na comunicação.

Não existe um momento determinado para que um ser humano transmita a mensagem que traz a outro ser humano. A própria vida é uma sucessão de comunicações. De mensagens que precisam ser compreendidas. No trágico naufrágio do "Titanic", o socorro demorou porque o barco mais próximo, pescando ilegalmente, interpretou a mensagem desesperada como ofensiva, e fugiu... ao invés de prestar auxílio. E os passageiros ficaram sozinhos. Portanto, não basta a comunicação. Ela precisa ser compreendida, para que diminua a solidão, derrube a incomunicabilidade.

David Berlo, em "O Processo da Comunicação", chama a nossa atenção para o fato de que, na época de nossos avós, a maior parte das pessoas ganhava a vida manipulando coisas, e não manipulando símbolos. Progredia o homem capaz de forjar uma ferradura melhor, de colher o melhor produto agrícola. A comunicação era importante também naquele tempo, é claro, mas era menos relevante para a carreira de um homem. Os tempos mudaram e continuam mudando. Há cinquenta ou setenta anos, o gerente de uma organização industrial conhecia tôdas as operações executadas em sua oficina; era capaz de explicar cada técnica, de executar êle próprio a maioria das tarefas. Com o desenvolvimento da automação e da produção em massa, afirma David Berlo na obra citada: "vimos o aparecimento do "gerente" profissional, o homem que chega ao tôpo da escada não pelo que é capaz de fazer com as coisas, mas pelo que pode fazer com as pessoas — por meio da comunicação."

Recordemos que, para transmitir seus sonhos e pensamentos a outros seres humanos, o homem teve a sua maior oportunidade com o advento da imprensa. Quando Gutenberg imprimiu o primeiro livro, começou uma nova era para a humanidade; os indivíduos tornaram-se mais próximos uns dos outros, ficaram menos solitários, menos limitados. A mensagem pessoal, a comunicação de um homem podia alcançar outros homens, longe dêle, em qualquer parte do mundo. Isso foi uma verdadeira revolução. Uma revolução intelectual, profunda. A Idade Moderna ofereceu aos povos novos meios de comunicação, invenções, máquinas, progresso; os novos meios de transporte encurtaram as distâncias.

O cinema, o rádio e a televisão diàriamente o poder da comunicação.

Os debates realizados na TV norte-americana pesaram bastante nas eleições presidenciais de 1960, dando a vitória a John Kennedy e derrotando Nixon, o candidato vencido antes no "video". Morto, John Kennedy deixou aos meios de comunicação o tesouro sem preço dos seus pensamentos e idéias. Os seus discursos continuarão a ser estudados e perdurarão até as gerações ainda não nascidas. O mesmo ocorre com relação a seu irmão, Robert Kennedy.

Embora a comunicação deva ser positiva, para que corresponda à sua grandiosa missão, encontramos muitos exemplos negativos. Mas John Sorrels explica:

"O jornal é mais do que um negócio, comércio ou profissão: é maneira de vida... o que adianta é o conceito que a própria pessoa tem de suas obrigações... O direito é uma nobre profissão, o mesmo se dando com a Medicina ou a carreira das Armas. Há, naturalmente, covardes e traidores entre os militares. Existem charlatães entre os médicos e caxixeiros entre os advogados. Existem também jornalistas venais. Mas, para cada charlatão existe uma centena de médicos honestos e sinceros, cujas vidas são altruisticamente dedicadas a seus clientes. Para caga caxixeiros existe também uma centena de advogados dedicados. E para cada jornalista venal, uma centena de profissionais cujo mais forte instinto é servir, é melhorar a sociedade em que vivem."

O homem, na sua dificuldade em se comunicar, vai encontrando um poderoso auxiliar no aperfeiçoamento das comunicações. E o mundo contemporâneo, onde as coisas surgem do trabalho das máquinas, cada dia valoriza mais aqueles que sabem lidar com as pessoas. As Relações Humanas acompanham de perto o progresso dos meios de comunicação.

Nos dias atuais, em que dispomos do cinema, rádio, TV, aviões supersônicos, telégrafo, telefone, satélites artificiais, os intelectuais se preocupam e escrevem sôbre a incomunicabilidade humana. Se vamos ao cinema, assistimos a filmes como "O Grito", de Michelangelo Antonioni — uma história de solidão, completa e silenciosa, agravada pelo egoísmo. Outros diretores, com algumas variações, exploram o mesmo tema.

Muitos afirmam que estamos nos tornando, à medida que os anos passam, mais solitários. Não é verdade. Já sentimos que o problema existe; certos fatos, verdadeiros sintomas, fazem-nos compreender que a agitação da vida contemporânea pode nos transformar em pessoas sem tempo livre para conversar, para trocar idéias.

Precisamos uns dos outros. O crescente aumento dos meios de comunicação deverá trazer, certamente, um decréscimo na solidão humana.

No dia 1/10/68, o Vaticano publicou a Carta Pontifícia sôbre o "Diálogo com os Não Crentes." Diz o documento, entre outras coisas:

"O diálogo dos crentes com os não crentes, apesar do perigo que encerra, não somente é possível como também recomendável. Pode versar sobre todos os temas que estão ao alcance da inteligência humana: religiosos, filosóficos, morais, históricos, políticos, sociais, econômicos, técnicos e culturais em geral."

"Entre os homens, mesmo entre aqueles distanciados pelas opiniões mais discrepantes, podem ser encontrados alguns pontos de convergência e de comunicação."

Esta comunicação, sempre tão necessária e urgente, e cuja falta pode levar o ser humano ao desespero, a abominar a própria vida, deverá ser o objetivo primordial da radiodifusão, da imprensa, da religião, da literatura, das artes e da ciência.

FIM

APÊNDICES

I - ESTATÍSTICA DA UNESCO SOBRE OS LEITORES DE JORNAIS

Os suecos são os que mais lêem periódicos - 501 por mil habitantes, seguidos pelos ingleses (488) e luxemburgueses (477).

Num grupo de doze nações: - Brasil, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Peru, México, Venezuela, Estados Unidos da América do Norte, Alemanha, França e Reino Unido - o Brasil figura em segundo lugar, ultrapassado apenas pela América do Norte, com 254 diários com tiragem total de 4 milhões de exemplares. Contrasta com o número avançado de jornais a baixa circulação: para cada mil habitantes, 60 exemplares em média.

A Argentina, com 180 diários, assegura vantagem de 100.000 unidades. E o Reino Unido, para 121 diários, tem 30 milhões de leitores. Igualmente com menor soma de diários, a França e a Alemanha ocupam situação muito superior ao Brasil. Lidera a estatística a América do Norte: 1.780 diários e 53 milhões de leitores. Proporcionalmente, porém, a Inglaterra lê mais. O maior jornal inglês é o "Daily Express", fundado em 1900 e com uma tiragem atual que ultrapassa os 4 milhões de exemplares, sendo impresso simultaneamente em Londres, Manchester e Glasgow.

São muito altas também as tiragens na Europa Oriental. Na União Soviética e na China, edições de um mesmo jornal têm impressões simultâneas em diferentes cidades.

II PROGRAMAÇÃO DE UMA EMISSORA EDUCATIVA DO NORDESTE BRASILEIRO: A RÁDIO UNIVERSITÁRIA, DO RECIFE

A programação que transcrevemos abaixo foi iniciada em agosto de 1968. Acentuemos, porém, que os programas dessa emissora são constantemente renovados ou substituídos, o que evita a fadiga do público. Com instalações precárias, o estúdio e seus transmissores localizam-se na Cidade Universitária, em Engenho do Meio, enquanto uma parte da Rádio permanece na Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco, à Rua do Hospício, 61.

SEGUNDA-FEIRA

12:00 - Abertura
12: 15 - Concêrto
13 : 00 - Carrossel de Variedades
13:30 - No Mundo da Música
14:00 - Orquestras Famosas
14: 30 - Curso de Inglês
14:45 - Canções em Língua Inglêssa
15:00 - Mundo, Mundo, Vasto Mundo
15 : 15 - Recital de Piano
16:00 - A FOP Fala da Nova Odontologia
16: 15 - Sétima Arte
16:30 - Música Ligeira
17: 00 - A Bendita Guerra
17: 15 - Caleidoscópico
17: 30 - Música Popular Brasileira
18:00 - Oração do "Pai Nosso"
18:05 - Colégio do Ar
19:00 - "A Voz do Brasil"
20: 00 - Música de Todo o Mundo
20: 20 - Curso de Alemão
20:35 - Canções em Língua Alemã
20:45 - Jóias do Folclore Brasileiro
21 : 00 - Curso de Francês
21: 15 - Canções em Língua Francesa
21 :30 - No Mundo do Teatro
21 :45 - Noticiário
22: 00 - Concêrto
24:00 - Encerramento

TÊRÇA-FEIRA

12: 00 - Abertura
12:05 - Concêrto
13:00 - Banda, Música e Alegria
13: 30 - Música de Ballet
14:00 - Música de Interlúdio
14:30 - Curso de Francês
14:45 - Canções em Língua Francesa
15: 00 - Caleidoscópico
15 : 15 - Recordando Melodias
15 :45 - Para a sua estante

16: 00 - Curso de Alemão
16: 15 - Canções em Língua Alemã
16: 30 - Música Instrumental
17:00 - História em Capítulos
17:15 - O Tema é... Nosso Idioma
17:30 - Música Popular Brasileira
18:00 - Oração do "Pai Nosso"
18:05 - Colégio do Ar
19:00 - "A Voz do Brasil"
20: 00 - Música de Todo o Mundo
20:20 - Aspectos de Organização Político-Social
20:35 Música do Cinema
21:00 Curso de Inglês
21:15 Canções em Língua Inglesa
21:30 - Educar Bem, Para Realizar
21 :45 - Noticiário
22:00 - Concêrto
24:00 - Encerramento

QUARTA-FEIRA

12:00 - Abertura
12:05 - Concêrto
13:00 - Ciência em Foco
13:15 - Recital de Piano
14:00 - Música Ibérica
14:30 - A História dos Jogos Olímpicos
14:45 - Música Ligeira dos Países Baixos
15:00 - Jóias do Folclore Brasileiro
15:15 - Música Sinfônica
15:45 - História da Literatura Brasileira
16:00 - Seleção de Música Brasileira
16:15 - História das Comunicações
16:30 - Recital de Órgão
17:00 - Passo a. Passo com a Ciência
17:15 - O Mundo em Suas Mãos
17:30 - Música Popular Brasileira
18:00 - Oração do "Pai Nosso"
18:05 - Colégio do Ar
19:00 - "A Voz do Brasil"
20:00 - Música de Todo o Mundo
20:20 - Curso de Alemão
20:35 - Canções em Língua Alemã
20:45 - A FOP Fala da Nova Odontologia
21:00 - Curso de Francês
21:15 - Canções em Língua Francêsa
21:30 - O CECINE fala em Ciência
21:45 - Noticiário
22:00 - Concêrto
24:00 - Encerramento

Na quinta-feira, destacam-se os seguintes programas:

13:00 - Música Ligeira
13:30 - Música Coral
14:00 - Orquestras Famosas
14:30 - Curso de Francês
14:45 - Canções em Língua Francesa
15:00 - O Tema é Frevo
15:30 - Cartaz de Londres
15:45 - Seleção de Música Brasileira
16:00 - Curso de Alemão
16:15 - Canções em Língua Alemã
16:30 - Mestres da Música das Américas
17:00 - Imagens Musicais
17:15 - Educar Bem, Para Realizar
18:05 - Colégio do Ar
20:00 - Música de Todo o Mundo
20:20 - Mundo, Mundo, Vasto Mundo
20:35 - Recordando Melodias
21:00 - Curso de Inglês
21:15 - Canções em Língua Inglesa
21:30 - Caleidoscópio

SEXTA-FEIRA

12:00 - Abertura
12:05 - Concêrto
13:00 - Música Ligeira
13:30 - A Música que o Mundo Consagrou
14:00 - Pavilhão Musical
14:30 - Curso de Inglês
14:45 - Canções em Língua Inglesa
15:00 - O CECINE Fala de Ciência
15:15 - Música de Câmara
16:00 - Música do Cinema
16:30 - Aspectos de Organização Político-Social
16:45 - Solistas e Orquestras
17:15 - Ciência em Foco
17:30 - Música Popular Brasileira
18:00 - Oração do "Pai Nosso"
18:05 - Colégios do Ar
19:00 - "A Voz do Brasil"
20:00 - Música de Todo o Mundo
20:30 - História em Capítulos
20:45 - A Bendita Guerra
21:00 - Curso de Francês
21:15 - Canções em Língua Francesa
21:30 - O Tema é... Nosso Idioma
21:45 - Noticiário
24:00 - Concêrto
24:00 - Encerramento

SÁBADO

12:00 - Abertura
12:05 - Concêrto
13:00 - Recital de Jazz
14:00 - Orquestras Famosas
14:30 - Curso de Francês
14:45 - Canções em Língua Francesa
15:00 - Histórias Infantis
15:15 - Seleção de Música Brasileira
15:30 - No Mundo da Música
16:00 - Banda, Música e Alegria
16:30 - Música Francesa
17:00 - No Mundo do Teatro
17:15 - Maravilhas da Ciência
17:30 - Música Popular Brasileira
18:00 - Oração do "Pai Nosso"
18:05 - A Música que o Mundo Consagrou
18:30 - O Tema é Frevo
19:00 - História da Literatura Brasileira
19:15 - Carrossel de Variedades
19:45 - Panorama Industrial
20:00 - Música Ibérica
20:30 - Sétima Arte
20:45 - Música de Interlúdio
21:15 - História das Comunicações
21:30 - O Mundo em Suas Mãos
21:45 - História dos Jogos Olímpicos
22:00 - Concêrto
24:00 - Encerramento

DOMINGO

12:00 - Abertura
12:05 - Concêrto
13:00 - Resposta aos Ouvintes
13:30 - Música Popular Brasileira
14:00 - Pavilhão Musical
14:30 - Tarde de Ópera
17:00 - Recital de Jazz
18:00 - Oração do "Pai Nosso"
18:05 - Música de Ballet
18:30 - Música Instrumental
19:00 - O Conto
19:30 - O Mundo das Imagens
19:45 - Temas de Atualidade
20:00 - Música Francesa
20:30 - Música de Todo o Mundo
21:00 - Música Coral
22:00 - Concêrto
24:00 - Encerramento

III - CINEMA E EDUCAÇÃO

Adaptação do livro de Irene Tavares de Sá

Todo homem nasce para se realizar como pessoa humana. Quando isso não ocorre, uma boa parte da responsabilidade recai sobre os educadores. Porque a educação pode contribuir decisivamente para que surja um ser humano frustrado, ou realizado.

O cinema pode ser um instrumento útil e eficaz nas mãos do educador que souber aproveitar-lhe as múltiplas possibilidades, graças à variedade de seus gêneros e seus extraordinários recursos técnicos e artísticos. Recomendamos a organização de cine-clubes, pois os mesmos contribuem para que o educando assuma uma posição de crítica, fornecendo-lhe meios de avaliar, de julgar um determinado filme, mostrando-lhe a sua beleza e os ensinamentos que transmitiu. O educador deve ter um caloroso entusiasmo pelo cinema, como elemento integrante da nossa cultura contemporânea. O seu critério, ao julgar um filme, obedecerá à seguinte orientação: "Em que medida este filme contribui para algum daqueles aspectos que garantem o enriquecimento da personalidade?" "O Homem que Inventou o Judô", filme premiado pelo seu alto valor no Festival de Cinema, no Rio de Janeiro, em 1965, apresentou uma linguagem incisiva e eficaz, ao condenar a violência e exaltar os valores autênticos. Relata a vida do homem que divulgou o judô como esporte humano, submetendo as ações a rigoroso treinamento do espírito. Nos cineclubes, os participantes têm a oportunidade de ver destacada a mensagem de cada filme, seja positiva ou negativa, com suas implicações sociais, suas aplicações históricas, seus paralelos, etc. O cinema presta-se então a uma conversa instrutiva.

"Do Outro Lado da Ponte", de Le Roy, conta-nos a história de um diálogo de entendimento entre as raças: uma americana e um japonês, que perderam seus filhos na Segunda Guerra Mundial e que, apesar de tudo, sabem "atravessar a ponte", criada pelo ódio e pela incompreensão. O tom, a atmosfera, o requinte da forma, a excelente interpretação, tudo concorre para criar um halo de luz e calor tão necessários às relações humanas.

A educação deve visar a uma lenta e progressiva integração na realidade. Muitos filmes ajudam a ver e a compreender a complexa engrenagem do comportamento humano, com suas contradições; através de obras realizadas, simples e confusas, pretenciosas ou autênticas. Escolhamos o melhor e ensinemos a ver, a distinguir, a apreciar devidamente, a aprender. Toda mensagem contém algum elemento estimulante para a inteligência e para a imaginação: pode dirigir-se também à sensibilidade e ativar a vontade. A mensagem principal preside e unifica o enredo.

Tomemos um filme hindu - "Mãe Índia", exemplo da produção de Um dos países que se acham à frente do cinema mundial, com mais de duzentos filmes por ano. Apesar do teor nativista e folclórico de muitas de suas fitas, temos nesta uma montagem de tipo universal. É a vida, a miséria e a dignidade de um povo, passadas em revista através das evocações da anciã que preside à inauguração de um canal irrigatório em sua aldeia. Encontram-se o presente e o passado, o progresso e a intemporalidade. Trata-se de um personagem simbólico, personificando a continuidade da família e de todos os valores que defende — tradições, ideais e sofrimentos. A velha mãe presidindo um empreendimento vital para a comunidade. Nela integrada, dela recebendo sua cota de dôres e alegrias; guardiã de tradições respeitadas a todo custo — ao preço de todos os sacrifícios. O valor da terra e sua importância para a família — a nova família que se forma... Apêgo ao solo ingrato que se recusou, sempre a abandonar e que recebe, com a inauguração uma promessa de fertilidade... Quem melhor do que à figura da mãe, envelhecida na luta pela sobrevivência do passado e do futuro, para simbolizar isso tudo no presente? Quantas motivações não contém um filme como êsse? Suscitando observações sobre tantos aspectos duma civilização milenar, tão rica por sua vez em poesia e simbolismo, ao lado de problemas tão graves — subdesenvolvimento, superpopulação, entre outros...

Os filmes de Carlitos, quando inteligentemente interpretados para um público jovem, encerram profundas lições sobre muitos problemas humanos — solidariedade e miséria, solidão e amor,

espírito inventivo e dinamismo... sôbre questões sociais e políticas — desde suas primeiras fitas cômicas até suas conhecidas obras-primas como "Luzes da Cidade", "Tempos Modernos"...

O filme "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" foi proibido apenas para os menores de 10 anos de idade! Entretanto, os pais devem considerá-lo inconveniente para essa idade, devido às cenas de extrema violência, matanças e trucidamentos. Como episódio regional, retrata aspectos reais num despojamento excelente, com interpretações de sensível valor artístico. Quanto ao ambiente, às situações em foco, aos sentimentos de ódio e vinganças, tornam o filme impróprio para crianças de dez anos. Ver como se ferra um homem, como se realiza uma vingança brutal, não nos parece indicado para o público infantil. A complexa e difusa evolução mística de um personagem perdido nos matizes contraditórios de uma reabilitação que culmina na defesa de inocentes e na matança de assassinos profissionais, foge também à compreensão de crianças de dez anos, por serem problemas e cenas de todo inadequadas para essa idade... Entretanto, a Censura Federal houve por bem cotá-lo para dez anos! Por que?! Pelo fato de uma obra ser artisticamente válida e aceitável como estudo social e psicológico não significa se destine ao público infantil. Não é apenas a ausência de cenas eróticas que torna aconselhável uma obra para a infância. Com adolescentes a partir de 14 anos, já seria possível discutir o filme como versão de obra literária rica em conteúdo e nuances do ponto de vista social e regional. Seria até mesmo uma possibilidade de encontro com a obra de Guimarães Rosa, permitindo aos jovens mais amadurecidos e apreciadores dos livros uma análise dos diferentes aspectos — literário e cinematográfico. Nós, educadores, não podemos nos fixar exclusivamente na ausência ou presença de "cenas imorais", ignorando a importância de outras influências psicológicas, deixando de apreciar uma obra do ponto de vista educativo. Filme como "Cedo Demais para Amar" e "Amanhã será Tarde Demais" propõem uma visão moral sôbre o amor e o sexo, permitindo que o assunto seja discutido e que os adolescentes se liberem de suas dúvidas. Portanto, são filmes "positivos". Já uma película como "Vagas Estrêlas da Ursa", levanta questões de tal ordem que, apesar de suas qualidades estéticas e seu final positivo, não pode ser aconselhada para jovens, mesmo de 18 anos, sem uma análise de profundidade. Quanto a películas chocantes e sórdidas, que só apresentam a corrupção e o mal sob pretexto de que é a realidade... são inconvenientes para qualquer público. Pois também é realidade que os alimentos se decompõem — e ninguém se serve dêles nessas condições...

Uma "cultura" cinematográfica pode ser iniciada na infância, por volta dos oito anos. Irene Tavares de Sá nos fala de uma experiência realizada com alguns meninos dessa idade, quando foi chamada a atenção dêles para a violência e inverossimilhança de certas situações nos filmes a que assistiram, e êles entenderam, passando a aplicar êsse critério de observação em outras películas. Cabe-nos desenvolver desde cedo: o senso estético, para que obras medíocres não sejam apreciadas; a capacidade de julgar; o sentido do real e do irreal. A cultura cinematográfica deveria ser assunto de interêsse para os pais, a fim de habilitá-los a acompanhar um pouco melhor o processo das influências que o cinema pode exercer sôbre seus filhos.

O público jovem da classe média vê habitualmente seis a oito filmes por mês, sem falar nos da TV. Há quem veja dezesseis por mês! Ou até quinze vêzes o mesmo filme. Novos ídolos surgem e a juventude os elege e imita, com devoção e entusiasmo. A infância mostra-se sensível de modo especial aos desenhos animados, que nem sempre podem ser considerados inofensivos. Alguns dêsses desenhos mostram às crianças: pequenas maldades, crueldades; desenvolvem o instinto de agressividade; ou focalizam problemas de adultos — rivalidade amorosa, as vantagens de um furto e da astúcia, etc. Não são, portanto, educativos, ou sequer inofensivos. O importante é não deformar desde cedo o bom gôsto, ou desvirtuar os valores morais, sociais, artísticos.

O cinema é uma escola de costumes, fato êste comprovado pelo comportamento da juventude: modas, atitudes e preferências. Por que não utilizá-lo para debates e conversas? Por que não considerá-lo um instrumento valioso de educação?

No filme "Clamor do Sexo", temos uma visao familiar falseada; assim como em "Candelabro Italiano", a inverossimilhança se manifesta no plano sentimental e moral. Esses e outros aspectos relativos à VERDADE devem ser destacados sempre, se quisermos que os adolescentes formem um justo juízo sôbre as obras a que assistem. Êles precisam se familiarizar com o artificialismo de

certas situações que SENTEM como irreais ou falsas, e para as quais podemos despertar seu senso crítico e; analítico. Dessa maneira, êles se tornarão conscientes da carência dos elementos fundamentais, ausentes em determinada situação onde deveriam estar presentes, como na "Balada do Soldado". Em nenhum momento dêste filme, por mais dramático que seja, alguém reza ou eleva o pensamento a Deus — homem ou mulher, moços ou velhos quando sabemos quão religiosa sempre foi a alma russa... nem sequer em presença da morte a Avó reza... Essa inautenticidade corre por conta da posição filosófica do diretor e, por ser inautêntica, precisa ser comentada.

O filme "Se Todos os Homens do Mundo" constitui um exemplo de película de mentalidade humanista, com um tema que representa, por si mesmo, uma unidade didática, estimulante e inspiradora para a juventude. Adoecem os tripulantes de um pequeno barco pesqueiro. Somente um sôro obtido no Instituto Pasteur poderia salvá-los. Através de um circuito de radioamadores, mobilizam-se algumas pessoas que, aos poucos, vão ampliando o âmbito de ação, até que, dentro do curto prazo exigido — poucas horas — o sôro cai nas proximidades do barco, jogado de um avião. Apenas um dos tripulantes, o único que não provara o alimento envenenado, continua de pé. Era juntamente o elemento desprezado pelos demais e que, afinal, se atira nas águas geladas do Mar do Norte para recolher a vacina... A simplicidade, o realismo e o suspense imprimem intensidade dramática ao filme, ao mesmo tempo que por êle perpassa um grande sôpro de solidariedade humana. Indivíduos de diferentes nacionalidades, importantes companhias de aviação, um jovem radioamador de Paris, um cego de guerra em Berlim, civis e militares, homens e mulheres, todos se movimentam a fim de salvar Um punhado de vidas humanas — e o conseguem, após denodados esforços. Efeitos especiais dão-lhe um tom de documentário elaborado, repleto de indícios sugestivos, realçados por uma simbologia eficaz. Quantas lições para os adolescentes, que despertam para os problemas mundiais! "Se Todos os Homens do Mundo" focaliza o heroísmo anônimo, apagado, demonstrando, o que poderia ser o panorama mundial, se houvesse um pouco mais de boa vontade entre os homens.

Na fita "A Bela Americana", comédia de situação, o tom incide sôbre a solidariedade dos personagens, expressa no espaço limitado onde todos vivem, no recanto de um bairro: Trata-se de uma comédia de mensagem filosófica... Dentro da metrópole desumana, um grupo convive e compartilha das vicissitudes diárias, assumindo alegremente os problemas próprios e alheios, em ritmo inalterado até que... O "forasteiro" que vem alterar a paisagem, mobiliza atenções e suscita conflitos é um espetacular carro de luxo — "a bela americana", que o herói compra por um preço irrisório. Tôda a vida do modesto operário se convulsiona. Tudo à sua volta se modifica. Onde alojar o luxuoso carro? O que fazer daquele veículo que chama a atenção de todos por onde passa e leva seu dono à recepção oferecida por uma embaixada, enquanto o guarda de trânsito solícito, pensando tratar-se de algum embaixador, apita e lhe abre caminho? O filme constitui um retalho do cotidiano, convulsionado pela presença do elemento estranho, afinal dominado pelo bom senso — o belo, luxuoso e inútil "cadillac" foi transformado em carroça de sorvete e faz grande sucesso no Hipódromo. De instrumento de luxo e de ociosidade, o belo conversível transforma-se em instrumento de trabalho. É a prosperidade firmada na realidade e no esforço cotidiano. A lição parece ser esta: o que beneficia o homem não é o que lhe chega às mãos sem esforço, mas o que êle faz com suas próprias mãos, valendo-se de sua imaginação e inteligência.

A mensagem de "A Ponte do Rio Kwai" está centralizada na palavra "loucura", dita no final, pelo médico... Tôdas as guerras são cruéis, desumanas e absurdas — hipnotizam os homens, suscitam baixos instintos e grandes represálias... Demonstram quão atrasada se acha ainda a humanidade, quão primitivo é o homem, quão longe está dos princípios cristãos e humanitários, por mais que alguns se esforcem por implantá-Ias e amenizar as condições impostas pela guerra. E o médico do filme murmura, inutilmente, sôbre o verdadeiro sentido da guerra: "Loucura, loucura!"

Outro filme que se presta bastante a debates com adolescentes — "O Melhor dos Inimigos" — temos nesta sátira um pelotão italiano durante a guerra da Abissínia, defrontando-se com alguns soldados inglêses seus inimigos. A sorte dos prisioneiros e dos vencedores alterna-se por diversas vêzes neste curioso filme sôbre a antibravura... O circunspecto comandante inglês, sempre digno apesar de maltrapilho, conferencia com o desgostoso capitão italiano sôbre as suas mútuas

vicissitudes. No fundo se estimam e não se consideram inimigos... No episódio do lago e da floresta incendiada, refugiando-se os dois pelotões na pequena ilha do centro do lago, confraternizam. Mais adiante, organizam um acampamento e jogam futebol. Após muitas peripécias, alcançam a estrada e um comboio militar os recolhe. Trocam-se diálogos. Ninguém se odeia, todos precisam viver e regressar a seus lares, às suas famílias! Antes de se separarem trocam cortesias militares. Afinal, por que lutamos uns contra outros?! Esta hilariante sátira sobre a guerra e sua estupidez perde muito em ser descrita. Seu humanismo subjacente, a sóbria comicidade das situações e diálogos deixam no espírito do espectador a lembrança do que poderiam ser as relações humanas, se houvesse no mundo um pouco mais de bom senso e compreensão — um pouco menos de vaidade e ambição.

IV A MENSAGEM DE CADA FILME

As platéias cinematográficas recebem, de cada filme, uma mensagem. Um elo se estabelece entre o que se passa na tela e a mente e o coração do espectador. Uma paisagem, um diálogo, uma determinada circunstância, transferem-se da tela e se projetam muito além do espaço físico, atingindo o ser humano.

Cabe-nos estar atentos, sêmos receptivos à Beleza, à Bondade, à Justiça. Cabe-nos ter o discernimento e a firmeza de rejeitar a Violência, a Vingança, a Maldade. Cabe-nos a responsabilidade de valorizar e prestigiar as exibições de valor, rejeitando as medíocres, as que encerram baixeza e corrupção sem qualquer mensagem positiva.

Para exemplificar, citaremos determinados filmes e algumas frases que deveriam ter sido gravadas pelos espectadores. Alguns dêles, apenas se destacaram devido a um instante de sentimento, de sensibilidade, sem que sejam propriamente uma obra de arte ou uma ótima película. Mas, de qualquer modo, fizeram uma comunicação, que registramos aqui.

"A Fonte dos Desejos" (Three Coins in tre Fountain)

"- Não há preparação para uma sentença de morte, há?
- Há tôda uma vida..."

"Um Fio de Esperança" (The High and the Mighty)

"A mocidade jamais desaparece em um homem... a menos que êle próprio a mate."

"Matar ou Morrer" (High Noon)

"Você tem ombros largos e é forte. Mas êle é um Homem."

"A Experiência Culminante" (The Crowning Experience)

"Falhei em relação a Charlie porque não lhe dei um objetivo para a sua vida, um objetivo que curasse a amargura do seu coração."

"O Vento Não Sabe Ler" (The Wind Cannot Read)

"Levarei comigo sua doçura... sua ternura... sua coragem... Por tôda a minha vida."

"O Velho e o- Mar" (The Old Man and the Sea)

"O homem não foi feito para a derrota.":

"A sorte é algo que aparece sob várias formas e não sabemos reconhecê-Ia."

"Cada dia é um dia nôvo."

"A única coisa que não era velha em seu rosto eram os seus. olhos. Eram da côr do mar... sem sombra de derrota."

"Não posso, agora, pensar no que não tenho. Devo pensar no que fazer com o que tenho."

"Cimarron"

"Muitas pessoas sonham em recomeçar uma nova vida em algum lugar, em algum dia."

"- Não. recebo dinheiro pela morte de um homem.

- Então, por que se arriscou?

- Eu me sinto responsável."

"Spartacus"

"- Que sei eu? Nada sei... nada!

- Você sabe coisas que não se ensinam.

- Mas eu quero saber. Quero saber.

- O que?

- Tudo. Por que as estrélas caem e os pássaros não. Onde o sol se esconde à noite. De onde vem o vento.
- O vento vem de uma caverna. Um jovem deus está sonhando com uma donzela e suspira."
"O homem livre e o escravo, quando morrem, perdem duas coisas diferentes. O homem livre perde a vida. O escravo perde o sofrimento."
"Entre nós, jamais haverá despedida. Enquanto um de nós viver, todos viveremos."

A Sombra da Guilhotina" (A Tale of Two Cities) "

"Ninguém deveria roubar os sonhos de um homem."

"Estou contente porque chegou a hora de provar tudo o que eu disse."

"Suave é a Noite" (Tender is the Night)

"É bom ver-se alguém amar tão corajosamente e ser amado."

"Exodo" (Exodus)

"Não queria que você fôsse dessas mulheres... Jovens sem amor, velhas sem amizade."

"A vida só tem sentido quando a compartilhada com alguém."

"O importante são as pessoas."

"Marcados pelo Destino" (Tiger Bay)

"Um amigo nunca mente para o outro;"

"Um dia, serás mocinha... Linda... Alguém te amará. Então, terás o maior poder do céu e da terra. Com algumas palavras, poderás fazer alguém feliz, ou infeliz. Pensa bem, antes de dizê-las. Pensa muito, muito!"

"Onde quer que estejamos, seremos sempre amigos."

"Dias de Glória" (Days of Glory)

"A vida inteira estive à tua espera."

"Sêde de Vingança" (The Hook)

"Ou será porque o homem, quando mata, mata algo em si mesmo... e chora por si próprio?"

"- Lindo dia!

- Menino, qualquer dia em que uma guerra acabe é um dia lindo!"

"Selva Trágica"

"A gente quer que a mulher escolhida jamais tenha sido tocada. É diferente quando outros vieram antes — e disseram e fizeram com ela tudo aquilo que nós sonhamos dizer e fazer com ela."

"Horas Perdidas" (Stolen Hours)

"Tudo é muito lindo. Mas nós só reparamos quando corremos o risco de perder tudo."

"Nós sempre somos mais corajosos do que pensamos ser."

"Casar é como viver... dia a dia... Eu quero casar com você diàriamente."

"A Sétima Aurora" (The Seventh Dawn)

"Você tem tudo e, todavia, não tem nada. Você próprio não percebe. Mas, para ser feliz, é preciso acreditar em alguma coisa."

"Quando se acredita realmente numa coisa, se é capaz de torná-la real."

"- Eu não seria capaz de trair o nosso amigo.

- Eu também ne neguei.

- Se o fizesse, eu o odiaria, como odiaria a mim mesma. Não poderíamos nos encarar novamente. Sabe o que vale poder encará-lo agora? Vale mil anos de vida!"

"Lilith"

"Gostaria de ter um trabalho em que me sentisse útil às pessoas."

"Morituri"

"Para realizar os seus sonhos vocês precisam de algo mais que violência. Precisam de um pouco de compaixão."

"- Acha esta guerra idiota?"

- Tôdas as guerras são idiotas. Nenhuma é diferente."

"Gengis Khan" (com Ornar Shariff no papel-título)

"Tribos que lutam entre si não formam uma nação."

"História de um Homem Mau" (The Singer Not the Song)

"Ninguém fica jamais inteiramente só."

"- As pessoas devem se preparar para sofrer por aquilo em que acreditam.

- Mesmo os padres?"

- Especialmente os padres."

"Como deve ser incômodo e como deve ser fascinante ser um homem bom!"

BIBLIOGRAFIA SUMARIA

Bahia, Juarez - "Jornal, História e Técnica" - MEC - 1964.

Beltrão, Luiz - "Iniciação à Filosofia do Jornalismo" - Agir, 1960.

Berlo, David K. - "O Processo da Comunicação" Publicações Técnicas da Aliança - 1963.

Commager, H. - "A Luta pela Liberdade" - Lidador - 1965.

Curso de Cinema - impresso do curso promovido pela Ação Católica Brasileira, em 1965, no Rio de Janeiro, Guanabara.

Fergusson, Francis - "Evolução e Sentido do Teatro" - Zahar, 1964.

Ismael, J. C. - "Cinema e Circunstância" - Buriti - 1965.

Levine, E. - "O Fabuloso Homem da Impressão" - Lidador 1.a edição brasileira, 1965.

Magaldi, Sábato - "Panorama do Teatro Brasileiro".

Pastore, John O. - "A História das Comunicações" - Cultrix.

Pinto, Estêvão - "História Medieval" - Editôra do Brasil, 1964.

Pinto, Estêvão - "História Moderna" - Editôra do Brasil, 1964.

Rizzini, Carlos - "O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil" - Livraria Kosmos Editôra - 1946.

Romero, Alberto - "O Assunto é Jornal" - Ouvidor, Rio.

Sá, Irene Tavares de - "Cinema e Educação"- Agir, 1967.

Sá, Irene Tavares de - "Eva e Seus Autores" - Agir, 1963.

Segismundo, Fernando - "Imprensa Brasileira" - Editôra Alba, 1962.

Silveira, Walter da - "Fronteiras do Cinema" - Edições Tempo Brasileiro Ltda. 1966.

Sodré, Nelson Werneck - "A História da Imprensa no Brasil" Civilização Brasileira, 1966.

Vianna, Hélio - "Contribuição à História da Imprensa Brasileira"

Wiener, Norbert - "Cibernética e Sociedade" - Edit. Cultrix, 1969.

COMPOSTO E IMPRESSO NA DISTRIBUIDORA PAULISTA DE JORNAIS,
REVISTAS, LIVROS E IMPRESSOS LTDA. RODOVIA PRESIDENTE OUTRA, KM
387 GUARULHOS - ESTADO DE SÃO PAULO

Leia também:

Comunicação de massas e poder de criação
R. MUELLER

Introdução sistemática ao estudo da Sociologia
H. JOHNSON

Planejamento e análise da pesquisa
H. HYMA

Moderna análise política
ROBERT DAHL

Currículo Moderno
R. FLEMING

O intelectual e as massas
ERIC HOFFER

Fanatismo e movimentos de massa
ERIC HOFFER

Bibliotecas, pesquisas, leituras
MEIMMER BAISDEN, BOLT (adaptação para o português por MARIA ALICE
CARVALHO do Instituto Nacional do Livro)

Questões básicas de sociologia cultural
A. TOFFLER

Se v. não encontrar na sua livraria escreva para Editôra Lidador Ltda.
Rua Aires Saldanha, 98-A - GB